

Seguro automóvel obrigatório vai custar mais caro

O seguro obrigatório de responsabilidade civil dos proprietários de veículos vai passar a custar bastante mais caro, em função da adaptação da nossa legislação aos princípios em vigor nos países da CEE. De acordo com uma proposta da Associação Portuguesa de Seguros o aumento da responsabilidade civil (que actualmente é de 60 contos) e o do prémio do respectivo seguro será gradual, por forma a atingir o mínimo imposto pela Comunidade na data da adesão.

As directivas comunitárias sobre o assunto impõem a adopção de um valor mínimo de responsabilidade civil que abranja não apenas a responsabilidade por danos pessoais (como acontece no nosso caso) mas também por danos materiais. Este valor ultrapassa em muito o estipulado na lei portuguesa ascendendo a dezenas de milhares de contos. Segundo fontes ligadas à indústria seguradora o aumento do prémio resultando da elevação da responsabilidade seguradora será muito menos que proporcional ao crescimento desta. Dado que não foi negociado com a CEE qualquer período transitório para a actividade seguradora, a legislação comunitária terá que entrar em vigor nesta matéria imediatamente após a concretização da adesão. Neste momento ignoram-se os efeitos exactos que estas alterações terão no valor dos prémios a pagar e desconhecer-se o calendário da harmonização legislativa imposta pela CEE.

Mota Pinto vai comunicar a sua posição amanhã

Coligação na expectativa



Mota Pinto e Pedro Santana Lopes: um embate frontal

Mota Pinto, que só hoje regressa de Coimbra, onde permaneceu desde o abandono, no último fim-de-semana, do Conselho Nacional do PSD, convocou para amanhã uma reunião da Comissão Política do seu partido na qual tenciona comunicar a sua posição depois da forte contestação à sua liderança, ultrapassada pela escassa margem de dois votos. Não está excluída a possibilidade do (ainda) presidente dos sociais-democratas abandonar o cargo que vem desempenhando, sem esperar pelo novo Conselho Nacional, marcado para o próximo fim-de-semana. Se tal vier a verificar-se, poderá abrir-se uma nova e importante brecha na coligação governamental, embora tendências sociais-democratas, como a de João Salgueiro, afirmem que não está em causa a presença do PSD no Governo. Da parte do PS regista-se uma total recusa em comentar o resultado (de certo modo inesperado) do Conselho Nacional do PSD. Trata-se, afirmam fontes socialistas, de um assunto interno daquele partido, pelo que qualquer reacção seria despropositada antes do novo Conselho Nacional, no qual deverá jogar-se a presença do PSD no Governo.

Pág. 5

Em carro alugado por um italiano

Cadáver carbonizado na serra de Sintra

Pág. 9

Abecasis anuncia taxa de saneamento

Água de Lisboa poderá subir aos 90 escudos

Os lisboetas poderão, ainda este ano, ter de pagar cada metro cúbico de água consumido por uma média de 90 escudos. Tal será o resultado da aplicação de uma taxa de saneamento que Abecasis se propõe aplicar com o objectivo de arranjar financiamento para o grande interceptor de esgotos, cuja adjudicação está prevista para o ano corrente. Saliente-se, contudo, que a aplicação desta medida ainda não está

aprovada pela vereação e que a discussão não será pacífica; por um lado é conhecida a oposição da APU, argumentando que se trata de um novo imposto e que são possíveis financiamentos alternativos; por outro, por se tratar de ano de eleições autárquicas em que medidas impopulares, como esta, são de difícil aprovação.

Pág. 9

“Sunday Times” assegura que vaga de atentados foi combinada em Lisboa

Pág. 8

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

**SOS
CCTV**

**OS PROFISSIONALIS-
TAS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO**

**ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE**

**88 27 86
89 98 26**

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAÛ, 8, 1.º — LISBOA

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

Se os jovens pudessem...



Fernando, 16 anos, distribuidor

“Os filhos dos trabalhadores têm fome”

- Escolheu a sua profissão?
- Não, foi a minha mãe que me arranhou este trabalho.
- Gosta do que faz?
- Sim... agrada-me o ambiente, gosto de andar na rua.
- Porque começou a trabalhar tão cedo?
- Tínhamos algumas dificuldades em casa e eu resolvi empregar-me para ajudar os meus pais.
- Estudou?
- Andei na escola até à 4.ª classe.
- Gostava de continuar?
- Gostava, mas não tenho possibilidades económicas para isso.
- Dizem que o ensino é gratuito...
- No fundo não é, porque temos que pagar os livros.
- Como está o País?
- Não sei muito bem, mas acho que está mal, com a fome que há.
- Conhece alguém que passe fome?
- Não, mas oigo dizer que há.
- Como vivem os portugueses?
- A maior parte vive cada vez pior.
- A quem se pode atribuir responsabilidades por essa situação?
- Não sei, talvez ao Governo.
- O Governo não tem melhorado o nível de vida dos portugueses?
- Não, e esse é que é o problema.
- O que deveria ser feito?
- Uma das coisas era pôr os trabalhadores da Lisnave a trabalhar, a pagarem-lhes.
- Qual a sua opinião sobre salários em atraso?
- Os filhos dos trabalhadores têm fome e os «melos» em vez de lhes pagarem estão-se a encher. Eu sei porque tenho lá um primo.
- O Governo devia tomar uma atitude para solucionar o problema?
- Pois devia, o País não pode continuar assim. E deviam também dar trabalho aos jovens, para acabar com o desemprego e com a miséria.
- A situação dos jovens está difícil?
- Está, está. O meu irmão, como não tem trabalho, anda a vender lotarias.
- Mais bombas foram postas e reivindicadas pelas FP-25.
- Qual a sua opinião sobre este tipo de actuação?
- Não concordo, é um atentado à vida das pessoas. Deviam aplicar outras formas de luta.
- Que outras formas?
- Não sei. Talvez o melhor seja não fazer muitas «ondas», senão o Governo ainda faz pior.
- Acha que a passividade é a melhor forma de contestação contra situações de injustiça?
- Não sei, nunca pensei nisso. Não me meto nessas coisas.
- Se pudesse governar o que começava por alterar?
- A primeira coisa a fazer era acabar com o desemprego.
- E como faria?
- Arranjava mais postos de trabalho e obrigava os patrões a manterem os empregados que já têm, não se admite que despeçam os trabalhadores.

Política de ambiente e de qualidade de vida

A ecologia, a habitação e os interesses pessoais e de grupo (4)

Damos continuidade assegurada aos nossos artigos de 15/16/19.Jan. em que apresentámos definições de ecologia e de biologia (estas ciências, afins ou em precedência uma da outra) e em que, por último, fomos cair, não por acaso, mas deliberadamente, em outro conceito — discriminar. Talvez, também, a carecer de certa ponderação e análise prévia no domínio ou âmbito de discussão em que desejamos colocá-lo.

Discriminar

O mais resumidamente possível, discriminar, segundo douts fontes que não necessitamos enumerar, quer dizer, por outras palavras, bem o sabemos todos: separar, diferenciar, actuar com parcialidade, fazer uma distinção, etc., etc. Todavia, se nós fosse autorizado reforçar essa distinção, digamos assim, deveríamos acrescentar: «onde se não deve». Tão-só, pois. Estará, talvez, implícito, mas seria bem melhor, enquanto nos vamos democratizando (e a transição é mais ou menos rápida, outrossim mais ou menos lenta), dizer: «discriminar» é fazer distinção (ões) onde se não deve». Dito de outro modo, já como regra ou princípio: «não se deve discriminar» ou «não se deve fazer distinções (é claro que no domínio em que nos situamos, discutindo «ecologia de habitação», feito já por nós esse prometimento).

Justificação histórica

O séc. XX fez cair muitos tabus, muitos mitos. Já vimos, e também todos o sabemos, que o colonialismo se justificou a si mesmo, porque era aceite como fórmula e doutrina política de domínio de uns povos (considerados superiores) sobre outros. Definidos estes de inferiores em relação aqueles. Não se tendo, no entanto, discutido, porque admitido inútil, se essa distinção (discriminação, hoje) seria também absoluta. E em função de que, ou quais, pressupostos. O racismo, muito embora já no séc. XX, sustentou-se e justificou-se na Alemanha de Hitler e na Itália de Mussolini. Tendo aqui, por contaminação, por osmose ou por outras causas, influenciado o regime do doutor Salazar. A discriminação, durante esse longo período de meio século, em Portugal, assumiu, no entanto, formas particulares diversas. Nas relações das pessoas e dos diversos grupos ou estratos sociais.

E ainda, de facto, no séc. XIX,



Os «bichanos» do telhado, seriam os «subalternos», e os de raça (o da gravura), como o homem (animal ou pessoa, assim se queira), também, ecologicamente, usufruem de «territorialidade». A galeria é para ser compartilhada, no acesso, por 4 habitações. Mas, a última chamou a si, naturalmente, a posse definitiva da 4.ª parte da galeria-varanda. Arquitectura discriminativa?

um tanto contraditoriamente, pois, o conselheiro Acácio, para Basílio de Brito, lhe dizia a propósito do Passeio Público: «Os preços diminutos favoreciam a aglomeração das classes subalternas... Que longe do seu pensamento lançar desdouro nessa parte da população...»

A osmose racista e hábitos de discriminação social, na linguagem e no pensamento, terão facilitado o que, afinal, conveio ao doutor Salazar na criação do estatuto social que com o seu regime se instaurou. Fomentaram-se e criaram-se, e ainda lamentavelmente subsistem a nosso ver, classes diferenciadas. Uma «prestigiada» e privilegiada (1), outras subalternas. Estas não necessariamente escravizadas, mas submissas, aceitando, fatalisticamente, as distinções, a discriminação, a insegurança não democrática. É hoje, que os políticos dos cargos cimeiros se arrogaram a si próprios do direito «discriminativo» de se elegerem à condição de «dignidade» por aumentos de salários desproporcionados em relação aos das classes, por esse facto, ainda desprotegidas e subalternas. Persiste, pois, de algum modo, discriminação... onde, afinal, nos

parece, justamente como exemplo, não deveria subsistir.

Democratizar igualar

Se persistem pruridos destes, no pensamento e na governação, como vamos «democratizar» o país e as pessoas? Como iremos resolver o «problema da habitação», enquanto para as classes classificadas de subalternas se considerar que as habitações que para elas se construírem são «dávadas» do Estado? (Favor ver, «Diário de Lisboa» de 9.Ago.82). Ou que podem essas habitações ser concebidas na sua arquitectura, não respeitando características «ecológicas», em toda a extensão generalizada do termo. Isto é, humanas, ou seja, garantindo territorialidade, intimidade familiar e privacidade ou privacidade individual no seio da família convivente? Se já se não constroem, o que pensa fazer-se das que, erradamente, se edificaram e que, por isso, por defeituosas, fatalmente se degradam? O problema da habitação não se situará, pois, unicamente na carência de novos fogos por aumento demográfico. Nem tão-pouco, con-

siderando em acréscimo prédios em ameaça de ruína ou em falta gravosa de condições sanitárias.

O «problema da habitação», ou a crise (enormíssima, melhor dizendo), teria de encarar, em termos actuais, i.e., evoluídos, a substituição de fogos recentemente construídos, carecendo de mínimos «ecológicos». Isto é, em si mesmos, e, preocupantemente também, nos espaços livres, envoltivos, em que se contém.

Prossiguiamos.

R. Toulson A. Leite

(1) — Dizia Vasco Pulido Valente, em «A Tarde», de 10.Ago.82, seu artigo «O que é a corrupção?»: «A corrupção começa logo na prática generalizada do segundo emprego. A quantidade de directores-gerais, chefes de serviço, dirigentes menores e simples técnicos, que passam a correr pelos seus gabinetes, no intervalo de vastas ocupações privadas, desafia a imaginação.» Perguntamos nós, um tanto ingenuamente, diga-se: Como será possível estruturar governativa, institucional e economicamente este estado de coisas, aceitando discriminação de funções para muitos e «favores» discriminativos para as altas esferas?



Trabalho de mercado

Lia Viegas

A chegada, a molé humana chorava, gritava. Os filhos separados das mães, os maridos de suas mulheres, o irmão do seu irmão. Despedaçados, aflitos, amedrontados. Apanhados à falsa-fé (em nome da fé e do império) em suas terras longínquas, os primeiros escravos negros chegavam a Lagos. Mil quatrocentos e tantos. Ai eram vendidos no mercado. Por ordem e obra do Infante D. Henrique, o de Sagres, o Descobridor. Gomes Eanes de Azurara, cronista oficial, descreve essas cenas pungentes com um realismo insuperável. Lembrei-me disso em plena viagem Paris-Lisboa, no Sud-Express. À partida, Gare Austerlitz, que derrotas entre a saudosa gente. Partem as mulheres, ficam os maridos. Partem os pais que foram visitar os filhos, porteiros, pedreiros, operários não qualificados. Lá vive-se melhor, mas não se tem a família. E longe da terra. Quando voltarem, vão fazer uma casa. Um abrigo, em lugar seu? Um lugar ao sol, um lugar na terra. Na sua terra, mãe que espera? E ainda dizem, dizem, que somos aventureiros. A demanda é o regresso. É a união. Que o Mercado Comum mesmo quando floresceu. Tira-lhes o que é seu. Já não se lembram bem. Seis

anos em Itália e esqueceu o português. E na Holanda, com quem falar a língua pátria? A menina aplicava-se, num manual de bolso holandês-português. Ao contrário, queria aprender o flamengo. Para ir ter com seu pai. Talvez lá pudesse viver, se ele arranjasse documentos. Que ela e sua mãe, sozinhas, em Portugal.

Dos que regressavam, uns falavam ainda algumas palavras em português, e inventavam outras, misturavam, recortavam e colavam noutras construções de frase. Vindos da Babilónia, da Macedónia, ligavam a custo as palavras, umas rombas, outras redondas, em bocados de salada. Ligavam os bocados de suas vidas «pelo mundo em pedaços repartidos»?

Traziam pecúlios, mandavam divisas para o seu País em dívida. Para com eles. Numa carruagem de segunda classe fria, fria. Dez graus negativos, sem aquecimento. A água faltava, gelara nos canos do comboio. Já estavam habituados. Não diziam os franceses no metro, quando deles se afastavam, que cheirava a português? A bacalhau salgado levado nas lancheiras como mantimento para a longa jornada do mercado comum de trabalho.

política de A a Z

Terá existido "fascismo"?

EM Portugal, durante um longo período, existiu um regime sociopolítico com as características do **fascismo**. Esta questão — a da existência de um fascismo em Portugal, não reveste apenas carácter histórico, nem apresenta somente um significado político relativamente a um período situado, com balizas cronológicas precisas. É uma questão relevante para a análise do curso político iniciado em 25 de Abril de 1974 e é uma questão importante de teoria política. Tem que ver, no plano teórico, com a «questão do Estado», da **natureza** do Estado. Esta — a «questão do Estado» e da «natureza do Estado» — é um tema determinante das teorias da Política, do Direito, da Sociologia (das sociedades com estrutura classista). Não se trata de uma mera questão académica. A caracterização dos «regimes fascistas» não é um problema histórico, é um problema de Política e de Sociologia a que um historiador não pode permanecer indiferente porque o «Estado fascista» é a expressão de uma correlação de forças numa situação social concreta.

Recorra o leitor a um livrinho acessível: o «Dictionnaire de Sociologie» de Joseph Stumpf e Michel Hughes. Na entrada **fascismo**, diz: «ideologia e doutrina política que assentam na ditadura de um partido político único, na exaltação do nacionalismo e no corporativismo» e, desenvolvendo estes tópicos, alude à «diversidade das formas segundo os países».

O **fascismo**, para Joseph Stumpf e Michel Hughes, não se limita, portanto, a um típico, original e circunscrito fenómeno político italiano.

Um antifascista italiano, Palmiro Togliatti, em 1928, reconhecia: «... pode afirmar-se que o fascismo é o sistema de reacção integral mais consequente que jamais existiu até hoje nos países em que o capitalismo alcançou um certo grau de desenvolvimento. Esta afirmação (...) é motivada pela supressão sistemática total de qualquer forma de organização autónoma das massas.» E, nesse mesmo escrito, acrescentava: «O carácter reacçãoário de fascismo naquilo que tem de consequente é pois, antes de mais, a expressão de uma necessidade económica e de um processo cujas causas devem ser procuradas no campo das relações de produção. A tendência do capitalismo italiano não apenas para se tornar reacçãoário (esta é, na época do imperialismo, uma tendência que se verifica em todos os países), mas para servir-se do fascismo primeiro, e identificar-se com ele depois, deriva directamente da estrutura especial deste capitalismo e do aspecto particular da crise que ele atravessa. É impossível prever se o fascismo, na forma típica com que se apresentou na Itália, poderá instaurar-se num outro país, se não se tiver o cuidado preliminar de analisar atentamente o regime capitalista desse país, assim como as relações de produção e de classe que nele dominam.»

Não podemos esquecer que Togliatti escreve em 1928. Retenhamos, da citação, a expressa referência ao «carácter reacçãoário» do **fascismo** e ao relacionamento deste fenómeno político com o grau de desenvolvimento da estrutura económica, com a crise do regime capitalista, com o nível das relações de produção e o tipo de dominação de classe.

Outro analista do **fascismo**, Georges Dimitrov, inspirado na apreciação do modelo hitleriano, e não se detendo na análise da crise — político-institucional e inerente ao tecido das relações de produção de que o **fascismo emerge** — preocupado preferencialmente com o aspecto político da ditadura, definiu o **fascismo** como a «ditadura abertamente terrorista dos elementos mais reacçãoários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro.» Dimitrov notaria, também, que «o fascismo não é uma substituição vulgar de um governo burguês por outro, mas uma mudança da forma de Estado, da dominação de classe da burguesia, substituição da democracia burguesa por uma forma terrorista de ditadura».

É incontestável que esta **substituição** — «da democracia burguesa por uma forma terrorista de ditadura» — ocorreu em Portugal.

O que define o **fascismo** não é a «glorificação irracional da violência, dos instintos e do sangue», mas o conteúdo de classe da ditadura. Não podemos avaliar uma forma ditatorial do poder-de-Estado, com um con-

teúdo de classe específico em relação a cada situação concreta, pela teatralidade burlesca do comportamento do *Duce*, ou do *Führer*, ou pela ausência dessa teatralidade num qualquer *Chefe*.

Oliveira Salazar justifica a ditadura em função da *crise do Estado*. Para Oliveira Salazar, citamos: «A expressão desta (... da Nação...) é mais ou menos alta e digna, conforme a dignidade e elevação do próprio Estado.» E mais adiante, no *prefácio do seu punho para o volume das entrevistas* que concedeu ao jornalista António Ferro, do qual retiramos estas citações, explica-se: «Quer dizer: se a Nação não correspondia aos seus valores individuais, o Estado era ainda inferior à Nação.»

No discurso definidor da «União Nacional», pronunciado na sala do Conselho de Estado em 30 de Julho de 1930 e que acompanha de perto o texto do «Manifesto da União Nacional», é da «... crise de autoridade que o Estado atravessa...» que Oliveira Salazar parte para, no desenvolvimento de uma análise da fraqueza intrínseca do Estado liberal, afirmar: «Não há Estado forte onde o Poder Executivo o não é, e o enfraquecimento deste é característica geral dos regimes políticos dominados pelo liberalismo individualista ou socialista, pelo espírito partidário e pelos excessos e desordens do parlamentarismo.»

Ao afirmá-lo, Oliveira Salazar dá a sua caução teórica à *ditadura militar* de que é então, nesse mês de Julho de 1930, apenas o ministro das Finanças. E enuncia problemas de equilíbrio dos Poderes (separados) na estrutura jurídico-política do Estado liberal. Citamos: «Na nossa triste história contemporânea parece que nunca podem coexistir os dois Poderes devidamente equilibrados: ora é o Legislativo que domina, subordinando os Governos; ora o Executivo que reage, substituindo-se àquele inteiramente. E o que é pior é ter a experiência demonstrado que para trabalhar no Governo pelo País é preciso pôr de lado a Constituição.»

Em 23 de Novembro de 1932, no acto de posse dos corpos directivos da «União Nacional», Oliveira Salazar defenderá que as fraquezas do Estado liberal e o sectarismo da República explicam a boa aceitação com que «foram recebidas as reacções de Pimenta de Castro, Sidónio Pais e a Ditadura Nacional...». Não diz: ditadura militar; nem sequer, simplesmente *Ditadura*, como no prefácio das entrevistas com António Ferro (pág. XIV). A *Ditadura*, com maiúscula, acrescenta Nacional, também com maiúscula. E, peremptório, declara: «Nós temos uma doutrina e somos uma força. Como força compete-nos governar: temos o mandato de uma revolução triunfante, sem oposição e com a consagração do País; como adeptos de uma doutrina, importa-nos ser intransigentes na defesa e na realização dos princípios que a constituem. Nestas circunstâncias não há acordos, nem transições, nem transigências possíveis.»

O Estado é uma força, tem uma doutrina. Este Estado forte e portador de uma doutrina, como observaria Hannah Arendt, desafia «as leis positivas» e é, ou pretende ser, «uma forma mais elevada de legitimidade que, inspirando-se nas próprias fontes (para Oliveira Salazar, o *interesse nacional*, por ele próprio definido), pode dispensar-se de uma legalidade mesquinha». (*Le Système Totalitaire*, ed. francesa, pág. 205). E Hannah Arendt precisa: «A legitimidade totalitária, no seu desafio à legalidade e na sua pretensão de instaurar o reino directo da justiça na terra, realiza a lei da História ou da Natureza sem a traduzir em normas de bem e de mal relativamente à conduta individual» (pág. 206).

Para Oliveira Salazar o Estado representava «uma doutrina em acção» e afirmava: «Deve o Estado ser tão forte que não precise de ser violento» (*Discursos*, vol. I, pág. 81). O que se deve entender como significando que: de uma orientação prática: O Estado será tão violento quanto o necessário para se afirmar como Estado forte e impor a doutrina que o inspira — o pensamento e a vontade do ditador. A leitura que o ditador, o *Chefe*, faz do *interesse nacional*.

No «Decálogo do Estado Novo» afirmar-se-ia: «Os inimigos do Estado Novo são inimigos da Nação. Ao serviço da Nação — isto é: da ordem, do interesse comum

e da justiça para todos — pode e deve ser usada a força, que realiza, neste caso, a legítima defesa da Pátria.»

Do carácter totalitário do poder ditatorial decorria o monopólio da actividade política. Em teoria, monopólio do *partido único*. Na realidade, modo de Salazar impor a sua vontade política. A supressão da actividade política diversificada, plural e livre, estava na lógica da diligência de constituição do *partido único*.

O partido *único* foi criado por um decreto governamental: Decreto n.º 21 608. No seu discurso de 23 de Novembro de 1932, Oliveira Salazar reconheceu que nos dois anos, de 1930 (data de promulgação dos Estatutos) a 1932 (data de posse dos primeiros corpos directivos), tinham sido os ministros do Interior que «organizavam por todo o País as comissões, da *União Nacional*...»

O ministro do Interior, Albino dos Reis, fiel executante da vontade do ditador, declararia em reforço da unicidade orgânica e do monopolismo político: «Fora da *União Nacional* não reconhecemos partidos. Dentro dela não admitimos grupos.»

Num texto oficial — a *União Nacional como Direcção Política Única*, da autoria de Aguedo de Oliveira, editado pela «União Nacional», em 1938 — são o partido fascista, o partido nacional socialista, a falange espanhola, os exemplos citados de «organizações patriotas unitárias, como a UN». A *União Nacional* reconhecia, pela pena de um dos seus dirigentes, que o partido fascista, o partido nacional socialista, a falange espanhola, eram organizações congéneres.

Esta identificação da «União Nacional» com os *partidos únicos* de outros regimes afins é, por si mesma, concludente.

Marcelo Caetano, analisando a função de um «partido único que seria a *corporação nacional da política*» diria: «A função política, à qual compete a orientação espiritual da Nação para os seus destinos, deve pertencer a um escol de cidadãos, seleccionados pelo sacrifício, pelo espírito de renúncia e pela devoção ao bem comum, em cujas almas impera «o sentimento ascético e militar da vida». Esse escol, colocando acima da consciência dos seus direitos o cumprimento dos seus deveres para com a Pátria, animado pela mística do interesse nacional e suprimindo divergências acidentais para só acentuar a comunhão de princípios na unidade dos fins, forma o *partido único*.»

Não podemos recusar a Marcelo Caetano autoridade, política e doutrinária, para se pronunciar sobre o *partido único*, essa peça fundamental do mecanismo do «Estado Novo».

Imitando os regimes fascistas triunfantes noutros países, reproduzindo fórmulas ideológicas e fórmulas de organização, o regime português dotou-se de uma «Legião Portuguesa», como milícia militarizada; das organizações nacionais «Mocidade Portuguesa», «Obra das Mães para Educação Nacional», «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho», e de «Sindicatos Nacionais», «Grémios», «Casas do Povo» e «Casas dos Pescadores», que completaram o esquema de enquadramento, que substituiu e impedia a existência de organizações autónomas. O Estado fascista, o Estado totalitário, o «Estado forte», o «Estado doutrina em acção», delas se serviria para articular a sua política — a vontade política do *Chefe* — com a mobilização da «massa cívica.»

É o tipo de poder-de-Estado, o seu conteúdo de classe, o monopólio político do *partido único*, que caracterizam um *Estado fascista* e um *fascismo*.

Oliveira Salazar recebeu o poder do Exército. A partir da *ditadura militar*, operou a fascização do Estado. O seu governo não seria apenas um «governo extrapartidário» orientado por «princípios nacionalistas», mas um governo *fora* dos partidos e *contra* os partidos.

O governo do «Estado Novo», o governo ditatorial que, em função de um conteúdo de classe substituiu a democracia parlamentar, seria uma «doutrina de acção» a modelar um Estado ditatorial como totalidade jurídica, política e económica. Um governo servidor, em nome do «interesse nacional», de interesses sectoriais de classe. Um governo servidor e criador de *fascismo*.

BANCO DE PORTUGAL

DEPARTAMENTO DE EMISSÃO E TESOURARIA

A V I S O

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que vai pôr em circulação por intermédio das Instituições de Crédito as moedas comemorativas de 25\$, 5\$ e 2\$50, alusivas ao Dia Mundial da Alimentação, criadas pelo Decreto-Lei n.º 127/84, de 26 de Abril.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1985

BANCO DE PORTUGAL
A Administração

Alexandre de Azeredo Vaz Pinto
Alberto José dos Santos Ramalheira

ESCOLA SECUNDÁRIA DO CARTAXO

ESCLARECIMENTO À POPULAÇÃO

Múltiplas e variadas situações se colocam aos Professores no exercício das suas funções — assim como a todas as restantes pessoas que numa Escola fazem parte.

O desempenho dessas funções é, infelizmente, na maior parte dos casos mal entendida — quando não minimizada ou mesmo ignorada — assistindo-se em situações como a que agora se vive ao mais completo abandono da parte daqueles a que caberia, afinal, dignificar e até prestigiar o ministério do qual fazem parte.

Não é caso único. A atestá-lo temos muitas situações que, por demais conhecidas, se escusa de citar.

Professores, empregados, escolas, tudo bem — só quando tudo corre bem — pois se algo corre de forma diferente há simplesmente que crucificá-los.

Ao Ministério da Educação (e porque não ao Governo?) assim como ao Seu Ministro caberia um cuidado maior no que refere à Educação, às Escolas e aos locais onde se ministra qualquer tipo de ensino — pois assiste-se a par e passo ao maior desrespeito que a pessoa humana lhes merece.

Tudo se reflecte, afinal, na desordem a que se assiste.

Tudo está por fazer, desde há longa data, e pelos vistos continua por fazer — cada vez mais se assiste ao desprestígio das instituições escolares, com particular realce para a desvalorização da profissão docente — pela carga negativa e pouca importância que o Ministério lhes dá — utilizando-a só na medida dos seus interesses e jogos de momento, marginais e uma política construtiva, filhos pródigos de um regime que só deles se lembra como St.ª Bárbara... quando faz trovões.

Ao assacar responsabilidades, como no caso vertente, é o Ministério da Educação pronto em tomar decisões, impensadas decerto, pois doutra forma não se compreenderia que anule a acção de um Conselho Directivo que sempre se mostrou apto e capaz e a quem se nega (o que não se faz nem ao maior criminoso) o direito de ser ouvido e só então, com culpa formada, ser justificado.

Também, e se houvesse uma compreensão maior de que o País não se confina só a Lisboa, fácil seria perceber dos cuidados que deveria revestir tal notícia, divulgada pelos órgãos de Informação, e das implicações perigosas que tal atitude pode vir a despoletar numa terra pequena, onde todos se conhecem e o sentido da honra é bem diferente daquele que é praticado nos grandes centros — onde tudo mais facilmente se dilui e cai no esquecimento.

Há que descer ao terreno e ver claro e nas devidas proporções. A emotividade não é boa conselheira mas há que contar com ela.

Há igualmente que esperar uma análise fria dos factos — e daí facilmente ressalta que não há só que construir mais e novas escolas. Testá-las nos seus diferentes aspectos, cumprir com as normas de segurança que lhes são inerentes, é tarefa que cumpre ao Ministério antes de entregar uma Escola aos Professores.

Mandam as mais elementares normas de segurança que, como neste caso não se verifica, a tubagem do gás tenha cor específica — claramente detectável ao observador — torneiras e válvulas de segurança (das melhores e mais eficazes), torneiras de pressão de fácil leitura — e o necessário alerta de quem de direito chamando a atenção para o funcionamento correcto de forma a que Professores e demais pessoal tivessem o conhecimento preciso daquilo que lhes é entregue.

Não sucedeu assim — e não será decerto na Escola Secundária do Cartaxo que se encontrarão respostas para tal pergunta.

Em assacar, afinal, responsabilidades??

O documento foi consensualmente aprovado por membros dos Conselhos Directivos de Escolas Paratórias e Secundárias do Distrito de Santarém reunidas no Cartaxo em 19 de Janeiro de 1985.

Louças de Sacavém

Trabalhadores não recebem salários há quatro meses

Os trabalhadores da Fábrica de Louças de Sacavém têm mais de quatro meses de remunerações em atraso, além de milhares de contos de retroactivos — afirmou o Sindicato da Cerrhica e Cimentos de Lisboa.

O sindicato afirma que os trabalhadores apenas receberam três contos do salário de Novembro e têm em atraso as retribuições de Dezembro, subsídios de férias e Natal de 1984 e Janeiro de 1985, estando a receber pelo contrato colectivo de 1981/82 (um oficial de primeira auferia 19.700 escudos).

O sindicato refere que cerca de um terço dos 900 trabalhadores da empresa são contratados a prazo e que os operários «perseguidos e despedidos, vivem num clima de medo e terror».

Acrescenta que há vários trabalhadores despedidos e mandados reintegrar pelos tribunais, nomeadamente antigos membros da CT a quem não é permitida a entrada na fábrica, apesar de receberem quando a empresa paga aos restantes.

O sindicato diz que a fábrica está descapitalizada «em favor da Sanicer, empresa concorrente e paralela criada com dinheiros da Fábrica de Louças de

Sacavém».

Acusa a administração de tentar «liquidar as estruturas dos trabalhadores, não cumprindo a legislação em vigor».

Têxteis

Também a Federação dos Sindicatos Têxteis, Vestuário e Calçado denunciou que, mais de 26 mil trabalhadores de 139 empresas do sector têm salários em atraso, ascendendo as dívidas a mais de dois milhões de contos.

Num balanço sobre a situação social no sector, efectuado no âmbito da preparação do seu quarto congresso, a Federação assinala casos de empresas com quase dois anos (Cifa) e quase três anos (Algot) de salários em atraso.

Sublinha que em apenas três anos o desemprego sectorial aumentou 381 por cento, tendo-se registado naquele período um total de 15.827 despedidos.

Casinos do Algarve

Os trabalhadores dos casinos do Algarve exigiram, em moção

entregue aos órgãos da Comunicação Social presente no Congresso de Turismo do Algarve, o «imediato pagamento dos salários em atraso, desde Dezembro de 1984».

A moção, apresentada pelos Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria de Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Algarve refere «não aceitar que sobre o assunto seja imposto o silêncio».

De acordo com a moção, a «administração da empresa concessionária», numa demonstração de total desprezo e desrespeito pelos trabalhadores nega qualquer informação ou justificação sobre os salários em atraso.

«A exploração dos casinos do Algarve — continua o comunicado — foi atribuída à Sonitall pelo Governo, não podendo este considerar-se alheio aos problemas».

Os trabalhadores reclamam a todas as entidades com poderes de decisão e influência neste assunto, a assumpção das responsabilidades que face à gravidade da situação não pode deixar de lhes imputar».

Policlínicos de Santarém estão hoje em greve

Os médicos policlínicos do Hospital Distrital de Santarém estão hoje em greve, reivindicando o pagamento do subsídio de refeição, que há nove meses não é efectuado.

A assistência aos doentes não é afectada já que a greve abrange apenas o não preenchimento das fichas de urgência.

Segundo a comissão dos médicos policlínicos do Hospital Distrital de Santarém, a greve abrange apenas o não preenchimento das fichas de urgência e não afectará o normal funcionamento dos serviços de urgência e dos restantes serviços médicos do Hospital.

O Hospital Distrital de Santarém é actualmente o único estabelecimento de saúde que não paga subsídio de refeição.

Sundlete

Os trabalhadores da delegação de Coimbra da empresa Sundlete iniciaram hoje uma greve por tempo indeterminado — anunciou uma fonte sindical.

A mesma fonte adiantou que a greve se integra na dos restantes trabalhadores a nível nacional e tem por objectivo «pressionar a administração a liquidar salários em atraso».

Salientou ainda que pretende «contrariar as pretensões da administração de despedir cerca de uma centena de trabalhadores».

Em causa a alteração de malhas

Armadores de pesca do Norte poderão paralisar totalmente

Os armadores de pesca do Norte poderão efectuar uma paralisação total caso as autoridades mantenham «a decisão de aplicar disposições relativas ao tamanho das redes de pesca de emalhar — afirmou uma fonte sindical».

Em carta dirigida ao ministro do Mar e a outras entidades ligadas às questões das pescas, a Associação do Norte dos Armadores de Pesca Artesanal (ANAPA) protesta contra disposições prevendo que a partir deste ano sejam permitidas malhagens inferiores a 110, 80 e 60 milímetros, respectivamente para a pesca de tresmalho, pescada e faneca.

O ANAPA afirma que apesar de estar de acordo com medidas que regulamentem a actividade do sector, e que visem a preservação dos recursos existentes, refuta a maneira como as medidas em causa foram decididas.

«A alteração pura e simples das malhagens das redes da pescada e da faneca não é por si só suficiente para produzir o efeito pretendido» diz a carta enviada a Carlos Melancia.

A não preparação dos armadores por não deterem stocks de materiais para a substituição das malhagens e a não existência de stocks das novas redes

previstas pela lei, nas casas fornecedoras são algumas das razões apontadas pela ANAPA para a não aplicação imediata das novas disposições.

Novo prazo

O facto de muitos armadores estarem ainda com encargos financeiros para a liquidação de redes recentemente adquiridas, não conseguindo suportar novos empenhamentos, torna impossível de acordo com a associação, satisfazer as pretensões anunciadas dentro dos prazos idelalizados».

A ANAPA sugere que sejam implementadas outras medidas, entre as quais a fixação de um novo prazo para o redimensionamento da malhagem e sejam encontradas alternativas de apoio financeiro aos armadores. «Caso se mantenha a disposição de fazer cumprir as alterações pretendidas, não resta à classe outra hipótese senão a paralisação total da frota que emprega as artes de emalhar» — refere.

A associação reúne-se de novo no dia 10 para a análise da evolução da questão e para decidir eventualmente formas de paralisação.

MURPI apresenta caderno reivindicativo

O MURPI (Movimento dos Reformados Pensionistas e Idosos), em reunião realizada no sábado em Lisboa, estabeleceu um caderno reivindicativo que vai ser entregue ao Governo.

Os reformados apontam para a necessidade de recuperação de casas degradadas, realojamento dos inquilinos dos prédios que têm ruído em Lisboa, proibição de

acções de despejo e construção de lares destinados a idosos e inválidos sem família.

Num segundo ponto, exigem descontos de 50 por cento nos preços dos bilhetes de espectáculos, utilização dos centros do INATEL durante o período normal de funcionamento, utilização gratuita das infraestruturas desportivas

vas e criação de centros de férias especificamente para reformados.

No capítulo de saúde, pretende serviços domiciliários e abertura no Hospital Egas Moniz de um serviço clínico de gerontologia...

Pretendem ainda, quanto a apoios sociais, representação das suas estruturas em todas as instituições de apoio social

Conselho Nacional do PSD

Uma bomba, calibre 38/36

«Quer-se ir embora? Então vá. Talvez até fosse um bem para o País e para o partido». Este conselho de Pedro Santana Lopes será aceite por Mota Pinto, depois de conhecidos os resultados da principal votação do Conselho Nacional do PSD, reunido este último fim-de-semana na Freguesia do Bonfim, no Porto. Que reacção vai ter o homem que de tanto esticar a corda do eu quero, eu posso, eu mando, se não boa tarde meus senhores, e acabou por rebentar? Se foi pela via do voto secreto que os conselheiros outorgaram a sua confiança ao líder, apenas por dois votos de diferença — 38 sim, 36 não —, não se viu rodeada de segredo a pergunta que muitas bocas lançaram depois de apoio tão claro e inequívoco: «e agora, o homem vai ter vergonha na cara?»

Acusou os opositores da agrem como pirómanos mas foi ele e os seus fiéis que atearam o fogo que reduziu a cinzas a sua própria estratégia. Quase por sua culpa exclusiva, mais por demérito próprio do que por mérito alheio, Mota Pinto tem hoje o apoio claro, substancial e inequívoco que tantas vezes exigiu: nenhum!

«Algo está podre neste reino da Dinamarca...», clama Miguel Veiga poucas horas depois do início dos trabalhos de um Conselho Nacional do PSD que, segundo a vontade do líder, fugia à regra dos conselhos em «hotéis alcantilados».

Sempre mordaz, o advogado nortenho acrescenta: «isto não é um partido de bons amigos, nem sequer de bons malandros...» Pintando assim fielmente o quadro do que vai decorrendo na sala onde se aglomeram os conselheiros.

Telmo Moreno, ex-governador civil de Bragança, já desceu à liça para lembrar que Mota Pinto, sem lhe dar cavaco, telefonou cinco vezes ao ministro socialista da Administração Interna, Eduardo Pereira, a pedir a sua cabeça, o que acabou por conseguir.

Cada um reage como pode. Um conselheiro vindo de Vila Real defende Telmo Moreno dizendo: «isto, nem as mulheres eram capazes de fazer...»

Era melhor estar calado. A sua intervenção é interrompida por conselheiras que aos gritos e com lágrimas à mistura denunciam o «machismo» que revelam tais palavras.

O ambiente azeda-se, tanto mais que Miguel Veiga, sempre batalhador, denuncia a atitude pouco isenta do Conselho Jurisdicional que se recusou a impugnar as «eleições fraudulentas» realizadas recentemente na distrital do PSD/Porto e que, como por mero acaso, culminaram com a vitória da lista motapintista.

O caso do secretário-geral do PSD, Antunes da Silva, também vem à tona. A denúncia é constante: a situação que lhe foi criada pelos barões do PSD, «marginalizou-o e ultrapassou-o nas suas funções».

«Então, vá...»

Mota Pinto na palavra. Respostas concretas, cabais aos problemas que antes foram levantados, nenhuma. O líder prefere utilizar

um discurso que já não é novo. Para ele, as decisões dos órgãos responsáveis do partido devem ser acatadas, há que acabar com a contestação pela contestação, basta de terrorismo verbal num momento em que o Estado está em crise e o terrorismo bate à porta dos portugueses.

Recorrendo à fórmula, também já abundantemente utilizada, Mota Pinto lembra ter «razões mais do que suficientes para me ir embora, para me demitir das minhas responsabilidades dentro do partido».

Pedro Santana Lopes aproveitou a deixa: «Quer-se ir embora? Então vá, talvez fosse um bem para o País e para o partido...»

Claro que Mota Pinto não responde ao aguerrido dirigente da «Nova Esperança». Se lhe respondesse, certamente que diria: «Não o faço, apenas por dever patriótico...»

Eurico zanga-se

Estão as coisas neste pé quando Gomes da Silva, também afecto à «Nova Esperança», começa a interrogar-se em voz alta sobre o caminho que tomam certas verbas canalizadas para o Partido e das quais o secretário-geral não toma nem sequer conhecimento.

Mota Pinto não ouve porque fala nesse momento com Rui Machete mas Amândio de Azevedo está atento: previne o líder do teor das palavras acabadas de proferir por Gomes da Silva.

Mota Pinto levanta-se, dá dois murros em cima da mesa e grita em direcção ao presidente da mesa do Conselho Nacional do PSD, Leonardo Ribeiro de Almeida: «Calúnias não, senhor presidente».

Pedro Santana Lopes comenta: «Não compreendo o agastamento dos membros da mesa, nomeadamente o do eng. Eurico de Melo, perante a intervenção de alguns conselheiros...»

Eurico de Melo responde-lhe, ar de desprezo: «Nunca vi tanta baixa moral...»

Ainda Pedro Santana Lopes não recuperou da surpresa provocada por tais palavras e já Silva Marques pede a Eurico de Melo: «Importa-se de citar casos de baixa moral?»

Eurico de Melo não se faz de rogado. Olha para Silva Marques e, olhos nos olhos, responde-lhe: «O seu, por exemplo...»

Pouco depois, o «vice-rei» do Norte sai da sala disposto a não voltar ao convívio de «garotos».

Pouco tempo depois, os trabalhos acabam no meio de uma tensão de cortar à faca. Alguém murmura: «A noite é sempre uma boa conselheira, talvez isto amanhã acalme...»

Ou eu...

Que não! Domingo, dia do Senhor, Mota Pinto entra a matar: «Estou convencido de que a maioria esmagadora deste partido está comigo. No entanto, e como se assiste aqui a um terrorismo verbal, desgastante e sem elevação, abandono o conselho para vos deixar decidir. Se não obtiver um apoio claro, substancial e inequívoco...»

A acompanhar a ameaça, uma advertência: «Se for obrigado a abandonar as minhas responsabilidades dentro do partido, não abandonarei as do Estado. Não darei de mão beijada a trufos ao general Eanes. E se abandonar momentaneamente a liderança do partido, no Congresso lá nos encontraremos...», revela em substância.

Ninguém o leva a sério: fiéis e opositores já estão habituados a cenas destas e ao número do ou eu ou o dilúvio.

Não impõe de que, no campo dos fiéis e opositores, haja quem não aceite esta prepotência, estas saídas que impedem a discussão, que fecham as portas ao diálogo, mesmo duro, e ao esclarecimento.

Mota Pinto acaba de acender o fósforo...

«Cobardes...»

Sem ele na sala, tudo é diferente. A crispação deu lugar ao diálogo construtivo. Cada um ouve o parceiro do lado mesmo que não esteja de acordo. A atmosfera é outra, mais saudável.

João Jardim, discurso sereno e inteligente, desmarca-se de «um líder mal-disposto» e pugna



pela sua dama: não a um candidato militar, o candidato do PSD deve sair de eleições primárias pois, só assim o Partido irá ao encontro do sentir das bases, mobilizando-se.

Para o presidente do Governo Regional da Madeira, o PSD não deve apoiar generais «stop and go», homens que já dão como certo o apoio de um Partido à sua candidatura, embora as bases desse Partido ainda não tenham decidido nada nesse sentido.

Entretanto, fora da sala, mais um incidente com Eurico de Melo como protagonista. Ele que não estivera presente durante toda a manhã reaparece, depois de saber que Mota Pinto tinha abandonado os trabalhos, para «não deixar isto à deriva, para não deixar terreno livre a gente incapaz e sem carácter».

Miguel Júdice dirige-se a ele. Ainda não articulou uma palavra e já o «salvador da Pátria» o manda calar «porque podia ser meu neto» e o engloba num grupo de «covardes, sem moralidade».

Miguel Júdice vira-se para a imprensa: «o eng.º Eurico de Melo, se calhar é parvo...»

Santana Lopes é solidário: «O melhor é o eng.º Eurico de Melo ir para casa porque já está gálg. Coitado, anda para aí a oferecer-se na praça pública sem resultado, para ser ministro...»

Na sala, ninguém se apercebe do incidente. Os olhos e as atenções estão voltadas para Marcelo Rebelo de Sousa que, hábil, faz um discurso de unidade, apela a uma candidatura civil, recusa o seu apoio à candidatura de qualquer general, sobretudo de um (Firmino Miguel) que não se «demarcou» do eanismo.

Tal como Jardim, também Marcelo apelou para o referendo como a única maneira de o candidato presidencial do PSD ser o candidato de todo o partido e não apenas de uma facção.

É a vez de Salgueiro. «Que maravilha de discurso...», dirão salgueiristas e marcelistas depois de o ouvirem falar.

Apenas por um cesto

Críticas à actuação do líder, ao OE, mas também o lembrar de que «crise, qual crise? O partido está aqui, continua, se nos faltar o presidente há vice-presidentes que não negarão apoio a soluções de consenso...»

Sim, porque entretanto a moção a dar «total confiança ao líder do partido, Carlos da Mota Pinto», já tinha vencido apenas por um cesto: 38-36, e João Salgueiro não queria que se entrasse na paranóia de que está tudo à deriva agora que Mota Pinto, «se tiver vergonha na cara...», é capaz de pegar nas chaves do carro e regressar a Coimbra.

Voltemos à moção. Se Mota Pinto acendeu o fósforo, quando abandonou a sala do Conselho Nacional, quem provocou as labaredas onde o líder acabaria por «assar» foram os seus apoiantes. Primeiro porque apresentaram uma moção sem pés na cabeça. De tal modo que o Conselho de Jurisdição só a deixou passar depois de expurgada de dois dos seus três pontos. Segundo, porque ao manifestarem na moção a sua total confiança ao líder do partido Carlos Alberto Mota Pinto e não à globalidade da Comissão Política, deixara Mota Pinto isolado, alvo bem enquadrado do resultado da votação.

Aqual, nunca é de mais salientar, só se registou porque foi secreta. Outro galo cantaria se a votação se tivesse feito de braço no ar. Em ano de eleições poucos se sujeitariam à ira de barões que, apesar do dinheiro que manipulam e do tráfego de influências que vão gerindo, começam hoje a ver a sua vida a andar para trás.

O próximo Conselho Nacional do PSD, no fim-de-semana que vem em Lisboa, dirá se os barões recuperaram terreno e, sobretudo, se o líder Mota Pinto «ainda tem vergonha na cara...»

Manuel Anta



Duas reacções a frio: José Miguel Júdice e Eurico de Melo

«Sai preocupado não tanto pelas votações a que não assisti, mas por atitudes que me parecem negativas, visto dar-lhe uma imagem de conflitos internos que não correspondem ao que se passa nas bases», afirmou ao «DL» o dr. José Miguel Júdice, um influente elemento da tendência «Nova Esperança», liderada por Marcelo Rebelo de Sousa.

«O professor Mota Pinto não deveria ter provocado o Conselho Nacional abandonando os trabalhos da maneira que o fez».

Sobre o Conselho Nacional marcado para o próximo fim-de-semana adiantou: «Espero que o bom-senso renasça, mas não tenciono intervir nos próximos dias nestes acontecimentos até porque, na sexta-feira, são as elei-

ções para a direcção da Área Metropolitana de Lisboa e tenho a enorme responsabilidade de ser candidato a presidente da Comissão Permanente sem oposição». E num tom de campanha eleitoral: «A minha preocupação era a unidade do partido, a minha preocupação é agora ainda mais a unidade do partido».

Sobre as repercussões que a situação interna do PSD poderá ter no seio do Governo, José Miguel Júdice afirmou que «não há razão para que isso aconteça» uma vez que o partido continua a ser dirigido pela Comissão Política.

Quanto ao regresso ou não de Mota Pinto, considerou que «a decisão está nas mãos do próprio professor Mota Pinto... mas se ele não regressar o partido

continua».

E a terminar: «Com todo o respeito que me merece o professor Mota Pinto, com toda a amizade velha de muitos anos, com toda a consideração que me merece a sua integridade moral que nunca ninguém pôs em causa, o professor Mota Pinto não é o dr. Francisco Sá Carneiro».

Legitimidade

Também Eurico de Melo, um dirigente do PSD do Norte, já se pronunciou sobre o conclave que os sociais-democratas realizaram este fim-de-semana no Porto, considerando que Mota Pinto tem «toda a legitimidade» para continuar a dirigir o partido, apesar da escassa margem por que

venceu a moção de confiança apresentada no Conselho Nacional.

«Pelo meu conceito de democracia quem tem na metade mais um dos votos tem legitimidade para continuar a liderar o partido» — disse Eurico de Melo, acrescentando que Mota Pinto pode ver reforçada a sua maioria no próximo Conselho Nacional.

O dirigente social-democrata considera que o que se passa actualmente no seu partido é «uma perturbação, cujo epicentro se situa nos Açores». Acrescentou que João Salgueiro, liderando no continente a oposição partidária a Mota Pinto «não é mais do que a onda de choque que chega do arquipélago».

«Esta questão e este epicentro são muito antigos dentro do partido, duram desde o tempo de Sá Carneiro, teve os seus reflexos na nomeação de Pinto Balsemão como Primeiro-Ministro e continua a causar perturbações de que a actual é um exemplo» — acrescentou Eurico de Melo.

Quanto aos resultados da votação no Conselho Nacional (38 votos favoráveis a Mota Pinto e, 36 contrários), Eurico de Melo considerou que «a expressão dos números é perfeitamente fortuita». Explicou que a reduzida vitória do vice-primeiro-ministro se deveu «não à transferência de votos, mas à ausência de muitos conselheiros que têm apoiado Mota Pinto».

MOBÍLIAS

TROCO

AS SUAS USADAS
POR NOVAS E FACILITO
PAGAMENTO
ARMAZÉNS MÓVEIS
JORGE

AV. ALMIRANTE REIS, 36
(AOS ANJOS) . TEL. 832161



Sinal de trânsito
não é objecto
decorativo.
Respeite-o!

Fabricantes de máquinas têxteis expõem na cidade do Porto

Na exposição internacional de máquinas e acessórios para a indústria têxtil (MAQUITE/85) a realizar no Porto entre 6 e 10 de Fevereiro participam 288 empresas nacionais e estrangeiras, anunciaram os organizadores.

Setenta são expositores directos, nos quais se incluem 19 fabricantes estrangeiros.

A exposição decorrerá no pavilhão do Palácio de Cristal e num anexo desmontável, ocupando uma área de cerca de 4500 metros quadrados.

Estarão patentes ao público máquinas e acessórios para a indústria têxtil e produtos afins, da agulha ao tear, da prensa à máquina de tingir.

Segundo os organizadores — AIP e Centro de Cooperação dos Industriais de Máquinas Têxteis — esta feira «vai proporcionar a divulgação das potencialidades da indústria portuguesa e das novas tecnologias de ponta por parte de grandes fabricantes estrangeiros».

O ministro da Indústria e Energia, Veiga Simão, assistirá à inauguração da MAQUITE.

O sector nacional de máquinas e acessórios para a indústria têxtil compreende cerca de 25 pequenas e médias empresas e empregam mais de 2000 trabalhadores.

Embora distribuída por todo o

País, esta indústria concentra-se na região Norte, mais exactamente no distrito do Porto e no Minho.

A produção do sector — segundo os organizadores — é insuficiente para o abastecimento do mercado nacional, mas «apresenta já um bom nível de qualidade e desenvolvimento na gama fabricada, tendo facturado em 1982 um valor superior a um milhão e meio de contos».

«Não obstante ter sido também afectado pela crise económica internacional — referiram — o sector apresenta uma certa dinâmica ao nível das exportações».

As importações vem decrescendo desde 1982 e a República Federal da Alemanha continua a ser o nosso principal fornecedor, sendo mais de 60 por cento das nossas importações procedentes de países da CEE.

Um estudo económico do sector, divulgado pelos promotores da MAQUITE/85, assinala que «nenhuma das empresas portuguesas de máquinas têxteis é pública e apenas uma tem capitais alemães».

Acrescenta este estudo que «uma empresa média do sector tem entre 60 e 70 trabalhadores e somente uma delas é de grande dimensão, com mais de meio milhão de trabalhadores».

Contra um aumento global de 1,5% das despesas

Despesas militares crescem seis por cento

no orçamento de Reagan

— democratas e republicanos querem explicações

O orçamento norte-americano para 1986 proposto pelo presidente Ronald Reagan parece estar já em sérios riscos mesmo antes de ser hoje apresentado formalmente ao Congresso.

De acordo com vários congressistas que já estudaram o documento, Reagan vai pedir no Capitólio um total de 974 mil milhões de dólares para gastar no ano financeiro de 1986, que começa no próximo dia 1 de Outubro.

Isso representa um aumento de 1,5 por cento em relação ao ano actual.

Reagan, reeleito por uma esmagadora maioria em Novembro, pretende cortes orçamentais em quase todos os capítulos, ao mesmo tempo que propõe um aumento de cerca de 6 por cento nas despesas militares em relação a 1985.

Fontes do Congresso revelaram que o orçamento para a defesa tem um total de 322 200 milhões de dólares, dos quais 313 700 milhões vão para o Pentágono. A Secretaria da Energia recebe mais de oito mil milhões

de dólares para produzir ogivas nucleares e a defesa civil terá 454 milhões.

O orçamento da defesa tem dinheiro para iniciar o plano de Reagan para a «guerra das estrelas», que Moscovo espera que seja cancelado após o recomeço das conversações de Genebra sobre desarmamento em 12 de Março.

No seu total, o orçamento para 1986 deverá apresentar um défice de 180 mil milhões de dólares, menos que o défice recorde de 222 mil milhões previsto para o actual ano fiscal.

Mas mesmo antes da sua apresentação oficial para aprovação, tanto republicanos como o Partido Democrata, na oposição, afirmam que os gastos com a defesa são demasiado grandes.

«Penso que é demasiado», disse o senador republicano, Pete Domenici, do Novo México, que acredita que a Casa Branca terá que aceitar alguns cortes na defesa.

Domenici, que desempenha

um papel importante na aprovação do orçamento no Senado, disse numa entrevista para a televisão, no sábado à noite, que sem esses cortes o orçamento não será aprovado, por causa das reduções que apresenta nos domínios dos gastos sociais.

Uma opinião semelhante tem sido expressa pelos democratas, que controlam a Câmara dos Representantes.

«Se Reagan pretende um aumento espectacular dos dinheiros para o Pentágono, então tem que explicar aos contribuintes por que razão esses aumentos são necessários», disse o presidente da Câmara dos Representantes, o democrata Thomas O'Neill.

De qualquer modo Reagan vai pedir ao Congresso para reduzir as despesas sem cortar os aumentos do orçamento para a defesa nem aumentar os impostos.

Défice comercial, recorde

A balança comercial dos Estados Unidos registou, em 1984, o maior défice da história do país, indica um documento divulgado

pelo Departamento de Comércio de Washington.

Com um saldo negativo de 123 300 milhões de dólares nas trocas comerciais com o resto do mundo, em 1984, a balança comercial norte-americana duplicou o défice de 1983 e praticamente triplicou o de 1982 — acrescentou a mesma fonte.

Os especialistas atribuem a crescente deterioração da balança comercial norte-americana ao forte e continuado aumento da cotação do dólar norte-americano em todos os mercados cambiais do mundo.

A sobrevalorização da divisa norte-americana reduz a competitividade dos produtos norte-americanos e favorece a penetração das importações estrangeiras no mercado dos Estados Unidos.

Em 1984, as importações norte-americanas atingiram 341 200 milhões de dólares e as exportações não ultrapassaram 217 900 milhões.

Os défices comerciais de 1982 e 1983 tinham sido de 42 700 milhões e 69 400 milhões de dólares, respectivamente.

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Aumenta o comércio entre Espanha e África de língua portuguesa

As exportações espanholas para Angola cresceram 145% entre 1984 e 1985, enquanto as importações apenas subiram 28,6%. O valor total das vendas rondou os 14 milhões de contos e o das compras (sobretudo petróleo) ultrapassou os 37 milhões de contos.

As trocas comerciais entre a Espanha e Moçambique sofreram uma queda vertical em 1984: as vendas a Moçambique diminuíram 48 por cento e as compras 64 por cento em relação ao ano anterior.

A Espanha exportou para Moçambique mercadorias no valor de 682 milhões de pesetas (cerca de 800 mil contos) e importou 466 milhões de pesetas (aproximadamente 550 mil contos), enquanto em 1983 as vendas e as compras foram praticamente equilibradas, nivelando-se à volta de 1293 milhões de pesetas.

Como termo de comparação, refira-se que de Janeiro a Setembro de 1984 as exportações portuguesas para Moçambique somaram 5,142 milhões de contos e as importações 882 mil contos, contra 4,982 e 1104 milhões de contos em igual período do ano anterior.

As trocas comerciais entre

Portugal e Moçambique foram, assim, menos afectadas pelas dificuldades criadas à economia moçambicana pela seca e pela guerra, graças, fundamentalmente, à concessão de créditos.

Em relação à Guiné-Bissau, as exportações espanholas quase triplicaram em 1984: somaram 591 milhões de pesetas (cerca de 700 mil contos) no ano passado, contra 205 milhões de pesetas (aproximadamente 288 mil contos) em 1983.

As importações espanholas da Guiné-Bissau registaram uma progressão muito menor: subiram de 102 milhões de pesetas (120 mil contos) em 1983 para 144 milhões (170 mil contos) em 1984, ou seja, um aumento de 41 por cento, tendo-se acentuado, portanto, o desequilíbrio a favor da Espanha.

Entre Janeiro e Setembro de 1984, as exportações portuguesas para a Guiné-Bissau somaram 1,103 milhões de contos e as importações 491 mil contos, contra 992 e 419 mil contos em igual período do ano anterior.

Tal como Angola, S. Tomé e Príncipe também registou um saldo favorável nas trocas com a Espanha: em 1984 as exportações espanholas não foram além

de 38 milhões de pesetas (45 mil contos) contra 37 milhões no ano anterior, enquanto as importações de S. Tomé e Príncipe somaram 183 milhões (215 mil contos) no ano passado, e 22,8 milhões de pesetas em 1983.

Por outras palavras, tendo mantido as importações praticamente ao mesmo nível, S. Tomé e Príncipe multiplicou por oito as vendas a Espanha.

As vendas de Portugal a S. Tomé e Príncipe cresceram de 116 mil contos entre Janeiro e Setembro de 1983, para 322 mil contos em igual período do ano passado. Ao contrário, as compras descenderam de 98 mil contos para 86 mil contos.

As relações comerciais entre a Espanha e Cabo Verde permaneceram fortemente desequilibradas: as exportações espanholas totalizaram 1059 milhões de pesetas (1,2 milhões de contos) e as importações 6 milhões de pesetas (7 mil contos) em 1984, contra 727 milhões e 11 milhões no ano anterior.

A título de comparação, refira-se que as exportações portuguesas para Cabo Verde somaram 1,966 milhões de contos, entre Janeiro e Setembro de 1984, e as importações 109 mil contos.

Jacinto Nunes já foi exonerado

O governador do Banco de Portugal, Jacinto Nunes, foi exonerado num despacho publicado no suplemento do «Diário da República» de 30 de Janeiro, divulgado hoje.

O despacho realça «O elevado grau de competência e dedica-

ção sempre por si demonstradas» no exercício daquelas funções.

No mesmo suplemento da folha oficial, Rui Vilar foi nomeado presidente do Conselho de Gestão do Banco Espírito

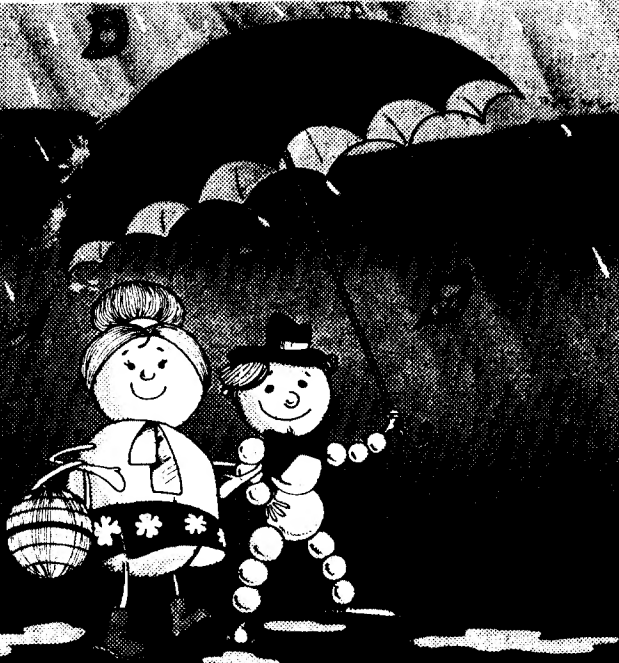
Santo, cessando as funções que desempenhava como vice-governador do Banco de Portugal.

António Vieira Monteiro foi também nomeado vogal do Conselho de Gestão do Crédito Predial.



assim cantam o
Sr. PALPITE e a D. TALUDA

no Inverno, calçam-se as botas
por causa da chuva fria...
...sempre chovem muitas notas
ao jogar na Lotaria!



Habilite-se à Lotaria do Zodíaco
taluda 54 000 contos
dia 7 anda a roda

comunicação social

SJ com Anselmo Rodrigues

Debatida a situação dos jornalistas do sector público

Avistando-se com o secretário de Estado adjunto do ministro de Estado, Anselmo Rodrigues, a Direcção do Sindicato dos Jornalistas debateu recentemente diversos problemas, como, por exemplo, situações de jornalistas ligados ao sector público.

Assim, o sindicato, defendeu junto do secretário de Estado que, independentemente da publicação de um Estatuto do sector público, fosse reconhecida a antiguidade aos jornalistas que transitam de um órgão de comunicação público para outro do mesmo sector, pelo que deverá manter todas as regalias correspondentes.

O secretário de Estado mostrou-se receptivo a este problema — uma vez que o princípio está consagrado noutros sectores de actividade — e solicitou ao sindicato a elaboração de uma proposta.

Igualmente a Direcção do Sindicato dos Jornalistas expôs também ao secretário de Estado a situação de jornalistas que abandonaram a ANOP em finais de 1982, na sequência de pré-aviso colectivo de despedimento e aos quais

não foram pagas indemnizações, nem sequer os duodécimos das férias e do subsídio devido à data da saída da empresa.

O sindicato considera que a estes jornalistas — com acções pendentes no Tribunal do Trabalho — não pode ser dado tratamento diferente do que receberam aqueles que, recentemente, abandonaram voluntariamente a empresa. O secretário de Estado informou a direcção do SJ que, em 1985, a ANOP será dotada de meios necessários para satisfazer o pagamento das indemnizações e outros débitos devido a esses jornalistas.

Finalmente, a Direcção do SJ solicitou o cumprimento do já anteriormente acordado quanto à concessão de regalias sociais aos jornalistas, nomeadamente na utilização de transporte e isenção de taxa de aluguer de telefone.

O secretário de Estado informou que esses processos se encontram nesta altura no Ministério do Equipamento Social para conclusão, esperando-se que em breve haja uma solução sobre esta matéria.

Ainda “as novas tecnologias”

O secretário de Estado adjunto do ministro de Estado, Anselmo Rodrigues, afirmou que “as novas tecnologias terminam com o monopólio estatal no domínio da produção”.

Anselmo Rodrigues falava na sessão de encerramento do seminário “A Informação Face às Novas Tecnologias”, que contou também com a presença do secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro.

Anselmo Rodrigues afirmou que, no que se refere à RTP, o Governo “está a estudar a melhor solução que, sem ser liberal, não ponha em causa a liberdade que não queremos perder”.

O secretário de Estado das Comunicações, Raul Junqueiro,

afirmou que um dos principais méritos do seminário consistiu na demonstração de que as novas tecnologias não são “ciência de bruxas” nem pertencem ao “fictício e imaginário”, mas constituem “algo que faz parte integrante da vida, que a influencia e condiciona, potenciando irreversivelmente uma nova sociedade”.

Raul Junqueiro informou que, a partir do próximo mês de Março, o País ficará em condições de receber programas de Rádio e de Televisão disponíveis no satélite europeu, e que em Janeiro de 1986 ficará igualmente disponível o programa “Olympus”, dinamizado pela Eurovisão.

Por não haver cuidados primários

“Urgências” no S. José atrofiam rede hospitalar

O Serviço de Urgência do Hospital de São José está hipotrofiado. Mas dimensioná-lo segundo a procura, seria duplicar um erro — disse à NP o administrador, Manuel Delgado.

Com uma despesa diária de cerca de três mil contos e prestando assistência a centenas de doentes por dia, aquele Serviço — o maior do País — não tem estruturas para a procura — acrescentou Manuel Delgado, entretanto formalmente substituído como principal administrador por Vilaverde Pisco.

Aquele responsável defende que “dimensioná-lo segundo essa procura seria uma asneira dupla”. “O que se passa — afirma — é que o Serviço de Urgência não pode controlar, ou triar, à partida, os doentes que realmente lhe são dirigidos”.

Segundo aquele administrador, “apenas cerca de 20 por cento das pessoas que se dirigem ao Serviço de Urgência, diariamente, respondem às características de urgência”.

Assim, muitos dos doentes ali atendidos “poderiam perfeitamente ser assistidos por um dos Hospitais Civis de Lisboa, no regime das consultas externas” — acrescentou. No entanto, “dado que em Portugal a rede de cuidados primários é ineficaz e não responde às exigências mínimas, há muita gente que acaba por dirigir-se à Urgência do São José, uns porque se deixam ir até às últimas e chegam ao hospital já na ruptura, outros porque cá vêm receber, afinal, esses cuidados primários” — sublinhou.

Média alta de internamento nas urgências

A acrescentar a essa situação há ainda a falta de meios dos hospitais distritais que enviam para o Hospital de S. José muitos doentes que não podem ser assistidos regionalmente.

Situado num bloco de dois pisos e dispondo de 300 camas nas várias unidades que inclui, o Serviço de Urgência do São José prestou assistência em 1984 a mais de 50 mil doentes. Estatísticas fornecidas pelo estabelecimento hospitalar adiantam que a



Sem rede de cuidados primários, as urgências em S. José acabou por ter efeitos contrários

maior parte desses doentes estiveram em internamento, com uma demora média de dois dias, tendo 1600 outros doentes ali acorrido para consultas externas da especialidade em que inicialmente foram assistidos.

Ainda segundo esses dados, as unidades de traumatizados crânio-encefálicos e ortopedia são as que maiores demoras médias de internamento apresentam, com valores, respectivamente, de 18 dias e 31 dias, em 1984. Essas permanências naquelas unidades tendem, no entanto, a diminuir, em comparação com anos anteriores, pois tiveram uma ocupação média de 24 dias e 37 dias em 1981.

“A unidade de ortopedia deverá mesmo ser transferida para outros hospitais, dado não se justificar, no entender de Manuel Delgado, uma média de internamento tão alta num serviço de urgência”.

Caso venha a ser extinta esta unidade, serão recuperadas para a de traumatizados crânio-encefálicos cerca de 24 camas permitindo assim um melhor serviço numa área que tem muita procura.

“Temos médicos suficientes”

Para aquele administrador, as maiores carências do Serviço de Urgência colocam-se ao nível dos meios humanos, sobretudo de pessoal de enfermagem, pes-

soal auxiliar e paramédico, “pois médicos temos os suficientes”, disse.

“Há projectos que nem sempre são concretizáveis, relativamente a uma melhoria de serviços, devido à falta de meios humanos” — sublinhou Manuel Delgado, acrescentando que, “quanto a meios técnicos e equipamento, aquele de que dispõem é razoável e está todo a ser utilizado”.

A actual estrutura do Serviço de Urgência — que começou por ser um bloco como o de outros hospitais civis de Lisboa — foi-se tornando independente e houve necessidade de coordenar as unidades. Hoje, aquele serviço, que funciona quase como um outro hospital, dispõe, além da Unidade de Urgência Cirúrgica, de urgência médica, internamento curto, dos serviços de traumatizados crânio-encefálicos, neurocirurgia e de ortopedia, e, ainda, secções auxiliares e consultas externas.

Nas previsões para 1985 o Serviço de Urgência deverá assistir cerca de 50 mil doentes, com uma demora média de internamento de 2,1 dias, oscilando a taxa de ocupação das várias unidades entre os 160 por cento (para os doentes em internamento curto de seis horas) e os 85 por cento, para os internamentos de ortopedia, o que resulta numa taxa de ocupação de 94,5 por cento das 295 camas previstas.

Só em 1984

Mais de um milhão gasto na supressão de passagens de nível

O Governo gastou, em 1984, um milhão e trezentos mil contos na suspensão de passagens de nível em todo o país e pretende dispendir este ano idêntico montante — afirmou no sábado o ministro do Equipamento Social.

Rosado Correia, de visita a Baião, falava numa sessão solene na Câmara Municipal local, onde foi agraciado com a medalha de ouro do Concelho.

Durante a cerimónia foram assinados três protocolos de cooperação entre a Câmara Municipal de Baião e organismos do Ministério do Equipamento Social.

Assim, a Câmara local e a CP assinaram um protocolo para a construção de um passagem superior na estação de Mosteiro, na linha do Douro, orçada em 60 mil contos.

Para a recuperação do Convento de Ancede foi concedida uma verba, ainda não especificada, no âmbito de uma linha de crédito bonificado da Caixa Geral de Depósitos para imóveis em degradação.

O ministério concedeu ainda, no âmbito de outro protocolo, 250 mil contos para a construção de habitação social em quatro freguesias do concelho.

Rosado Correia apelou, a propósito, aos jovens casais para que formem cooperativas para a construção das suas habitações.

O Ministro defendeu a necessidade de imprimir os pólos de desenvolvimento nas diferentes regiões, salientando que “regionalizar significa, sobretudo, atingir a solução das carências” que se fazem sentir dentro das diferentes zonas.

Neste contexto, considerou que foi dentro de uma respectiva de regionalização que o seu Ministério “conseguiu vencer todas as atropelias e todos os desentendimentos entre as autarquias e nos próprios órgãos de informação” e decidir pelo projecto da ponte ferroviária sobre o Rio Douro.

“Entretanto, todas as autarquias envolvidas pelo projecto assinaram o protocolo” para a construção da ponte, “o que prova que o projecto apresentado por este Ministério era o único, válido,

DELEGADOS DE PUBLICIDADE
PRECISAM-SE

Para empresa gráfica com várias publicações de grande expansão.

Pretende-se pessoas que obedeçam aos seguintes requisitos:

- 1 — Bom nível cultural;
- 2 — Gosto pelas relações públicas;
- 3 — De preferência com alguns conhecimentos da actividade publicitária.

Resposta ao n.º 3101 deste jornal



NÃO FUME

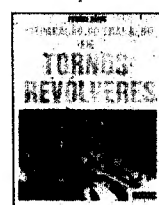
EM RECINTOS
FECHADOS

LIVROS TÉCNICOS

NOS DIAS DE HOJE
ESTAR ACTUALIZADO É IMPORTANTE

EDIÇÕES CETOP DA LHE A
ACTUALIZAÇÃO DE QUE NECESSITA
ATRAVÉS DOS LIVROS QUE EDITA

PREPARAÇÃO DO
TRABALHO EM
TORNOS-REVOLVERES

ABERTURA DE ROSCAS
NO TORNO

TRACADO DA
PLANIFICAÇÃO DE
PEÇAS EM CHAPA

GESTÃO DE MANUTENÇÃO
MECÂNICA E ELÉCTRICA
NA INDÚSTRIA E NAS
OFICINAS

MANUAL DE CORTE
E QUINAGEM DE CHAPA
METÁLICA

NOVO

Eng. Paulo Pinto de Campos
manual
DE CORTE E QUINAGEM
DE CHAPA METÁLICA

No campo da transformação de ligas e metais, por deformação, os processos de corte e quinagem têm tido um grande desenvolvimento nos últimos tempos. Razão pela qual esta obra é considerada de grande interesse, pois, nela são divulgados os princípios que regem esta técnica, facilitando assim aos profissionais maiores conhecimentos.

A venda em todas as livrarias, ou encomende directamente a:
EDIÇÕES CETOP — Apartado 33 — 2726 MEM MARTINS CODEX

- Envie-me contra reembolso os livros que assinalo com ☒
- ☐ PREPARAÇÃO DO TRABALHO EM TORNOS-REVOLVERES 635\$
 - ☐ ABERTURA DE ROSCAS NO TORNO — 635\$
 - ☐ TRACADO DA PLANIFICAÇÃO DE PEÇAS EM CHAPA — 635\$
 - ☐ GESTÃO DE MANUTENÇÃO MECÂNICA E ELÉCTRICA NA INDÚSTRIA E NAS OFICINAS — 965\$
 - ☐ MANUAL DE CORTE E QUINAGEM DE CHAPA METÁLICA 750\$ NOVO

Nome _____
Morada _____
Cod. Postal _____ Localidade _____

Ref. 20 FDL

(Os preços são acrescidos das despesas de expedição e cobrança)

de ontem para hoje

Agricultores querem gado na feira de Coimbra

O presidente da Câmara de Coimbra, Mendes da Silva, que ontem recebeu uma delegação da União dos Agricultores do concelho, admitiu a reabertura da Feira dos 23 ao gado. O certame foi encerrado ao gado devido ao surto de peripneumonia que dizimou grande parte do efectivo pecuário da região. Um plenário de agricultores realizado em 23 de Janeiro último exigiu a reabertura da feira ao gado, com os respectivos cuidados sanitários, «face aos enormes prejuízos que o seu encerramento acarreta aos agricultores».

Subchefe do Estado-Maior da PSP

O tenente-coronel de Infantaria, José António Pereira Brás, assumiu as funções de subchefe do Estado-Maior do Comando-Geral da PSP, segundo revela o último número da revista «Polícia Portuguesa», órgão oficial daquela corporação. A mesma fonte refere que a Escola Superior de Polícia é frequentada por trinta alunos sendo dezasseis oriundos da vida civil e treze da profissional (subchefes e guardas). Por outro lado, para aquele estabelecimento, de cerca de duas centenas de candidatos docentes foram seleccionados «dezoito universitários e outras individualidades» não especificadas.



Vigilante morto em Cantanhede

Um vigilante colocado em Coimbra, foi encontrado morto junto à via férrea, próximo do lugar da Cunha, no concelho de Cantanhede. A Polícia Judiciária investiga as circunstâncias em que Manuel Mariano Bicho, de 26 anos, perdeu a vida.

Acusado de dois homicídios em Odemira

A GNR deteve Duarte Florêncio, de 24 anos, acusado de ter assassinado um homem e uma mulher, em S. Martinho das Amoreiras, no concelho de Odemira. As vítimas, mortas a tiro de caçadeira nas suas residências, são Lúcia Neves da Silva, de 48 anos casada e An-

tónio Maria Amélio, de 58, viúvo, a quem o homicida roubou dinheiro e vários objectos. Duarte Florêncio, natural de Ourique e já com cadastro, foi entregue ao Juiz de Instrução Criminal de Portimão, o qual confirmou a sua prisão.

Perseguiam raparigas em Vieira de Leiria

A GNR deteve dois indivíduos acusados de molestarem, e perseguirem, raparigas da Escola Secundária de Vieira de Leiria. Trata-se de dois jovens de apelidos Guerra e Brito.

O automóvel do assalto em Tavira

Nos arredores de Conceição, freguesia do concelho de Faro, foi encontrado o automóvel Citroën de dois cavalos utilizado pelos três indivíduos que, na passada quarta-feira, assaltaram uma agência bancária

em Tavira, levando cerca de 1500 contos. Os três assaltantes apresentaram-se encapuçados e armados com uma pistola-metralhadora, uma pistola e uma caçadeira de canos serrados.

Acidente fatal próximo de Braga

Um automóvel foi embater contra uma máquina industrial, em Lamela, tendo a sua condutora chegada já sem vida ao Hospital de S. Marcos, em Braga. A vítima, Maria Alexandrina Rocha Moreira Pinto, de 55 anos, casada, residia em Vila Nova de Famalicão.

Falso detective em Vila do Conde

Intitulando-se procurador extrajudicial e detective particular, um indivíduo de 31 anos, Fernando Augusto Gomes da Silva, conseguiu burlar em 135 contos, uma senhora de Vila do Conde a quem morrera um filho num desastre de automó-

vel. Fernando da Silva, que recolheu à cadeia de Custóias, convenceu a senhora de que o seu filho fora vítima de crime que, desde logo, se comprometeu investigar até «às últimas consequências».

Objectos recuperados em Alfama

Na Polícia Judiciária encontram-se depositados, para serem entregues a quem provar ser o seu proprietário, os seguintes artigos recuperados de furtos efectuados em Novembro último, na zona de Alfama: máquinas fotográficas, rádios, leitores de «cas-setes», ferramentas várias, isqueiros e malas de senhora.

Presumível homicida de chefe de estação

Motivos passionais terão estado na origem do assassinio do chefe da estação de caminhos-de-ferro da Lardosa, no concelho de Castelo Branco. O presumível homicida de Manuel Pires Chambel, de 45 anos, um indivíduo de apelido Caetano, já detido, utilizou uma espingarda caçadeira.

Eduardo Pereira «atacou» em Sines

Ministro promete luta contra autores de atentados

Beja: há medidas concretizadas e «plano de emergência»

O Governo vai «dar luta contínua, até aos extremos que forem necessários, a todos aqueles que fazem da sua vida uma vida de morte» — afirmou Eduardo Pereira, ministro da Administração Interna, em Sines, na inauguração de um novo quartel dos Bombeiros Voluntários daquela vila.

No caso concreto de Beja, por seu lado, uma fonte policial afirmou que «existe um plano de emergência montado para o caso de poder ocorrer outro atentado».

Independentemente das medidas «internas» tomadas pelos responsáveis alemães — e de que pouco transpira —, sabe-se que a PSP de Beja foi reforçada, já no sábado, com um pelotão de Faro, destinado ao patrulhamento nocturno do bairro residencial de pessoal alemão que recebe treino na Base Aérea n.º 11.

O conjunto destas medidas é resultado directo e imediato do conjunto de oito explosões que naquele bairro se verificaram, na sexta-feira, com destruição total de nove viaturas e parcial de outras onze.

As medidas excepcionais adoptadas incluem ainda um sistema de segurança excepcional, com a colaboração da Polícia Aérea da base e dispositivos militares do Regimento de Infantaria de Beja. Isto, para além da deslocação para esta cidade de um grupo de polícias especializados alemães, sob a alegação de que vinham investigar o atentado de

sexta-feira. Ainda de assinalar as transferências verificadas no próprio pessoal alemão que se encontrava em Beja, com a explicação semioficial de que já se encontravam programadas há muito tempo.

A toda esta preocupação não será estranha, certamente, a constatação a nível internacional de que instalações da NATO se tornaram o alvo preferencial dos atentados concretizados por diversas organizações internacionais, desde a «Acção Directa» francesa à «Faccão do Exército Vermelho», na RFA.

No que ao nosso País se refere, concretamente, Eduardo Pereira diria em Sines: «Não permitiremos que o esforço que estamos a fazer seja sacrificado ao ódio e à loucura de uma minoria».

Melhora ferido de Vila Real

Vitório Vasconcelos Leite, vítima do atentado que matou Sidónio Cabanelas, está a recuperar satisfatoriamente das lesões que a deflagração da bomba provocou, disse à ANOP uma fonte hospitalar.

A equipa médica que o tem assistido em Vila Real revelou que estão a evoluir no sentido de ampla recuperação os ferimentos que Vitório Leite sofreu na vista.

O ferido já distingue formas, apesar da vista esquerda estar afectada por coágulos de sangue.

«O Vitória já vê as coisas», disse a esposa, Maria Elisabete.

Há recuperação dos olhos do sinistrado. Embora se processe com morosidade, poderá ser total, se não aparecerem complicações nos glóbulos oculares e nas córneas», disse um elemento da equipa cirúrgica do Hospital de Vila Real.

Planeamento feito em Lisboa?

A actual vaga de acções terroristas contra alvos da NATO em toda a Europa pode ter sido planeada numa reunião em Lisboa, em Junho do ano passado, pelas principais organizações extremistas europeias, escreve o «Sunday Times».

Num artigo na primeira página, este jornal britânico refere que nessa reunião de Lisboa foi pela primeira vez acordado pelos principais grupos extremistas atacar objectivos semelhantes, e depois dessa reunião, acrescenta, aumentou enormemente o número de atentados.

O «Sunday Times» de ontem tem outro grande artigo de página inteira, nas centrais, intitulado «Terrorismo, Lda.» em que afirma que os últimos atentados contra alvos da NATO, em Portugal, reivindicados pelas «FP-25» fazem parte deste plano terrorista europeu.

O jornal diz que o pequeno jardim «9 de Abril» é um local ideal para bombardear as docas de Lisboa, mas que apesar disso as «FP-25» não conseguiram acer-

tar nos navios da NATO ali atracados.

Porém, sublinha, a organização teve mais êxito nos atentados bombistas da sexta-feira passada em Beja.

«Para uma organização que o Governo português afirmou ter sido erradicada com a prisão de 40 pessoas, em Julho passado, este ataque foi um sucesso considerável», escreve o «Sunday Times».

O artigo considera que os atentados contra a NATO estão integrados na ofensiva terrorista em cinco países europeus, todos membros da NATO, e que são, para além de Portugal, a França, Alemanha Federal, Bélgica e Holanda.

Detidos protestam contra Machete

Detidos no caso FUP-FP 25, contestaram, em comunicado, a afirmação do ministro Rui Machete de que estaria confirmada a «esmagadora maioria das acusações formuladas» contra eles.

Naquele documento, os detidos na Penitenciária de Lisboa, asseveram que «quase todo o despacho de pronúncia assenta nas acusações do Ministério Público, sem que eles tenham apresentado as provas que possuem da sua inocência».

O comunicado acrescenta que «a defesa tem montanhas de provas a apresentar contra as mentiras, falsificações e especulações da Polícia política e do Ministério Público».

Um deles está «preso» num andar de Los Angeles

Portugueses do 'contrabando de armas' só em Agosto começarão a ser julgados

Um magistrado federal norte-americano autorizou um dos três portugueses que aguardam julgamento em Los Angeles, sob a acusação de contrabando de armas, a ocupar um elegante apartamento daquela cidade, considerada em alguns meios do Estado da Califórnia como «prisão de luxo».

A autorização foi concedida a Moisés Broder, cidadão português de ascendência judaica, ex-administrador e sócio da «Euro-Atlântica» (entre 1977 e finais de 1983), pelo juiz de Los Angeles James McMahon. Broder foi detido no aeroporto internacional de Los Angeles quando em 19 de Janeiro tentava viajar para Lisboa na companhia de Eduardo Ojeda, de 54 anos, e Carlos A. Ribeiro, de 45, este com residência em Los Angeles. Broder deverá mudar-se hoje da prisão para o andar alugado.

Moisés Broder é um português endinheirado que, depois da «Euro-Atlântica», fundou outra empresa de Lisboa que ainda não fechou, mas da qual ninguém atende. Difícil é igualmente contactar a família em sua casa, no Bairro da Pedreira, Lugar do Mata Sete, em Birre, no concelho de Cascais.

Está detido à ordem do tribunal federal por não ter residência fixa

nos EUA, assim como, aliás, Eduardo Ojeda. O português ali radicado, Carlos A. Ribeiro, aguarda julgamento em liberdade. A Moisés Broder foi imposta prisão, sem admissão de caução, pelo juiz federal James McMahon, pelo facto de não ter residência nos EUA. Os advogados de Broder solicitaram, contudo, ao mesmo juiz, um acordo sobre detenção especial a fim do seu cliente poder continuar a trabalhar no ramo de comércio que desenvolve e que é tão diverso que vai de roupas a peças de máquinas.

Guardas vigiam-no dia e noite

O aspecto mais curioso da história da «prisão de luxo» para a qual se vai mudar Moisés Broder, um elegante apartamento de Los Angeles, é que o magistrado McMahon afirmou no último fim-de-semana não conhecer o acordo sobre as suas condições de detenção. Sabe-se, contudo, que este negociante de artigos diversos que aguarda julgamento por suspeita de participação numa operação visando contrabandear material bélico para o Irão no valor de 619 mil dólares, pode pagar mensalmente vinte mil dólares — cerca de 3460 contos — para vi-

ver num andar alugado, sob a vigilância de guardas privados armados.

Entretanto, promotores federais afirmam que está a ser preparada uma acção criminal contra Moisés Broder por um grande júri e que a data do julgamento poderá ser marcada para dentro de seis meses, em princípio Julho ou Agosto. Durante esses seis meses, Broder continuará a movimentar os seus negócios com as limitações próprias da sua «prisão de luxo», podendo vir a utilizar o telefone, o telex, sobretudo o primeiro, na sua vida comercial. Aos guardas privados escalados para o seu andar caberá não apenas vigiá-lo para que não escape à justiça dos EUA, mas também defendê-lo de qualquer ataque.

Há especiais cuidados por parte das autoridades norte-americanas sobre Broder, porque se este escapasse para Portugal não seria extraditado, uma vez que o crime que lhe é imputado não está abrangido por qualquer acordo entre os dois países.

Promotor de Justiça não está de acordo

Moisés Broder espera aguardar o julgamento no seu elegante apartamento de Los Angeles,

mas nada indica que esteja disso seguro. E isto porque o promotor de justiça federal de Los Angeles encarregado deste caso, o juiz William Fahey, não está de acordo e receia que Broder tente fugir para Portugal.

Independentemente desse seu receio, Fahey não concorda com o privilégio garantido a Moisés Broder, tendo afirmado sobre este caso: «A nossa posição é a de que parece não existir um critério de justiça quando um réu rico pode obter um acordo para uma detenção de luxo que não está à disposição de outros.»

O plano aprovado há dias pelos advogados do réu e pelo juiz McMahon prevê que Moisés Broder seja transferido hoje da prisão federal da ilha de Terminal (de Los Angeles) para o andar alugado, onde guardas armados montarão vigilância dia e noite. Serão colocados alarmes nas portas e janelas para garantirem que ele não se irá. Os seus advogados serão às suas únicas visitas. Broder poderá telefonar, inclusive para Birre, onde vivem a esposa e as suas duas filhas.

Broder, Ojeda e Ribeiro são acusados de tentarem contrabandear material de guerra para o Irão no valor de 619 mil dólares, incluindo componentes do sistema de míssil «Hawk».

Embora a medida ainda não tenha sido aprovada pela Câmara

Abecasis anuncia água a 90\$00 por metro cúbico

O presidente da Câmara de Lisboa garantiu, ontem, ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença, que os lisboetas vão passar a pagar uma taxa de saneamento. A concretizar-se, essa medida fará elevar o preço do metro cúbico de água na capital para perto de 90 escudos, em média.

A medida preconizada por Krus Abecasis teria como objectivo garantir o financiamento do sistema de recolha e interceptação de todas as condutas de esgotos que actualmente descarregam directamente no Tejo.

A questão da aplicação das taxas de saneamento em Lisboa não está, contudo, ainda aprovada pelos vereadores como a lei torna imperioso. E a sua aprovação, ao que tudo faz prever, não será pacífica, uma vez que os eleitos da APU sempre têm mostrado a sua discordância e nos encontramos em ano de eleições autárquicas, portanto pouco propício à adopção de medidas anti-

populares.

Segundo o presidente da CML nas declarações ao programa, o grande interceptor de Lisboa, a adjudicar no ano corrente, custará cerca de seis milhões de contos. O objectivo final é canalizar os esgotos para duas estações de tratamento, após o que o produto final, já purificado, será lançado no rio Tejo.

«Para financiar a construção do grande interceptor é indispensável que haja uma taxa a habilitar a Câmara com os meios necessários. Essa taxa será paga mensalmente» — informou Abecasis, na linha das conclusões de um estudo já efectuado pelos serviços camarários.

De acordo com esse documento, os encargos médios mensais para os consumidores domésticos seriam de 212 escudos (depois arredondados para 200); 2 883 escudos para os comerciais e industriais; 7 399 no que se refere a instituições; e 18 938

escudos para os serviços de Estado.

Metro cúbico sobe, sobe

O objectivo da aplicação desta medida como dissemos seria o de obter durante o ano corrente qualquer coisa como dois milhões e meio de contos, indispensáveis à adjudicação das obras.

O cálculo da média de consumo no que se refere à água, somado à aplicação desta taxa de saneamento, levaria rapidamente a um preço de perto de noventa escudos por cada metro cúbico de água.

As contas são feitas na base dos 38\$50, por metro cúbico de água no 1.º escalão, actualmente em vigor, e de 55\$50 para o consumo que se incluía no segundo escalão. Por outro lado, há que introduzir o custo do aluguer do contador. Saliente-se, a propósito, que o consumidor já contribui,

actualmente com 5\$50 em cada metro cúbico de água, para assegurar o pagamento à EPAL dos gastos efectuados pelo município.

O método preconizado por Abecasis tem sido contestado nomeadamente pela APU. Rui Godinho vereador eleito por esta força política dir-nos-ia, esta manhã, que «as taxas e tarifas devem incidir sobre custos de serviços prestados» e não em investimentos.

«Mas, para além do mais, pensamos que o lançamento desta taxa é de duvidosa legalidade, porque, nos termos em que está proposta, representa um novo imposto» — entende Rui Godinho.

Este vereador, que entende tratar-se — o grande interceptor de uma obra indispensável para a capital, tem uma solução diferente para o problema da financiamento: ou garanti-lo através do Orçamento Geral do Estado ou com uma linha de crédito altamente bonificada. «E optou pela

solução que sobrecarrega os municípios» — diz Rui Godinho.

Há em Lisboa graves carências

Nuno Abecasis reconheceu nas suas declarações, existirem hoje em Lisboa situações de grave carência: «Há muitos anos que não se viam mendigos nas ruas, que não, viam pessoa a ir aos caixotes do lixo e hoje vêem-se».

Abecasis recusou informar se vai ou não recandidatar-se à presidência da Câmara de Lisboa, onde, segundo disse, «a Aliança Democrática sempre continuou a funcionar».

Relativamente às autárquicas acentuou que o que está em causa no distrito de Lisboa «é saber se os partidos por causa do seu desgarramento vão continuar a deixar que a APU tenha o peso que não deveria ter, como nos casos de Loures, Amadora e outros».

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

Caem sobre mim as desgraças do mundo. Caem, sem que eu saiba como implorar o perdão dos deuses, pois é sabido que aos deuses nada mais nos cabe senão pedir perdão: aos seus olhos, humano é sempre culpado.

Há tempos, quando o «space shuttle» teve uma série de avarias (deficiências no ar condicionado, alcatifa com buracos, partidos alguns azulejos da casa de banho, etc.), foi publicado um documento da NASA a responsabilizar-me pelo sucedido. De negligência era o mínimo de que me acusavam! Da comissão de inquérito imediatamente constituída, faziam parte o presidente da NASA, o engenheiro director técnico da NASA e o responsável do voo, não me lembra o nome. O processo está a decorrer e não sei como me vou safar desta.

Também por causa dos massacres de Sabra e Chatila, lembram-se? Aí estou eu com outro processo às costas. Acusam-me de instigador e organizador único. Da comissão de inquérito às minhas responsabilidades fazem parte o chefe do governo israelita, o gauleiter das milícias cristãs e um representante dos Estados Unidos. Tou bem tramado...

Minhas malaventuras não se ficam por aí. Acabo de ser notificado de que estou sendo alvo de um inquérito pela acusação de estar implicado na denúncia dos planos dos Estados Unidos contra a Nicarágua. Dizem que fui eu quem deu a *cacha* ao «N. Y. Times» e ao «W. Post». O inquérito estabelecido para me julgar é composto pelo chefe da CIA, pela Kirkpatrick e pelo próprio Reagan. Mas o mais grave de tudo, meus senhores, o que ultrapassa as raías da perseguição pura e simples é o que acaba de me acontecer agorinha mesmo.

Sem mais rodeios: o Benfica acusou-me de ser o responsável pelo facto de não ganhar todos os campeonatos. Em causa estão os últimos jogos em que aquele clube não foi o melhor do país embora, evidentemente, ninguém lhe conteste o título do melhor do mundo.

A comissão de inquérito é composta pelo Pal Csernai, por Fernando Martins e pelo Chalana. Chorem por mim.

Entrego-me nas mãos da Providência, que é como quem diz, entrego-me nas mãos do Terceiro Anel.

Por tempo indeterminado

Greve na Marinha Mercante afecta navios da CTM e CNN

A greve por tempo indeterminado que hoje se iniciou na Marinha Mercante afecta os navios da CTM e CNN que se encontram em portos nacionais e, numa primeira fase, prolongar-se-á até às 24 horas do próximo dia 10. Abrange designadamente as máquinas, equipamentos e serviços, incluindo operações de carga e descarga e também os navios agenciados ou afretados pela CTM e CNN, segundo declarou ao «DL» um porta-voz da Frente de Sindicatos da Marinha Mercante. Nas instalações de terra, sedes e delegações, a paralisação decorre entre as 14 e as 24 horas de cada dia.

Entretanto a Federação dos Sindicatos do Mar acusou os sindicatos apoiantes da greve (nomeadamente os Sindicatos dos Oficiais Maquinistas, Cámaras, Marinheiros e Sitma) de pretenderem fazer «um autêntico lock-out que objectivamente vem facilitar os desígnios do Governo».

Segundo um comunicado da federação, os trabalhadores da CTM e CNN, reunidos em plenário conjunto na quarta-feira, decidiram suspender a greve marcada para quinta-feira face ao facto de existirem indícios de que o Presidente da República enviaria o decreto de extinção da CTM e CNN ao Tribunal Constitucional, como veio a acontecer.

«Surpreendentemente, algumas direcções sindicais que representam uma minoria de trabalhadores da CTM e CNN informavam os seus representantes que tinham decidido (por eles) uma greve limitada a partir de 4 de Fevereiro de 1985 em toda a Marinha Mercante e portos» — salienta o comunicado da Federação dos Sindicatos do Mar.

De referir que as acções de luta da referida Frente incluem mais duas fases, a última das quais aponta para a paralisação de todas as companhias portuguesas da Marinha do Comércio, a partir das zero horas de 3 de Março.

Congresso menos participado que em 1984

Turismo algarvio exige Plano Director Regional

Menor participação na discussão dos problemas da região, menos comunicações e a ausência de autarcas, políticos e empresários do sector assinalaram o V Congresso de turismo do Algarve que entre quinta-feira e sábado decorreu no Alvor, com a presença de três centenas e meia de especialistas.

Aguardava-se mais de duas dezenas de comunicações sobre os quatro painéis em debate, mas o seu número não atingiu, afinal, nem as duas dezenas e meia anunciadas sob reserva, nem as três dezenas que chegaram a ser admitidas. A não comparecimento de autarcas também foi notada por alguns participantes e por representantes dos órgãos da Comunicação Social, por saber que nenhuma medida de fundo para o sector avançará sem a sua participação que, na maioria dos casos, até é determinante.

O relacionamento entre a organização do V Congresso do turismo (o skal clube) e as autarquias, a poucos dias desta iniciativa, não era a melhor. Recordar-se, com efeito, que Martim Gracias, presidente da Câmara Municipal de Portimão — na zona onde decorreu o Congresso —, se insurgiu contra a designação daquela iniciativa que, a seu ver, não deveria cha-

mar-se congresso, mas antes reunião ou seminário. E isso, ainda de acordo com o autarca portimonense, porque os congressos até agora promovidos não têm vinculado as entidades responsáveis: nem os congressos nem as suas deliberações.

Esta opinião de Martim Gracias foi sábado criticada através de uma moção que, todavia, não chegou a ser votada. Os seus proponentes contestam o ponto de vista, argumentando que Gracias não é especialista em questões de turismo e, por isso, «sem competência para se pronunciar sobre o que deve ou não deve ser considerado um Congresso de Turismo». De acordo com os mesmos proponentes, «devem acabar as guerrilhas institucionais para que se promova o bom relacionamento entre as diferentes entidades».

Uma certa formade divórcio
Existiu divórcio entre as autarquias e a organização deste V Congresso de Turismo. Para alguns, essa separação foi patente ao longo dos trabalhos, se bem que duas conclusões, pelo menos, apontem para a inevitabilidade da intervenção das autarquias.

São elas as que respeitam à elaboração de um Plano Director Regional e à criação de uma Região Administrativa do Al-

garve. Sem a participação activa das autarquias nenhuma das duas propostas é concretizável, como acentuou o presidente da CM de Lagos, Alberto Baptista.

A questão mais polémica deste V Congresso de Turismo do Algarve centrou-se em torno do saneamento básico, concretamente por causa dos problemas que neste domínio têm surgido nos dois últimos anos com os envenenamentos por monóxido de carbono e as gastroenterites.

As conclusões do congresso apontam para a necessidade de «inventariação, legislação adequada e inflexibilidade do seu cumprimento», «defesa e protecção do património cultural, artístico e arquitectónico», «premente reclassificação dos estabelecimentos hoteleiros e similares» e «defesa da qualidade do nível de serviços e a conservação de instalações e equipamentos». Além, claro, e como já referimos, da imediata elaboração de um Plano Director Regional e da criação da Região Administrativa do Algarve. O congresso defendeu ainda que o turismo deve ser considerado sector prioritário do desenvolvimento regional.

Nudismo já não atrai mais turistas

Para isso não é forçosamente necessário autorizar sem limites

a prática do nudismo no Algarve, posição que defendeu o jornalista e director do Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo, César Faustino.

De acordo com este participante, não será conveniente insistir no nudismo como meio de promoção turística, caso venha a ser aprovada uma lei nesse sentido, permitindo a sua prática. César Faustino sustenta que a excessiva promoção do nudismo em Espanha, Grécia e Jugoslávia acabou por afastar «segmentos» de mercado muito mais importantes sob o aspecto socioeconómico e, até, muito mais rentáveis.

Sobre a prática do nudismo pelos escandinavos, disse César Faustino que é encarada sem preocupações eróticas ou sexuais, cultivando-o apenas como terapêutica. Se algum dia a sua prática entre nós for livre, deverá sê-lo em recintos próprios e devidamente identificados, ainda segundo César Faustino.

Durante o Congresso, o presidente da RTA criticou o Governo por avalizar projectos que se têm revelado antituristicos e contrários aos interesses a longo prazo, enquanto o ministro do Comércio e Turismo logo na sessão de abertura, acentuou estar para breve a publicação de uma lei hoteleira visando acabar com os principais desmandos do sector.

Em «Morris» alugado por italiano

Cadáver carbonizado na serra de Sintra

Um cadáver completamente carbonizado foi encontrado, na madrugada de ontem, no banco da frente de um automóvel estacionado numa zona florestal da Serra de Sintra, no Alto da Azóia, a cerca de trezentos metros da estrada que liga Peninha aos Capuchos. O veículo, um «Morris» de cor azul, com a matrícula FJ-56-29, apresentava toda a parte dianteira queimada e o porta-bagagens aberto e vazio. No banco traseiro do «Morris» estava uma bilha de gás que não chegou con-

tudo a reventar.

O corpo, cuja identidade e sexo não estão ainda determinados, foi conduzido para o Instituto de Medicina Legal, enquanto que o carro recolheu para análise ao parque privativo da polícia Judiciária, na Rua Gomes Freire, em Lisboa.

Segundo o «DL» conseguiu apurar, a hipótese de crime é a mais viável, tendo o «Morris» sido alugado, sábado passado, no Aeroporto da Portela à agência «Aertz», por um cidadão italiano, que bem poderá ser a vítima.

Vítimas do Cartaxo melhoram

As vítimas da explosão ocorrida na Escola Secundária do Cartaxo experimentam algumas melhoras e, no passado sábado, a professora Dália Belchior foi transferida da Unidade de Unidade de Urgência Cirúrgica para o serviço de Queimados do Hospital de S. José.

Depois de sujeita a várias traqueotomias, a jovem professora, cujo estado inspirava algumas reservas aos médicos, reagiu favoravelmente. Também um aluno,

sujeito à mesma terapêutica, melhorou consideravelmente, diminuindo modo, o risco temido pelos médicos de problemas respiratórios por inalação de fumos tóxicos, aquando do acidente.

Em estado favorável também se encontram todos os outros feridos internados no Serviço de Queimados, apesar do risco de infecções preocupar a equipa médica de assistência e determinar sérios cuidados.

Reembolso dos Serviços Médico-Sociais

Precisamente no dia 1 de Fevereiro: a Direcção do Sindicato dos Jornalistas protestou junto do director-geral dos Serviços

Médico-Sociais pelo atraso nos reembolsos aos jornalistas que em alguns casos já ultrapassam os quatro meses.

Tutu concede prazo ao "apartheid"

O Prémio Nobel da Paz de 1984, bispo Desmond Tutu, declarou que se o «apartheid» não for desmantelado nos próximos dois anos pedirá sanções económicas contra a África do Sul, «sejam quais forem as consequências legais» desta posição.

Desmond Tutu foi ontem entronizado bispo anglicano de Joanesburgo, cargo pela primeira vez ocupado por um negro.

No discurso proferido perante cerca de dois mil convidados, o bispo Tutu disse que o «apartheid» é um sistema «totalmente diabólico, imoral e não cristão».

«Aviso que, se dentro de 18 a 24 meses, o «apartheid» não estiver desmantelado, tenciono pedir sanções económicas, sejam quais forem as consequências legais que isso possa ter», acrescentou o bispo.

Tutu desmentiu ter alguma vez defendido a retirada do investimento estrangeiro da África do Sul, mas confirmou que pediu que fossem exercidas «pressões internacionais a nível diplomático, político e, acima de tudo, económico, para persuadir o governo sul-africano a sentar-se à mesa das negociações com os autênticos representantes de todos os sectores da nossa comunidade».

Desmond Tutu recordou que, no caso da comunidade negra, maioritária no país, «quase todos os representantes se encontram ou na cadeia ou no exílio».

O bispo fez notar que as pressões exercidas através do boicote desportivo permitiram que se implantasse na África do Sul «um

desporto multirracial, o que constitui uma 'anormalia' numa sociedade de segregação racial».

Comentando as projectadas melhorias na situação dos trabalhadores negros em empresas de capital europeu ou norte-americano, o bispo afirmou: «A nossa preocupação não é conseguir ligeiras melhorias no âmbito do «apartheid», é conseguir a total eliminação do sistema».

Durante os últimos sete anos, Desmond Tutu, de 53 anos, foi secretário-geral do Conselho Sul-Africano das Igrejas, que agrupa 15 comunidades evangélicas com larga participação de membros negros.

Os ouvintes da estação de Rádio oficial sul-africana SABC ficaram sábios atônitos ao ouvirem o hino do movimento de oposição ANC, ilegalizado, ser tocado durante um boletim noticioso, refere a agência moçambicana AIM.

De acordo com a AIM, o hino «Nkosi Sikelele Afrika», que foi adoptado pelo Congresso Nacional Africano (ANC), foi tocado numa versão coral em língua zulu, durante um noticiário do serviço interno, em língua inglesa. Depois, a música foi abruptamente interrompida e o locutor disse: «As nossas desculpas por esta interrupção» — adiantou a AIM.

Não foi possível apurar se a transmissão do hino do ANC foi devida a um simples erro técnico ou se emitida por um funcionário da SABC apoiante daquele movimento, que luta contra o regime de minoria branca e se opõe à política do «apartheid».



O Papa esteve em Ayacucho sempre rodeado de aparatosas medidas de segurança

(Telefoto UPI/NP/“DL”)

Papa prossegue visita ao Peru

O Papa João Paulo II prossegue hoje a sua visita ao Peru, deslocando-se a duas cidades nortenhas, depois de ter já percorrido as ruínas incas e de ter apelado aos guerrilheiros maoístas para deporem as armas.

Depois de, no domingo, ter afirmado em Ayacucho, zona de guerra dos rebeldes, perante 20 mil pessoas, rodeado de aparatosa serviço de segurança, que é urgente que a guerrilha abandone as armas, João Paulo II, sem nunca referir o nome do grupo «Sendero Luminoso»,

disse que a paz e o trabalho permitiriam a construção de uma sociedade melhor.

A luta da guerrilha peruana prolonga-se já há quatro anos, tendo provocado mais de 4 mil vítimas.

Antes da sua visita a Ayacucho, o Papa deslocara-se a Cuzco, capital do antigo império Inca, situada nos Andes e destruída quando da conquista espanhola.

Falando aos descendentes dos incas, o Papa condenou o tráfico de cocaína, estimulante

tradicional dos índios.

A tarde, dirigindo-se aos fiéis que o aguardavam em Lima, voltou a condenar o divórcio, a esterilização, a contracepção e o aborto.

João Paulo II visitará hoje Piura, a primeira cidade sul-americana fundada pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro, em 1532. Mais tarde, deslocar-se-á à cidade de Trujillo, área de ruínas incas.

Amanhã, o Papa abandona o Peru dirigindo-se em seguida a Trindade e Tobago.

São “contra”

— afirmam os m

Comentários produzidos em diversos meios de informação soviéticos apontam os recentes atentados contra os objectivos da NATO na Europa como «um erro» que «só serve para desacreditar o crescente movimento anti-NATO no seu conjunto».

A agência TASS considera que estas acções servem de «pretexto à propaganda burguesa para atribuir aos países socialistas uma suposta participação», na opinião idêntica à do Serviço Internacional da Rádio Moscovo.

Os meios informativos afirmam que «a campanha propagandística dos círculos militaristas da NATO vê-se assim abastecida com novas mentiras sobre o «terror vermelho» para prosseguir as suas pressões sobre países, que como a Bélgica e a Holanda, mantêm reservas aos seus planos armamentistas».

A Imprensa soviética qualifica de «terroristas» as organizações que levam a cabo atentados con-

São ao todo 252

Alegados

“camorros”

vão a tribunal

em Nápoles

Um padre, uma freira e um antigo presidente de um clube de futebol incluem-se entre as 252 réus do maior julgamento na história do crime organizado em Itália, que hoje se inicia numa prisão de Nápoles.

Um grupo de 252 alegados membros da Camorra, a versão napolitana da Mafia siciliana, começam hoje a ser julgados numa sala fortificada construída especialmente para o efeito no interior da prisão de Poggioreale de Nápoles.

A polícia reforçou a segurança à volta da sala para impedir qualquer fuga da prisão. Cerca de 3000 polícias foram chamados para guardar o improvisado tribunal, cuja construção, numa área de recreio no interior da prisão de Poggioreale, custou 1 milhão de dólares.

Os réus, que foram levados para a prisão durante este fim-de-semana, provenientes de outras prisões espalhadas pelo país, serão conduzidos das suas celas através de uma passagem subterrânea para 20 jaulas com barras de aço, dispostas nos lados das paredes da sala onde decorre o julgamento.

Fontes judiciais disseram que o julgamento era o maior para suspeitos de crime organizado em Itália.

O julgamento deverá prolongar-se por quatro meses.

Os réus são acusados de fazerem parte de uma associação criminosa envolvida em «crimes contra pessoas e bens, tráfico de armas e drogas e de tentarem obter contratos para obras públicas», segundo revelou o professor de acusação.

Os investigadores disseram que a Nova Camorra, organizada sob a liderança de Raffaele Cutolo, é um clã rival conhecido como a Nova Família, edificaram impérios ilegais controlando lucrativos contratos de reconstrução celebrados depois do sismo de 1980.

Raffaele Cutolo, o chefe de 42 anos, da quadrilha de Nápoles, foi transferido domingo de uma cadeia em Ariano Ispino, nas montanhas a ocidente de Nápoles para uma prisão mais moderna na cidade Avellino.

IVA

IMPOSTO SOBRE O VALOR ACRESCENTADO

Acaba de ser posta à venda uma obra da autoria do Dr. Cardoso Mota com a legislação e comentários sobre este novo imposto (800\$00). Além desta obra temos todas as publicações editadas no mercado sobre o IVA, nomeadamente um Código com notas explicativas elaborado pelo Núcleo do IVA da D.G.C.I. (750\$00) e também um Código com remissões relativas à integração dos respectivos artigos, índice alfabético, remissivo e explicativo com cerca de 90 páginas e o Dec.-Lei sobre o registo dos sujeitos passivos (550\$00).

Aos pedidos feitos pelo Correio, devem juntar 50\$00 para portes.



Rei dos Livros
77 - Rua dos Fanqueiros - 79
Telef. 87 97 55 - 87 91 88
1100 LISBOA

TRIBUNAL DA COMARCA DE LISBOA
10.º JUÍZO CÍVEL
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da publicação do segundo e último anúncio citando os réus para no prazo de 20 dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, extracto, é o seguinte: No exercício da sua actividade de A. contratou com a R. a publicação regular nas suas revistas, de diversos anúncios publicitando a actividade de «astrologia», de que esta faz a sua profissão e comércio, crédito este que a R. não pagou, pedindo a A. a condenação da R. no pagamento de Esc. 503 470\$00 e juros de mora à taxa legal, desde a data da propositura da acção.

Acção Ordinária n.º 2825, 2.ª secção.
Autor ÁREA — SOCIEDADE DE COMUNICAÇÃO VISUAL, LDA.
Réu MARIA ISABEL DOS SANTOS BRITO VILELA VIANA, com a última morada conhecida em Cascais, na Rua Luis Xavier Palmeirim, n.º 8-1.º, D.º.
Lisboa, 29 de Janeiro de 1985.

O Juiz de Direito,
a) DR. C.C. BENTO
O Escrivão de Direito,
a) MARIA GIL

—DL— 4/2/85 — 1.ª Pub.



Sobreviventes dos campos de concentração nazis junto do monumento Yad Vashem, em Jerusalém

(Telefoto UPI/NP/“DL”)

Sobreviventes dos campos nazis reuniram-se em Jerusalém

Centenas de judeus sobreviventes dos campos da morte, incluindo gémeos e anões submetidos a experiências às mãos do médico nazi Josef Mengele, reuniram-se ontem em Jerusalém.

A reunião seguiu-se à comemoração, há uma semana, do 40.º aniversário da libertação, pelas forças soviéticas do campo de Auschwitz, onde foram mortas cerca de quatro milhões de pessoas, na sua maioria judeus.

A ex-presidente do Parlamento Europeu, Simone Veil, também ela uma sobrevivente de Auschwitz, descobriu um pilar de bronze simples com inscrições de números semelhantes aos que eram tatuados nos braços dos internados no campo, que

pensa integrar num monumento, às vítimas daquele campo de morte.

Veil disse que a presença do ministro austríaco da Defesa, Friedhelm Frischenschlager, no regresso de um criminoso nazi libertado em Itália, no mês passado, prova que as lições dos massacres nazis contra seis milhões de judeus, durante a Segunda Guerra Mundial, correm o risco de ser esquecidas.

«Nunca poderá haver monumentos suficientes para os que morreram, os nossos irmãos e irmãs, maridos e filhos, a nossa geração futura», disse Veil.

Mais de 100 dos cerca de 1500 gémeos submetidos às experiências de Mengele, conhecido entre as suas vítimas por «anjo

da morte» irão servir de testemunhas num julgamento simbólico que se inicia hoje.

Mengele, agora com 73 anos, é pretendido pela Alemanha Federal sob a acusação de torturar e ordenar a morte de milhares de prisioneiros de Auschwitz. Caçadores de nazis pensam que ele vive no Paraguai.

Os participantes nesta reunião de sobreviventes de Auschwitz lançaram entretanto um apelo para a captura de Mengele.

«Embora sejamos poucos, estamos resolvidos a não descansar enquanto o doutor Mengele não for capturado e submetido à justiça», disse Eva Moses Kor, directora da Organização Mundial dos Gémeos Mengele.



سفارت جمهوری اسلامی ایران

EMBASSY OF ISLAMIC REPUBLIC OF IRAN
LISBON

EM NOME DE DEUS
O BENEFICIENTE E MISERICORDIOSO

A Embaixada da República Islâmica do Irão em Lisboa, tem o prazer de informar e convidar o público português, a visitar a nossa exposição fotográfica comemorativa do VI Aniversário da Revolução Islâmica, a ter lugar nos dias 5 e 6 do corrente mês, na Casa do Alentejo, sita na Rua das Portas de Santo Antão, ao Rossio, durante a parte da tarde.

“um erro” os atentados ra objectivos da NATO

s meios de comunicação soviéticos

tra personalidades e instalações militares da NATO.

Reivindicado o atentado de Atenas

Uma até agora desconhecida «Frente Nacional reivindicou o atentado à bomba que, sábado, feriu 78 pessoas, na sua maioria militares norte-americanos, num bar de Glyfada, subúrbio de Atenas.

Num comunicado telefónico para o jornal «Eleftherotypia», a organização indicou: «A nossa acção não visa os gregos mas os norte-americanos, responsáveis pela situação em Chipre». A frente, acrescentou o informador anónimo, «atacará novamente, onde gregos e norte-americanos confraternizem». Mais de 1.500 militares norte-americanos e suas famílias estão estacionados na base aérea junto do aeroporto de Atenas. A maioria vive fora da base e frequenta os bares e restaurantes da área de Glyfada, jun-

to do mar, onde estava situado o bar atacado.

Este foi o primeiro atentado na zona.

Declínio do terrorismo na RFA?

A onda de terrorismo que abalou nos últimos dois meses a Alemanha Federal poderá sofrer um declínio com o fim da greve da fome dos líderes da organização extremista facção do Exército Vermelho (RAF), disseram observadores em Bonn.

Na sexta-feira os dois principais dirigentes presos desta organização, Christian Klar e Brigitte Mohrhaupt, acabaram a greve de fome que mantinham desde 5 de Dezembro, como forma de pressão para reagrupar na mesma prisão todos os detidos do RAF.

A greve foi seguida por 30 detidos, mas após a decisão dos dois dirigentes, mais sete presos puseram fim à greve da fome no sábado, apesar das autoridades

não terem acedido às suas reivindicações.

Entre esses sete, está a namorada de Klar, Adelheid Schulz e outra rapariga, Sieglinde Hoffmann, condenada a 15 anos de cadeia em 1983 pelo seu papel no assassinato de um banqueiro, em 1977.

A greve da fome foi acompanhada por, pelo menos, 30 atentados bombistas e de fogo posto reivindicados pelo RAF.

A primeira vítima mortal na RFA foi o industrial de motores, Ernst Zimmermann, abatido a tiro na sua casa em Munique, na sexta-feira passada. Os caças «Tornado» e os tanques «Leopardo-2» usaram motores saídos da sua fábrica.

Segundo a reivindicação do RAF, o atentado foi cometido pelo comando Patrick O'Hara. Este era o militante do Exército Republicano Irlandês (IRA) que morreu devido a uma greve da

fome numa prisão da Irlanda do Norte, em 1981.

Bombas na Espanha e na França

Uma bomba explodiu ontem nos escritórios, de Bilbao, de uma companhia norte-americana de pneus.

A Polícia foi avisada da presença da bomba por um telefonema anónimo, mas não chegou a tempo de evitar a explosão.

O engenho não causou feridos mas danificou bastante as instalações da filial da companhia norte-americana.

Também ontem de madrugada, uma bomba deflagrou junto às instalações do Ministério francês dos Territórios Ultramarinos, destruindo ou danificando mais de uma dúzia de carros — revelou a Polícia.

Ninguém ficou ferido na explosão, que a Polícia relaciona com a agitação na Nova Caledónia.



Reabre hoje à noite a fronteira de Gibraltar

O portão de ferro que faz de fronteira de estrada entre a colónia britânica de Gibraltar e Espanha será reaberto à meia-noite de hoje, após quase 16 anos de encerramento.

A reabertura da fronteira permitirá aos gibraltinos entrarem e saírem livremente em Espanha de carro, e não apenas a pé, e os visitantes procedentes de Espanha deixarão de ter de ir ao Norte de África para entrar em Gibraltar.

Horas depois da reabertura da fronteira, os ministros britânico e espanhol dos Negócios Estrangeiros, Geoffrey Howe e Fernando Moran, iniciam em Genebra conversações sobre o futuro de Gibraltar.

Numa entrevista, Moran afirmou que só pode haver um resultado para as conversações — a transferência de soberania sobre Gibraltar da Grã-Bretanha para a Espanha.

Howe, em entrevista dada

ontem à televisão, disse que não se podiam prever os resultados das conversações, mas prometeu que o governo britânico respeitaria os desejos dos gibraltinos.

«Não vamos pressioná-los a mudar de ideias» acerca de continuarem britânicos — disse Howe, acrescentando no entanto que, «se a Espanha conseguir essa mudança de ideias, isso modificará naturalmente a situação».

O ministro chefe de Gibraltar, Joshua Hassan, afirmou ser absurdo pensar que os 25 000 habitantes britânicos da colónia se tornarão parte de Espanha.

Numa entrevista para o «Tribune de Genève», Hassan afirmou que os gibraltinos estão «inteiramente confiantes» em que a Grã-Bretanha só cederia a soberania sobre Gibraltar se a população se exprimisse nesse sentido.

“Forum” em Miami “Contras” da Nicarágua não se entenderam

Líderes de várias facções antigovernamentais nicaraguenses reuniram-se ontem em Miami para tentarem coordenar a sua guerra contra os sandinistas, mas não conseguiram consenso quanto a um plano que pudesse ser tornado público, revelaram hoje fontes exiladas.

Um «forum de unidade» na noite de domingo, em que deviam participar os líderes «contra» para obter apoio dos Estados Unidos e dos exilados tornou-se mais notado pelas ausências do que pelas presenças.

Entre os ausentes incluíam-se Adolfo Calero, líder da Frente Democrática Nicaraguense

(FDN), Eden Pastora, ex-«comandante zero», que foi comandante militar da Aliança Democrática Revolucionária (ARDE), Arturo Cruz, líder da oposição conservadora, que boicotou a eleição presidencial nicaraguense do ano passado, e Alfonso Robelo, líder do Movimento Democrático Nicaraguense.

Todos estiveram em Miami para conversações, mas divergências não solucionadas tornaram o encontro impossível.

Dos líderes rebeldes que compareceram, Steadman Fagoth da Aliança Índia Misura disse aos

participantes, em número de duas centenas, estar confiante na formação de uma ampla frente de guerra contra os sandinistas «até à últimas consequências».

Fernando Chamorro, comandante militar da União Democrática Nicaraguense atacou os esforços dos países de Contadora para forjar um plano de paz para a América Central, afirmando que «estavam preparados para sacrificar o povo nicaraguense com vista a salvar a estabilidade regional».

O «forum» de domingo e um «cocktail» que se seguiu, a 50 dólares por cabeça, foi organi-

zado pelo Conselho para a Segurança Interamericana, sediado em Washington.

Este foi o «pontapé de saída» para uma campanha a nível nacional destinada a persuadir o Congresso norte-americano a apoiar o pedido da Administração Reagan para novos fundos destinados aos «combatentes pela liberdade» nicaraguense.

O presidente daquele Conselho, Francis Bouchey, disse que esperavam mudar cerca de 35 votos na Câmara dos Representantes antes de a questão começar a ser discutida, na Primavera.

SEVILHA
encanto da andaluzia

SEXTA A DOMINGO
☆ 3 dias ☆

Partidas: 8-15-22 Fevereiro
1-8-15-22 Março



PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 72 547 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE ÉSTERES DE ÁCIDOS ALCANÓICOS MEDIANTE REARRANJO DE — HALOGENOCETAS».

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º-Esq.
1000 — LISBOA



DEFENDA A SAÚDE

SOCARMAR, E.P.

AUMENTO DE CAPITAL DE 150 000 PARA 450 000 CONTOS

Por proposta do seu Conselho de Gerência e de acordo com o despacho dos Senhores Secretários de Estado das Finanças e da Marinha Mercante, de 17/12/84, a SOCARMAR EP foi autorizada a aumentar o seu capital social de 150 000 para 450 000 contos.

Este aumento de capital será relevado nas contas relativas a 1984 e efectuado, exclusivamente, à custa de meios próprios, por intermédio de:

- incorporação de reservas de reavaliação
- aplicação de resultados de 1983

O CONSELHO DE GERÊNCIA
Crisóstomo Teixeira
António Alves
Vítor Távora

Dresden 40 anos depois

Por quem dobram os sinos

Este ano, as cerimónias que marcarão a passagem do 40.º aniversário da destruição de Dresden, levada a cabo por aviões ingleses e norte-americanos na noite de 13 para 14 de Fevereiro de 1945, terão um significado muito especial. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial que esta data é para a população da «noiva do Elba» motivo para uma grande manifestação de pesar (a do ano transacto englobou à volta de 150 mil pessoas) e de protesto contra a guerra, a barbárie e o terrorismo. Mas em 1985 vários acontecimentos se conjugam para que a efeméride ganhe uma singular dimensão. Em primeiro lugar trata-se de um acto que demonstrará o espírito que vai envolver o também 40.º aniversário da libertação do povo alemão do jugo do fascismo, comemorado como se sabe a 8 de Maio. Sobre isto acresce que no próximo dia 13 de Fevereiro será (re)inaugurado, depois de reconstruído pedra por pedra em obediência à traça original, o Palácio da Ópera de Dresden, igualmente destruído durante o bombardeamento. E a dar maior relevo às comemorações da referida data, Erich Honecker, presidente do Conselho de Estado da RDA, estará presente, com vários membros do governo, em todas as cerimónias de vulto. O absurdo acto que reduziu a cinzas uma das mais belas cidades da Europa quando a guerra já se encontrava decidida, será deste modo recordado com a maior das solenidades. Os sinos de Dresden repicarão como sempre durante uma hora, num simulacro do debate que há 40 anos anunciou a uma população indefesa e apavorada que a morte vinha a caminho.

O início à boa maneira inglesa

Recuemos no tempo. Eram as 21 horas e 15 minutos

do dia 13 de Fevereiro quando, subitamente, soaram sobre Dresden o repicar dos sinos e o grito das sirenas em alarme de ataque aéreo. A surpresa da população foi de tal ordem que houve muita gente que se recusou a procurar refúgio. Mas a verdade é que na rota para Dresden tinham sido assinalados 244 bombardeiros quadrimotores tipo «Lancaster», pertencentes à Real Força Aérea inglesa. Os navegadores de bordo procuravam nos gráficos de alvo objectivos militares que... não existiam. De igual modo não havia referências a defesas antiaéreas. E pelas 22 horas e 13 minutos, o ataque inicia-se com inaudita violência. Primeiro, os «Lancaster» largam algumas cargas de bombas explosivas. Depois, a cidade é impiedosamente martelada com mais 400 mil bombas incendiárias. O bombardeamento dura 24 minutos. Rápido e preciso. Quando as esquadrilhas inglesas se retiram, as equipas de salvamento e de ataque a incêndios da cidade tentam o impossível. Mas os meios de que dispõem não lhes permitem mais do que o acto da abnegação. Dresden é um indomável mar de chamas.

A reincidência britânica

Destas vez não haverá alarme. Todo o sistema para tal fora destruído, incluindo as igrejas. A segunda vaga de aviões atacantes, igualmente da RAF, é constituída por 529 bombardeiros «Lancaster». Entre a 1 hora e 20 minutos e a 1 hora e 54, os aviadores ingleses lançam 4500 bombas explosivas e 172 mil incendiárias. No total, a Força Aérea britânica empregaria nessa noite contra uma cidade completamente indefesa 2978 toneladas de cargas destruidoras. Os incêndios ganharam dimensões tais que os pilotos dos

caças «Hurricane» de escolta afirmariam mais tarde que o calor das chamas atingia o interior das suas cabinas.

E agora à americana

Pouco ou nada havia já para destruir, pelo menos no que se referia ao centro de Dresden. Mas «alguém» planeava não deixar da «noiva do Elba» pedra sobre pedra. E assim, no fim da manhã seguinte, 14 de Fevereiro, 316 «Fortalezas Voadoras» da 18.ª Divisão Aérea dos Estados Unidos e cerca de 200 caças-bombardeiros, surgiram sobre aquilo que já era simplesmente o «inferno de Dresden». O terceiro ataque começou pelas 12 horas e 12 minutos. Seriam utilizadas 1500 bombas explosivas e 50 mil incendiárias, num total de 783 toneladas. Mas não foi tudo. Pelas 12 horas e 23 minutos, as «Fortalezas Voadoras» cederam o chamejante céu de Dresden aos caças-bombardeiros do 20.º Grupo de Caça da Força Aérea norte-americana para a Europa. E teria então lugar a derradeira e ainda mais condenável destas acções. Certos da sua impunidade e obedecendo a ordens concretas, os pilotos americanos atacam em voo rasante, à bomba e à metralhadora, «tudo quanto se movia»: população em fuga, equipas de salvamento, estradas obstruídas por multidões em pânico e as concentrações de refugiados que tinham procurado abrigo nos parques da cidade e nas margens do rio Elba.

A «Acção Detonação», como foi designado no códigos militares inglês e norte-americano o plano do bombardeamento de Dresden, começara com um crime e terminava com um massacre. Dresden ardeu durante sete dias e sete noites. Mortos: cerca de 40 mil.

Uma «cidade aberta»? Melhor para as nossas bombas

— Dresden já está a arder!

Foi nestes termos que as agências noticiosas de todo o Mundo deram a conhecer, naquela madrugada de Fevereiro,



de tais descrições se preocuparam em deixar a claro as verdadeiras razões que levaram os comandos norte-americanos e inglês, em conjunto, a planearem a destruição de Dresden. E, no entanto, essas razões fazem hoje parte do manual de trabalho de qualquer historiador. Tanto como os quarenta mil mortos do bombardeamento de 13-14 de Fevereiro de 1945. Começemos por enunciar: 1) A ala do exército soviético que convergia do Sul para Berlim encontrava-se apenas a uns 30 quilómetros de Dresden. 2) Segundo os acordos estabelecidos em Potsdam, ninguém tinha quaisquer dúvidas quanto à inserção desta cidade no território que viria a ser a zona de ocupação soviética. 3) Entretanto, Harry Truman, então presidente dos EUA, dera uma volta de 180 graus à política de boa-vontade e cooperação do seu antecessor, Roosevelt, iniciando a sua cruzada contra «o Leste». 4) Certos «falcões» dos Estados-Maiores Aliados, em coro com o primeiro-ministro inglês, Churchill, preconizavam a continuação da guerra... «em direcção a Moscovo».

Desligados, estes factos parecem nada ter em comum com o acontecimento que faria de Dresden um enorme forno crematório. E, no entanto, eles foram, na realidade, o móbil daquela monstruosa acção.

As tropas soviéticas iam, pois, ocupar Dresden? Então era o momento azado «para fazer qualquer coisa». Este «qualquer

coisa», segundo o pensamento de Truman, «falcões» e Churchill, baseava-se em duas premissas: não se deixaria que as jóias artísticas de Dresden «caíssem nas mãos do Exército Vermelho» e, mais importante ainda, dava-se a entender de uma vez por todas aos «senhores do Kremlin» que a aviação aliada, só por si, podia resolver a questão da superioridade das divisões blindadas soviéticas. Esta última ideia, o brandir do tacape para atemorizar a URSS e levá-la a ceder em negociações ou actos posteriores foi, na verdade, o cerne do diabólico plano contra Dresden.

Nenhum destes objectivos seria atingido. De facto, as tropas soviéticas entraram em Dresden, ajudaram a salvar o que era salvável e as jóias artísticas danificadas pelas bombas norte-americanas e inglesas foram, realmente, transportadas para Moscovo, onde especialistas soviéticos as restauraram, para voltarem ao património de Dresden, sendo hoje ali admiradas por milhões de pessoas. Quanto ao tacape, segundo rezam as crónicas, quebrou-se pelo caminho da História. No entanto, ficaria a memória terrível a primeira bomba atómica ainda não rebentara, mas a Europa e o Mundo assistiriam em Dresden a uma clara demonstração do espírito que levaria a Humanidade às aras e ao remorso de Hiroxima e Nagasaki.

Josué da Silva

BENETTON

Aceita candidaturas para suas lojas de Faro e Portimão a abrir brevemente, de preferência falando inglês.

Resposta, apartado 17 — 4761 V.N. Famalicão Codex.



Caminhos de Ferro Portugueses

2/85

Aviso ao Público CONCURSO

Até as 17 horas do dia 11 de Fevereiro de 1985, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração do bar da estação de Portalegre.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação das instalações é de 45 000\$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 7500\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Portalegre
- Região Centro — Secção Comercial ABRANTES
- Torre das Vargens
- Serviço Comercial da Região Centro LISBOA (Santa Apolónia)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte: «Proposta para a exploração do bar da estação de Portalegre.»



DESPORTO

Futebol: Taça de Portugal

Paredes salta o muro dos "VIPs"

O Elvas e o Sporting da Covilhã, no topo da zona centro, forneceram as notas de sensação na Taça de Portugal: o primeiro fez 0-0 em Alvalade com o Sporting após 120 minutos e o segundo eliminou o primodivisionário Penafiel, com 1-0.

Salvo isto, tudo foi normal com o FC Porto a vencer nas Antas o Portimonense por 2-0 no único encontro entre equipas da primeira divisão e o Benfica a receber na Luz o Régua, da terceira, ganhando por 4-0.

Nove equipas da primeira divisão (Salgueiros, Boavista, Braga, Varzim, Rio Ave, FC Porto, Guimarães, Académica e Benfica), quatro da segunda (Cova da Piedade, Marinhense, Covilhã e Marítimo) e uma da terceira (Paredes) têm já presença garantida nos oitavos-de-final, em 17 de Março, com sorteio em 25 deste mês.

Em dúvida, além do Elvas-Sporting, a resolver a 6 de Março, pelo facto de os «leões» terem jogadores convocados para o encontro da selecção portuguesa com Malta, ficou o desequilíbrio Amora-Gil Vicente, que na margem sul do Tejo, terminou com 0-0 após duas horas. O desempate entre Gil Vicente e Amora realiza-se já na quarta-feira.

Em Alvalade, o Sporting insistiu durante duas horas, mas a equipa alentejana, sem outra veleidade que não fosse a de defender e procurar manter a sua baliza intocada foi aguentando e acabou por ganhar o direito de ser anfitriã dos «leões» em 6 de Março.

O Elvas, segundo da zona centro da segunda divisão, vai procurar nesse jogo um «escândalo» ainda maior: a eliminação do Sporting. Lembrando-se de que o Belenenses saiu fora da Taça exactamente em Elvas. Acresce que os alentejanos jogaram o prolongamento sem o seu jogador Amado, magoado quando já tinham sido feitas duas substituições.

O Covilhã, que é o líder da zona centro, recebeu e bateu o Penafiel por 1-0, cometendo a única proeza da eliminação de uma equipa da primeira divisão por outra do escalão mais baixo. Penteadado, aos 25 minutos, marcou o único golo de uma partida que mostrou que Fernando Cabrita vai ter muito de trabalhar para retirar o Penafiel do último lugar no campeonato da primeira divisão em que se encontra.

Nas Antas, Fernando Gomes voltou a embalar o FC Porto para uma vitória, com um golo logo aos três minutos, mas o resultado de 2-0 é enganador, pois o Portimonense desfrutou de boas oportunidades e em número razoável. Frasco, aos 87 minutos, acabou por pôr ponto final em alguns arrepios dos indefectíveis adeptos portistas.

O Régua visitou a Luz para enfrentar o Benfica e aguentou 27



Elvas festeja

minutos sem sofrer um golo. Depois do 1-0, por Jorge Silva, os encarnados esperaram pela segunda parte para voltar a desfeitear a equipa da Terceira Divisão.

Os homens de Pal Csernai, jogando a passo, voltaram a marcar por Diamantino, Carlos Manuel e Nenê.

Apenas por 1-0 ganharam os primodivisionários Salgueiros e Académica nos campos do Amaranhe e Sacavenense, da Terceira Divisão, com tentos preciosos de Tonanha (56) e Nilsson Dias (75), respectivamente.

Já o Boavista de Mário Wilson, em visita a Lisboa, conseguiu um golo em cada meio tempo frente ao Oriental. Palhares e o suplente Coelho foram os marcadores. Também fora, mas diante do Trofense, o Guimarães não sentiu a mais pequena dificuldade (5-0), enquanto em casa Braga (3-0 ao Tirsense), Varzim (4-1 ao Comércio e Indústria) e Rio Ave (3-1 ao Estoril) fizeram jus à sua condição de primodivisionários.

Além do Covilhã, os conjuntos da Segunda Divisão que garantiram a passagem foram Cova da Piedade, Marinhense e Marítimo. Todos jogaram em casa e venceram adversários do mesmo escalão: os piedenses bateram por 2-0 o Alcobaca, os marinhenses impuseram-se por 2-1 ao Lixa e os

homens da Madeira suplantaram por três tentos sem resposta o Samora Correia.

O Paredes, visitando o Almada, também da Terceira Divisão, obteve uma vitória fora por 2-0 digna de realce.

Resultados: FC PORTO-Portimonense, 2-0; Sporting-"O Elvas", 0-0 (após prolongamento); BRAGA-Tirsense, 4-1; RIO AVE-Estoril, 3-1; COVILHÃ-Penafiel, 1-0; BENFICA-Régua, 4-0; VARZIM-Comércio Indústria, 4-1; Trofense-V. GUIMARÃES, 0-5; Oriental-BOAVISTA, 0-2; Amaranhe-SALGUEIROS, 0-1; Sacavenense-ACADÉMICA COIMBRA, 0-1; MARINHENSE-Lixa, 2-1; Amora-Gil Vicente, 0-0 (após prolongamento); COVA PIEDADE-Alcobaca, 2-0; MARÍTIMO-Samora Correia, 3-0 e Almada-PAREDES, 0-2.

3.ª divisão acerta calendário

O Aljustrelense empatou com o Alvorense por 2-2 em jogo repetição do campeonato nacional de futebol, terceira divisão, Série F.

Na mesma série, e igualmente em jogo repetição o Lusitano empatou com o Beja por 0-0. A equipa do Aljustrelense ocupa a 12.ª posição com 13 pontos, enquanto o Beja está na 14.ª com

11, Lusitano Vila Real e o Alvorense ocupam as duas últimas posições com 10 pontos.

Juniores

Resultado da 15.ª jornada: **Zona Norte:** Série A: Varzim-Limianos, 7-0; Merelinense-Gil Vicente, 0-0; Bragança-Braga, 0-8; V. Guimarães-Famalicao, 3-0; Ponte da Barca-Rio Ave, 0-1.

Lider: **Bragas e Varzim**, 24 pontos. **Série B:** Salgueiros-Régua, 0-0; Avintes-FC Porto, 1-2; Vila Real-Boavista, 2-1; Tirsense-Leixões, 3-1; Lourosa-Sanjoanense, 1-0.

Lider: **FC Porto**, 28 pontos. **Zona Centro:** Série C: União Coimbra-Repesenses, 8-0; Mortágua-Anadia, 3-1; Águeda-Estação, 2-0; Covilhã-Guarda, 3-1; Oliveira Hospital-Tondela, 2-1. Lider: **União Coimbra**, 28 pontos. **Série D:** Alfarede-União Leiria, 1-1; Alcobaca-Acad. Coimbra, 0-0; Estrela-Marinhense, 1-0; Caldas-Benf. Cast. Branco, 13-1; Naval-Nazarenos, 0-1.

Lider: **Alcobaca**, 21 pontos. **Zona Sul:** Série E: Benfica-Oriental, 7-0; Belenenses-Sporting, 1-1; Trafaria-Campomaiorense, 3-0; Estr. Amadora-C. Piedade, 1-0; Oli. Moscavide-Almeirim, 2-0.

Lider: **Benfica**, 28 pontos. **Série F:** Torralta-Olhaneense, 6-0; Beja-Portimonense, 0-1; Quimigal-Amora, 0-2; Farense-Barcelense, 1-1; Lusitano-V. Setúbal, 1-1.

Lider: **Barcelense**, 26 pontos.

TOTO BOLA a chave

Chave do concurso número 5 do Totobola:

1 Porto-Portimonense	1
2 Rio Ave-Estoril	1
3 Oriental-Boavista	2
4 Sacavenense-Académica	2
5 Covilhã-Penafiel	1
6 C. Piedade-Alcobaca	1

7 Marinhense-Lixa	1
8 Amora-Gil Vicente	X
9 Almada-Paredes	2

10 Leicester-Chelsea	X
11 Luton-Tottenham	X
12 Norwich-Nottingham	2
13 Q. Park-Southampton	2

Matrizes: 1 616 157
Apostas: 17 495 929
Montante para cada prémio: 24 494 300 escudos.

Previsões:

Os serviços do Totobola prevêem de 48 a 51 apostas com os 13 resultados certos no concurso de ontem.

Com 12, calculam-se de 1895 a 2010 e com 11 símbolos correctos estimam-se entre 25 256 e 26 800 apostas.



Talento tripeiro faz cair algarvios

FC do Porto, 2-Portimonense, 0

"Ferrolho" aberto a tempo

O FC Porto marcou dois bonitos golos ao Portimonense três minutos depois do começo do jogo, e três antes do fim, mas entre eles esteve em apuros e podia ter visto a sua baliza violada. Tentos de Fernando Gomes, aos 3 minutos e de Frasco, aos 87, colocaram o FC Porto, detentor do troféu, nos oitavos de final da Taça de Portugal. Mas a festa das Antas podia ter sido estragada se o Portimonense, em especial o seu dianteiro belga Cadorin, estivesse em tarde mais inspirada.

O jogo praticamente com um golo, na sequência daquela que foi talvez a melhor jogada do desafio, em que ninguém do Portimonense tocou no esférico com excepção do guarda-redes. João Pinto entregou a André este abriu para Jaime Magalhães e o extremo, também quase de primeira, cruzou da direita para Gomes, com este a rematar a bola a bater em Vital antes de entrar.

Mas aos 13 minutos, o Portimonense deu sinal de perigo, quando Carvalho (segundo os jogadores do FC Porto em posição ilegal) foi à linha de fundo, cruzou e Cadorin, no seu primeiro falhanço atirou ao lado com Zé Beto batido. Aos 30, falha dos centrais portistas deixou Cadorin de novo sozinho e este acorreu a novo cruzamento de Carvalho para Zé Beto defender por instinto com os pés.

O FC Porto, sempre com a bola em seu poder mais tempo, respondeu aos 40 e 43 minutos, com Gomes e Futre a serem autores de remates perigosos, no primeiro caso salvo por Teixeira.

Logo no início da segunda parte, o FC Porto podia ter elevado, quando após cruzamento de Futre o pequeno Frasco rematou por alto, de cabeça. Aos 61, uma jogada em que a bola passou sucessivamente por Futre, Frasco, de novo Futre e Vermelhinho, terminou com este a entrar na área mas a rematar ao lado. Todavia, a partir daí o Portimonense voltou a mostrar-se perigoso e aos 73 minutos Cadorin ganhou em velocidade a Lima Pereira mas já na área não pode evitar que Zé Beto defendesse de novo com os pés.

Aos 79, foi Moisés que se isolou, à entrada da área quando Zé Beto saiu fez um chapéu falhado e aos 88, Gomes «imitou» Moisés, também com um chapéu falhado a Vital, mas no minuto anterior o FC Porto chegara ao 2-0, de novo em jogada bonita. Jaime Magalhães isolou Futre, este na área, finto o guarda-redes mas ficou sem ângulo, cruzou e Frasco amorteceu e atirou para o fundo da baliza, fazendo o 2-0, talvez um castigo demasiado pesado para os algarvios.

Sob a arbitragem de Mário Luís, Santarém, alinharam:

FC PORTO — Zé Beto; João Pinto (Eduardo Luís 33), Lima Pereira, Eurico e Inácio, Quim (Vermelhinho 45), Frasco e Jaime Magalhães; Gomes, Futre e André.

Portimonense — Vital; Dinis, Balacó, Simões e Teixeira; Carvalho, Abreu, Skoda e Júlio (Moisés 80); Cadorin e Luís Reina (Luís Saura 37).

Amarelo para Cadorin (22) e Carvalho (66).



Foto de António Freitas

Em Marvila houve muita luta

A VENDA Nº 4

Distribuição
Interpress

foot

o futebol em exclusivo
numa revista
totalmente a cores



DESPORTO

ponça esquerda

Cabrita "pega na lanterna"

Fernando Cabrita retoma amanhã as funções de treinador, no Penafiel, último da Primeira Divisão, cerca de sete meses depois de ter chegado até Marselha como um dos técnicos da selecção nacional, semifinalista do «Europeu».

O Penafiel voltou a mostrar não estar bem, ao ser eliminado da Taça pelo Sporting da Covilhã, na Serra (1-0).

Cabrita, 61 anos, cujo penúltimo clube foi exactamente o Sporting da Covilhã, vai ter uma tarefa talvez mais árdua para resgatar o Penafiel da posição de «lanterna vermelha» em que o clube se encontra do que em França com a selecção.

Faial Sport: distinção

O ministro da República para os Açores, Conceição e Silva, entregou sábado, em nome do Presidente da República, a Ordem de Benemerência ao Faial Sport, agremiação desportiva do Faial.

A distinção havia sido feita em Fevereiro pelo general Ramalho Eanes a pedido do Governo dos Açores, altura em que o Faial Sport comemorou as bodas de diamante. Na altura de entrega da Ordem, o ministro da República destacou as qualidades da agremiação desportiva faialense em prol da cultura e desporto nos Açores.

V. de Setúbal: eleições

Fernando Oliveira receberá nos próximos dias uma lista de mais de mil assinaturas pedindo-lhe que se candidate à presidência do Vitória de Setúbal — soube a ANOP junto de promotores da iniciativa.

As assinaturas, recolhidas entre associados do clube, destinam-se a demover aquele ex-dirigente do clube, que anunciou a intenção de se não candidatar.

Por outro lado, Afonso Bonacho disse que a sua lista irá a sufragio, tendo já comunicado ao presidente da assembleia geral que ela será entregue dentro do prazo, ou seja, até ao dia 7.

Golos: RFA de pontaria afinada

Os alemães federais voltaram este fim-de-semana aos relvados com fome de golos e foram os mais realizadores entre os campeonatos europeus de futebol.

Portugal não consta do quadro, devido à realização da quarta eliminatória da Taça, mas certamente que teria sido difícil aos portugueses bater uma média superior a quatro golos por jogo, como fizeram os alemães federais.

Os holandeses também se aproximaram dos quatros golos por jogo (3,555) e outros três países a média rondou os três tentos por partida.

Eis o quadro do fim-de-semana:

	GOLOS	JOGOS	MÉDIA
RFA	37	9	4,111
Holanda	32	9	3,555
Espanha	27	9	3,000
Grécia	24	8	3,000
Irlanda	24	8	3,000
Escócia	14	5	2,800
França	27	10	2,700
Inglaterra	28	11	2,545
Bélgica	20	8	2,500
Turquia	19	9	2,111

Seleção brasileira procura "patrão"

Responsáveis pelo futebol brasileiro voltaram atrás e afirmaram ser improvável que Telé Santana assuma o comando da selecção do Brasil, por não conseguir libertar-se do contrato com o Al-Ahli, da Arábia Saudita.

Dilson Guedes, vice-presidente da Confederação Brasileira de Futebol, afirmou: **Falei com Telé e ele disse-me que não consegue fugir ao seu contrato com o Al-Ahli.** Esse contrato expira apenas em fins de Abril e a selecção já tem encontros particulares de preparação para a qualificação com vista ao «Mundial-86» marcados para o início desse mês. **Fim de Abril é muito tarde,** comentou Guedes.

Se Santana for definitivamente posto de parte, ficarão na corrida Jorge Vieira (55 anos) treinador do Botafogo, Evaristo Macedo (51) do América, Mário Zagalo (48) do Flamengo e Eduardo Antunes (37) do Vasco da Gama.

Gustav Scholz condenado

por homicídio involuntário

O ex-campeão europeu de boxe, o alemão-federal Gustav Scholz (Bubi), foi condenado a uma pena de três anos e oito meses por homicídio involuntário da sua esposa (Helga) e por posse ilegal de arma de fogo. Scholz (54 anos) considerado o maior pugilista germânico do pós-guerra, declarou-se arrependido no tribunal, afirmando que já estava à partida condenado em virtude dos remorsos do crime.

O advogado de defesa de Scholz, alegando homicídio involuntário, pediu uma pena não maior a dois anos, comutável em liberdade condicional.

Scholz foi julgado por ter morto a sua esposa (de 49 anos) no domicílio de ambos, na noite de 22 de Julho do ano passado, ao disparar através da porta da casa de banho, onde ela se havia trancado, após discussão.

No momento do crime, Scholz encontrava-se embriagado facto que serviu de base à defesa do acusado.

Taça dos Campeões para o Sporting:

Lopes, Canário e Mamede: trio de luxo dá sétimo título

O Sporting, com três atletas nos três primeiros lugares, desempatou a seu favor o maior número de títulos colectivos (sete) ganhando a Taça dos Campeões Europeus de Corta-Mato com Carlos Lopes a vencer individualmente.

Carlos Lopes, Ezequiel Canário e Fernando Mamede, ocuparam os três primeiros lugares e Rafael Marques foi o 11.º classificado, completando a equipa leonina que somou 17 pontos, contra 29 dos italianos do Pro Patria Pierrel.

Esta é a sétima vitória do Sporting na Taça dos Campeões e a quinta consecutiva. O Liège, da Bélgica, tem seis vitórias cinco das quais consecutivas.

Carlos Lopes repetiu os triunfos em 1977 e 1981 e é agora o atleta que com o alemão-federal Philipps Lutz tem o maior número de títulos individuais.

A pontuação da equipa sportinguista (17 pontos) foi a segunda melhor de sempre, depois dos 15 pontos registados em 1977, em Paklenc.

Pela primeira vez, o Sporting colocou três atletas nos três primeiros postos, o que nunca sucedeu com nenhum outro clube em 22 edições da corrida.

Carlos Lopes na sua terceira prova da temporada mostrou que é um potencial candidato à vitória no «Mundial» de corta-mato em Lisboa.

Num percurso rápido de 10 quilómetros, Lopes aguentou o forte andamento inicial de Ezequiel Canário, perdeu mais de cem metros, mas aos sete quilómetros já estava dono e senhor da corrida, cortando a meta com cerca de 100 metros de vantagem. Para Lopes foi a confirmação de que há que contar com ele por mais um ano ao nível que nos habituou e Canário, aparentemente liberto dos problemas que o afectaram, quis mostrar o seu valor na sua terra natal.

Foi a primeira vez que Canário bateu Mamede e a presença do

recordista mundial dos 10.000 metros ficou um pouco ensombreada pelas duas excelentes provas de Lopes e Canário.

Nunca ninguém terá pensado, a não ser o próprio Canário, que a prova fosse levada aquele ritmo tão forte e desgastante. Só

rio naturalmente cedeu e Lopes teve uma caminhada solitária para a meta.

Enquanto isso, os italianos desagregaram-se Cova foi o primeiro a ceder a entrada para a penúltima volta, acabando em sétimo e Panetta que aparecia como o elemento em melhor forma, foi nono. Mesmo com os seus atletas nos nove primeiros lugares, o Pro Patria perdeu no confronto com os três primeiros classificados e o 11.º lugar de Rafael Marques foi a confirmação da superioridade do Sporting como a melhor formação europeia.

Quadro de honra

Quadro dos triunfos na Taça dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato:

ANO	CAMPEÃO	VENCEDOR INDIVIDUAL
1962 -	Derby County, Inglaterra	Delloy, Bélgica
1963 -	Derby County, Inglaterra	Bouchetta, Marrocos
1964 -	Saint Gilloise, Bélgica	Moeels, Bélgica
1965 -	Portsmouth, Inglaterra	Cooke, Inglaterra
1966 -	Portsmouth, Inglaterra	Johnston, Inglaterra
1967 -	North Staffs Stones, Inglaterra	Rcelants, Bélgica
1969 -	ASC Darmstadt, RFA	Philips, RFA
1970 -	Liegeois, Bélgica	F Philips, RFA
1971 -	Liegeois, Bélgica	Philips, RFA
1972 -	Liegeois, Bélgica	L'omont, Escócia
1973 -	Liegeois, Bélgica	Morrison, Escócia
1974 -	Liegeois, Bélgica	Lismont, Bélgica
1975 -	Palência, Espanha	Haro, Espanha
1976 -	Palência, Espanha	Foster, Inglaterra
1977 -	SPORTING, Portugal	CARLOS LOPES, Portugal
1979 -	SPORTING, Portugal	Lismont, Bélgica
1980 -	Ligeois, Bélgica	Shots, Bélgica
1981 -	SPORTING, Portugal	F. MAMEDE, Portugal
1982 -	SPORTING, Portugal	CARLOS LOPES, Portugal
1983 -	SPORTING, Portugal	F. MAMEDE, Portugal
1984 -	SPORTING, Portugal	Alberto Cova, Itália
1985 -	SPORTING, Portugal	CARLOS LOPES, Portugal

É que Mamede, desta vez, nunca andou na prova, não puxou, não esteve na frente da luta, não mostrou a sua cara. Ficou apagado, defendeu-se, bem e foi muito útil, a equipa, sobretudo quando os italianos chegaram a estar melhor colocados em face do décimo posto que Mamede ocupava aos 4500 metros. Mas, no final em especial, no último quilómetro, Mamede chegou e sobrou para os espanhóis Vicente Polo e Constantino Eparca e para o italiano, Gianni Di Maddona, que com o 5.º lugar foi melhor elemento da formação italiana.

O forte andamento de Canário no primeiro quilómetro fez com que todas as congeminções táticas fossem alteradas.

aos 3 quilómetros é que o pelotão ficou junto, mas aos 4500 metros Canário volta a forçar, então já com a clara intenção de deixar para trás os italianos, que estavam muito bem agrupados nos primeiros postos.

Canário, que aguenta ritmos fortes, foi o elemento sacrificado da equipa porque Lopes estava a «controlar» o grosso do pelotão e Mamede, mais atrás, não podia tomar nenhuma iniciativa.

A fuga de Canário resultou em pleno e depois foi a vez de Lopes jogar a sua cartada. Aos seis quilómetros preparou-se para o «assalto» ao primeiro lugar e aos sete estava junto a Canário.

Depois foi a tática do costume: um, dois esticões e Caná-

Classificação individual

1.º Carlos Lopes, Sporting, 28.52 minutos; 2.º Ezequiel Canário, Sporting, 29.07; 3.º Fernando Mamede, Sporting, 29.13; 4.º Vicente Polo, Man-Galga, Espanha, 29.15; 5.º Gianni Di Maddona, Pro Patria, Itália, 29.16; 6.º Constantino Eparca, Man-Galga, Espanha, 29.22; 7.º Alberto Cova, Pro Patria, Itália, 29.31; 8.º Franco Bigfii, Pro Patria, Itália, 29.41; 9.º Francesco Panetta, Pro Patria, Itália, 29.44; 10.º Pascal Debaccker, Marignane, França, 29.48; 11.º Rafael Marques, Sporting, 29.48; 23.º Dionísio Castro, Sporting, 30.25; 33.º Hélder de Jesus, Sporting, 30.51.

Por equipas

1.º Sporting, 17 pontos; 2.º Pro Patria, Itália, 29; 3.º Man Galgo, Espanha, 44; 4.º Aldershot, Inglaterra, 73; 5.º Marignane, França, 87; 6.º Newport Harriers, País de Gales, 100; 7.º Clonliffe Harriers, Rep. Irlanda, 147; 8.º Fenerbahce, Turquia, 155; 9.º Ilbul, Noruega, 184; 10.º Annadale Striders, Irlanda do Norte, 187.

Participaram nesta prova 19 equipas.

Leitão: amendoeiras "dão" carro

António Leitão ganhou o maior prémio da sua carreira desportiva (um carro avaliado em 850 contos), ao triunfar facilmente na nos edição do Crosse Internacional das Amendoeiras.

O recordista nacional dos 5000 metros isolou-se antes de metade da prova e ganhou com mais de cem metros de vantagem sobre o seu colega de equipa Fernando Couto.

Para António Leitão foi o regresso às vitórias, depois de um quarto lugar nos jogos mundiais de pista coberta, em Paris, há 15 dias, e este seu triunfo, o primeiro, no Crosse das Amendoeiras foi mais fácil que o esperado. Leitão precavendo-se de que qualquer adversário o pudesse surpreender, preferiu atacar aos 3500 metros e, na segunda passagem pela meta, já levava uma pequena vantagem.

O benfiquista João Campos, campeão mundial dos 3000 metros em pista coberta, ainda aindou com o grupo da frente nos primeiros três quilómetros, mas quando Leitão forçou, Campos ficou para trás e depois foi passado por alguns adversários reagindo apenas na parte final, para nos últimos metros quase surpreender o terceiro classificado o alemão-federal Ralf Slazmann. Depois de Campos classificaram-se o «regressado» Elísio Rios, do Sporting (que esteve suspenso durante 18 meses por ter tomado «do-

ping» em 1983), David Tavares do Salgueiros e Serafim Garcês do Boavista, que também andou no segundo pelotão, acabando por perder terreno na parte final.

Slazmann foi o único estrangeiro a entrar nos 10 primeiros, a confirmar que os atletas portugueses desfrutaram de um nível internacional elevado mesmo em termos de segundos planos.

Rosa Mota, na prova feminina, dominou ainda a corrida com mais facilidade que António Leitão, igualando em números de triunfos (três) os de Aurora Cunha.

A atleta do Centro de Atletismo do Porto ganhou as duas primeiras edições em 1977 e 1978 e Aurora Cunha (que preferiu ir correr aos Estados Unidos) ven-

ceu as três últimas corridas (1982, 1983 e 1984).

Rosa Mota comandou desde o início e para uma maratonista a sua corrida excedeu as expectativas pela facilidade que demonstrou num percurso rápido — 5 quilómetros.

Debbie Pell limitou-se a lutar

Continua na pág. 15



Rosa Mota vai deixar a inglesa Debbie Peel, enquanto António Leitão segue «à procura» do carrinho

DESPORTO

Andebol: Sporting "empurra" Benfica



Lopes prepara a «despedida»

Continuação da pág. 14

para defender o 2.º lugar que ocupou desde o início e a benfiquista Lucília Soares mostrou, mais uma vez, que é uma das candidatas a um lugar para o «mundial» de corta-mato em Lisboa, defendendo bem a 3.ª posição, que lhe valeu o maior prémio de sempre (60 contos).

A alemã-federal Charlotte Teske foi quarta e até ao 10.º lugar classificaram-se as esperanças fundistas nortenhas: Ana Paula Oliveira (14 anos), Ana Moreira, Leonor Costa, Fernanda Ribeiro, Felicidade Sena e Carla Machado.

Classificações: masculinos (8 km): 1.º — António Leitão, Benfca, 23.29 minutos; 2.º — Fernando Couto, Benfca, 23.51; 3.º — Ralf Salman, RFA, 24.02;

4.º — João Campos, Benfca, 24.03; 5.º — Elísio Crios, Sporting, 24.05; 6.º — David Tavares, Salgueiros, 24.08; 7.º — Serafim Garcês, Boavista, 24.11; 8.º — João Andrade Campos, FC Porto, 24.13; 9.º — Manuel Matias, Belenenses, 24.14; 10.º — Cipriano Lucas, Belenenses, 24.15.

Femininos (5km): 1.ª — Rosa Mota, CAP, 16.27 minutos; 2.ª — Debbie Peel, Inglaterra, 16.49; 3.ª — Lucília Soares, Benfca, 17.00; 4.ª — Charlotte Teske, RFA, 17.06; 5.ª — Ana Paula Oliveira, Vitória Porto, 17.11; 6.ª — Ana Moreira, Inter, 17.18; 7.ª — Leonor Costa, Varzea, 17.37; 8.ª — Fernanda Ribeiro, FC Porto, 17.49; 9.ª — Felicidade Sena, Benfca, 17.51; 10.ª — Carl Machado, Varzea, 18.05.

Palmarés

Homens

1977 — Carlos Lopes, Sporting
1978 — Greg Meyer, EUA
1979 — Fred Zimmermann, RFA
1980 — Fernando Mamede, Sporting
1981 — Fernando Mamede, Sporting
1982 — Christoph Herle, RFA
1983 — Fernando Mamede, Sporting
1984 — Fred Zimmermann, RFA
1985 — António Leitão, Benfca

Senhoras

Rosa Mota, CAP
Penny Yule, G. Bretanha
Wendy Smith, G. Bretanha
Aurora Cunha, FC Porto
Aurora Cunha, FC Porto
Aurora Cunha, FC Porto
Rosa Mota, CAP

«Europeu» de corta-mato

Meninas de Braga são «vice»

A equipa feminina do Sporting de Braga sagrou-se vice-campeã europeia de corta-mato, ao classificar-se em segundo lugar na Taça dos Campeões Europeus realizada em Fuenlabrada, nos arredores de Madrid.

O título foi ganho pelas irlandesas do Harriers, de Dublin.

Individuamente, Albertina Machado foi terceira classificada, a 26 segundos da vencedora, a galesa Angela Tooby. Em segundo lugar classificou-se a inglesa Ruth Smeeth.

A equipa do Harriers, com 24 pontos, classificou-se a suas atletas na sétima e oitava e nova posições.

O Sporting de Braga somou 31 pontos e no terceiro lugar classificou-se a equipa de Cardiff, do País de Gales, com 35 pontos.

Aurora Cunha no «Orange Bowl»

Aurora Cunha foi 6.ª classificada na corrida internacional feminina «Orange Bowl», de 10 km disputada em Miami, Estados Unidos.

Aurora Cunha decorreu a distância em 34 minutos e 5 segundos, na prova que foi ganha por Lyn Williams, do Canadá, em 32.34. A norueguesa Grete Waitz, que era favorita, comandou durante quase todo o percurso, mas a 900 metros da meta cedeu perante o ataque de Lyn Williams, medalha de bronze dos

3000 metros das olimpíadas de Los Angeles. Waitz terminou em segundo lugar, com 32.44 e no terceiro posto classificou-se a norte-americana Lisa Martin, 32.58. Nas quarta e quinta posições, antes de Aurora Cunha, ficaram a inglesa Priscilla Welch, 33.43, e a norte-americana Gil Kingma, 33.58.

A prova masculina da «Orange Bowl», também de 10 km, foi ganha pelo queniano Simeon Kigen, que bateu nos últimos 300 metros o seu compatriota Sosthenes Bitok e o britânico Mike Mcleod.

Henrique Crisóstomo fo i 9.º em Espanha

Henrique Crisóstomo foi o português melhor classificado (nono lugar) no tradicional Crosse Internacional de Amorabieta, Espanha, ganho pelo Elio Wojado Bultique que domingo passado tinha ganho o crosse de San Sebastian, voltando a vencer uma prova no Norte de Espanha, desta vez com 21.11 minutos para os 10 100 metros do percurso.

O seu compatriota Mohammed Kedir, campeão do mundo de corta-mato em 1982, foi segundo classificado embora lhe tenha sido também averbado tempo de 29.11.

Crisóstomo Fernandes e Oscar Santos classificaram-se em 21.º e 23.º lugares, numa prova concluída por cerca de meia centena de atletas.

O Sporting inflingiu a primeira derrota (32-22) ao Belenenses no encontro mais importante da sexta jornada da segunda fase do Nacional de Andebol da Divisão de Honra, disputado no Restelo.

A turma «leonesa», que triunfou por uma margem de 10 tentos, foi superior ao seu adversário, dominando o jogo, mercê de uma meia distância mais poderosa. Com o desaire do Belenenses, o Benfica isolou-se no comando da prova,

com 18 pontos, tendo batido fora do seu ambiente o Vitória de Setúbal por 29-19, numa partida em que se esperava maior réplica dos locais.

A turma encarnada e agora a única formação sem derrotas, estando em grande apuro de forma e com fortes aspirações na competição.

O Desportivo de Portugal causou surpresa ao impor um empa-

te (27-27) frente ao FC Porto, num confronto marcado pelo equilíbrio e emoção e no qual o factor casa foi importante no desfecho final.

O Sanjoanense, ao ganhar pela margem mínima de 19-18 frente ao Académico de Braga, passou para o penúltimo lugar, com oito pontos, tendo o seu antagonista descido para o último posto, com sete.

Resultados: Belenenses-Sporting, 22-32; Vitória de Setúbal-Benfca, 19-29; Desportivo de Portugal-FC Porto, 27-27 e Sanjoanense-Académico de Braga, 19-18.

Classificação: 1.º Benfca, 18; 2.º Belenenses, 16; 3.º Sporting, 15; 4.º FC Porto, 12; 5.º Setúbal, 11; 6.º Desportivo Portugal, 9; 7.º Sanjoanense, 8 e 8.º Académico Braga, 7.

Basquetebol: Porto atinge o topo

O campeonato nacional de basquetebol da primeira divisão ficou com uma jornada da primeira fase por disputar e com cinco equipas já com presença garantida na segunda: FC Porto, Benfca, Sangalhos, Barreirense e Queluz.

A jornada dupla do fim-de-semana (com as rondas 20 e 21) teve como prato forte o FC Porto-Benfca de sábado nas Antas, com os azuis e brancos a imporem-se por 91-74 e a igualar os encarnados pontualmente, embora tenham melhor cesto-averagem.

Na ronda de ontem, o FC Porto

impôs-se ao Belenenses por 105-89 e o Benfca, em São João da Madeira, ganhou por 85-72. FC Porto e Benfca totalizam 38 pontos, contra 35 de Sangalhos, Barreirense e Queluz, todos com duas vitórias no fim-de-semana.

O Sangalhos bateu o Iliabum (99-96 após prolongamento) e o Olivais (104-89), em pavilhões alheios, o Barreirense recebeu o Ginásio (90-56) e o Conimbricense (133-76) e o Queluz, no seu pavilhão, diante dos mesmos adversários mas por ordem inversa, ganhou por 135-63 e 93-70.

No sexto lugar figuram Olivais e Iliabum, com 31 pontos, depois de os homens de Aveiro terem ganho à Ovarense por 69-64. Estas duas equipas podem aspirar ainda ao sexto posto que dá acesso à segunda fase.

De entre os cinco últimos, apenas a Sanjoanense conseguiu uma vitória no fim-de-semana, sobre o Belenenses, por 74-71, sábado.

Resultados (20.ª jornada): Iliabum - Sangalhos, 96-99; Olivais - Ovarense, 89-78; FC Porto - Benfca, 91-74; Queluz - Conimbricense, 135-63; Sanjoa-

nense - Belenenses, 74-71; Barreirense - Ginásio Figueirense, 90-56. 21.ª jornada: FC Porto - Belenenses, 105-89; Barreirense - Conimbricense, 133-76; Olivais - Sangalhos, 89-104; Iliabum - Ovarense, 69-64; Queluz - Ginásio, 93-70; Sanjoanense - Benfca, 72-85.

Classificação: 1.ºs FC Porto e Benfca, 38 pontos; 3.ºs Sangalhos, Barreirense e Queluz, 35; 4.ºs Olivais e Iliabum, 31; 8.º Ginásio, 30; 9.º Sanjoanense, 29; 10.º Ovarense, 28; 11.º Belenenses, 25; 12.º Conimbricense, 23.

Hóquei em patins: Sanjoanense não desarma

Sanjoanense e Sporting continuaram a marcar o ritmo na frente do «nacional» de hóquei em patins, com vitórias na 11.ª jornada.

A equipa de São João da Madeira recebeu a Juventude de Viana e ganhou por suados 2-1, enquanto o Sporting, no jogo que completou a ronda, bateu em Alvalade o Oeiras, penúltimo, por 8-4. Mas o melhor resultado da jornada pertenceu possivelmente ao Cascais, vencedor por 5-2 no

difícil reduto do Sesimbra e que, com os seus 29 pontos, se mantém a curta distância dos dois guias.

O FC Porto, com dois jogos em atraso, bateu o Famalicense por 4-1 e seque com 24, os mesmos do Sesimbra e Paço de Arcos, com esta última equipa a arrancar um difícil 8-7 no Restelo.

A Académica da Amadora confirmou o mau momento do Benfca com uma vitória em casa por

11-7 e Sporting de Tomar e Valongo aproveitaram-se do factor casa para desfeitear pela margem mínima Turquel (5-4) e Oliveirense (3-2) respectivamente.

Resultados: Sanjoanense-Juventude de Viana, 2-1; FC Porto-Famalicense, 4-1; Sporting de Tomar-Oliveirense, 3-2; Valongo-Turquel, 5-4; Belenenses-Paço de Arcos, 7-8; Académica da Amadora-Benfca, 11-7; Sesimbra-Cacais, 2-5; Sporting-Oeiras,

8-4.

Classificação: 1.ºs Sanjoanense e Sporting, 30 pontos; 2.º Cascais, 28; 4.ºs FC Porto (menos

dois jogos), Sesimbra e Paço de Arcos, 24; 7.ºs Juventude de Viana e Sporting Tomar, 22; 9.º Benfca, 21; 10.ºs Famalicense, Oliveirense (menos um jogo) e Académica Amadora, 19; 13.º Belenenses, 17; 14.º Valongo, 16; 15.º Oeiras, 14; 16.º Turquel, 13.

Ciclocrosse:

José Passos é campeão

O ciclista José Passos, da Ajact, venceu o Campeonato Nacional de Ciclocrosse na categoria de Seniores especiais, que se disputou em Coimbra, na pista do Choupal. Passos percorreu os 22 quilómetros do percurso em 57.43 minutos, batendo ao «sprint» o seu colega de equipa José Fernandes.

O vencedor da última Volta a Portugal, Venceslau Fernandes, classificou-se em quarto lugar. Em Seniores, o vencedor foi José Santiago do Gulpiñares, e o segundo foi António Sousa do Inter-Milheiros. Na categoria de Juniores a vitória coube a Alberto Parente do FC Porto que percorreu os quatro quilómetros do percur-

so em 41.4 minutos.

Os campeonatos caracterizam-se pela ausência dos ciclistas e colectividades do Sul do País, já que apenas 41 ciclistas em representação de 11 clubes do Norte estiveram presentes.

CICLISMO: DIRIGENTES ELEITOS. Para o biênio 1985/86 os clubes filiados na Associação de Ciclismo de Faro elegeram os corpos gerentes. A presidir aos diferentes órgãos ficaram: Joaquim Guerreiro Brasão (Assembleia Geral), Viegas Ramos (Direcção), Silva Teixeira (Conselho Técnico), João Murta (Conselho Fiscal) e dr. Manuel G. Sousa (Conselho Jurisdicional).

Ténis: 300 mil contos para um torneio

Mais, de 300 mil contos de prémios vão estar em jogo a partir da próxima semana no Torneio de Ténis da Associação de Jogadores Profissionais, na Florida — mas John McEnroe e Jimmy Connors estarão ausentes.

McEnroe não participa apesar de ser vice-presidente da Associação que apoia a prova juntamente com a Associação de Ténis Feminino.

O vencedor do torneio masculino receberá tanto como a melhor jogadora feminina (qualquer

coisa como 20 mil contos) — McEnroe tem afirmado repetidamente que não gosta de torneios em que o prémio seja igual. Também não quer interromper sua época em recinto coberto para fazer um torneio ao ar livre.

Quanto a Connors, decidiu reduzir a sua actividade.

Ainda assim, vão estar presentes em Delray Beach 41 dos 50 melhores tenistas masculinos do mundo. Das 50 melhores mulheres apenas vai faltar uma, a norte-americana Pam Shriver.

Sotil: a queda de um «astro»

O ex-futebolista «internacional» peruano Hugo Sotil esteve detido várias horas em virtude de não pagar a pensão de alimentos ao seu filho (de 11 anos) nascido do matrimónio com a apresentadora de televisão Nancy Gross. Sotil foi encarcerado na noite de 2.ª feira passada, tendo sido solto depois de saldar uma dívida de 250 dólares (cerca de 43 mil escudos) e de se ter comprometido a pagar regularmente a pensão de alimentos ao filho.

«Estou mais pobre do que nunca. Tenho menos dinheiro que um sapateiro» — comentou Sotil, que acusou a sua ex-mulher de ser irresponsável e uma mãe pouco exemplar. O antigo «internacional» peruano, que chegou a militar no Barcelona (de Espanha) queixou-se que não tem dinheiro nem para manter a sua esposa e os outros seis filhos que vivem com ele e cujas idades oscilam entre os seis e 16 anos. Sotil juntou uma fortuna considerável quando foi jogador «internacional», mas a sua vida boémia e desgarrada acabou por lhe dissipar o património e os seus haveres. Protagonista de vários escândalos, tendo chegado a jogar várias vezes em estado de embriaguez, Sotil ficou abandonado e nenhuma das equipas peruanas ou estrangeiras mostrou interesse em contratá-lo.

Acidente mata futebolista

O futebolista uruguaio Daniel Angel Gonzalez Puga, ao serviço do Vasco da Gama do Rio de Janeiro, morreu vítima de acidente de viação. O atleta de 30 anos, conduzia um automóvel quando este derrapou no piso molhado de uma rua do Rio de Janeiro e embateu num muro. Ao lado de Daniel Gonzalez seguia a mulher, Mabel, que se encontra internada em estado grave.

A «Legião Estrangeira» em Espanha

A «Legião Estrangeira» do desporto espanhol é integrada por 91 atletas e técnicos de nove modalidades, indica um inquérito realizado pela agência EFE.

Entre os 91 desportistas que fazem parte de equipas de primeiro plano há só uma mulher e 53 deles são oriundos do continente americano.

Os países mais representados nos principais clubes espanhóis são os Estados Unidos (32 elementos), Argentina (10) e Jugoslávia (9), e como curiosidade cada um destes três países domina num desporto diferente: os Estados Unidos no basquetebol, a Argentina no futebol e a Jugoslávia no andebol.

Um alemão, Bernd Schuster, futebolista do Barcelona, ocupa o primeiro lugar no capítulo do estrangeiro que mais dinheiro ganha, com cerca de 114 000 dólares anuais (cerca de 19 300 contos), além de prémios.

Sete estrangeiros são treinadores, quatro dos quais de selecções nacionais espanholas. Emilia Boneva (búlgara, ginástica rítmica), Pokrarc (jugoslavo, andebol), Bernd Shitters (holandês, natação) e Giurkov (bulgáro, halterofilismo).

Os estrangeiros no desporto espanhol militam em nove modalidades, com destaque para o basquetebol (33), futebol (28), ciclismo (14) e andebol (10).



Papa Léguas puxam pela carroça há nove anos

Isolamento em bola de sabão

O Teatro de Animação Os Papa-Léguas vai estreiar a peça infantil «A Bola de Sabão» no dia 16. Um espectáculo de um grupo de sete pessoas que há nove anos «puxam pela mesma carroça». O tema base é a incomunicabilidade, a solidão, o isolamento dos indivíduos na sua «bola de sabão».

«A Bola de Sabão» é a peça infantil que o Teatro de Animação Os Papa-Léguas vai estreiar, no dia 16 de Fevereiro. Uma história sem palavras, para todas as idades, concebida e interpretada pelos sete actores do grupo.

Mário Jorge e Guida Rainha são os porta-vozes que nos falam sobre este espectáculo. «Trata do isolamento e solidão das pessoas. A incomunicabilidade. Estamos cada vez mais fechados numa bola de sabão. O espectáculo é a aprendizagem da comunicação. Pessoas que entram em choque e rompem a bola».

A sua base de trabalho é a improvisação. «Temos uma ideia central e desenvolvemo-la através de trabalho de improvisação. Muitas vezes o produto final é alterado. Todos os nossos trabalhos são criações colectivas. E, isto não é uma ausência de responsabilidades como algumas pessoas pensam.

Sobre a polémica de criação colectiva os Papa-Léguas dizem

que «pensa-se que a criação colectiva foi uma moda. A certa altura o Ministério da Cultura deu ênfase aos originais portugueses e subvalorizou as criações colectivas».

Quanto ao espaço cénico expressam ser a sua preocupação fundamental e proximidade com o público. A modificação do espaço surge sempre a partir da comunicação, do diálogo com o público. É sempre nossa intenção provocar, dialogar».

Para eles a criação do personagem «tem a ver com o facto de o espectáculo ter sido feito por nós. Assumimos o nosso personagem. Embora haja uma certa distância, trabalhamos-lo, sentindo-o, para que as pessoas o venham a fazer também».

Rítmo próprio

Um caracol é o símbolo dos Papa-Léguas. «Aparentemente é uma contradição connosco próprios, porque o caracol é lento e o homem rápido, mas somos mais lentos que outros animais. E afinal o que importa é que cada um tem o seu ritmo próprio. Nós estamos a aumentar o nosso ritmo ao nosso próprio ritmo».

Este grupo é uma estrutura pequena de pessoas que fazem força num mesmo sentido para puxar a carroça. «Somos todos

responsáveis e criadores. O Papa-Léguas só existe porque continuamos a acreditar naquilo que fazemos».

E eles não fazem pouco. Nasceram como grupo em 1976. constituíram-se em Cooperativa em 1979. Depois dos espaços anteriores da Culturona e Eranova, estão agora no Salão das Furnas, da Junta de Freguesia de S. Domingos de Benfica, uma das mais pobres de Lisboa.

Têm projectos e com a persistência vão concretizando-os. Para as crianças dos 4 aos 12 anos funcionam com uma oficina de artes. São ateliers de animação de expressão dramática, expressão plástica, expressão musical e flauta de bisel.

Para jovens a partir dos 15 anos trabalham em ensaios abertos. «A nossa formação foi feita sem escola. Há pessoas novas com entusiasmo. Fala-se que a malta nova não está interessada em fazer nada, mas é preciso criar condições para lhes incentivar a criatividade e o sentido crítico».

Sempre em movimento

Com estes ensaios pretendem chegar à desinibição, à comunicação «fazemos isto sem uma intenção técnica, antes pelo prazer, a brincadeira, no bom sentido. Não temos intenção de preparar actores para os Papa-Lé-

guas. É a expressão como trabalho de interacção das pessoas».

A acção de dinamizar junto dos bairros da freguesia é outra das suas tarefas. «Já fizemos desde o final de 83, três actuações de rua, com um espectáculo chamado «O Corropio». Acharmos importante agitar um pouco estes bairros degradados, porque as pessoas cada vez mais se isolam mais, e tentamos levá-las ao teatro.

Um ciclo de seminários, principalmente para educadoras de infância, professores e animadores culturais é outra das actividades em curso. Subordinado ao tema «O Movimento e a Criança» e com os itens «expressão e movimento» e «o corpo nas práticas educativas». «A Criança e a Música» é o título de outro seminário a realizar em Setúbal, em conjunto com o grupo de música tradicional portuguesa, Distó & Daquilo. Começa ainda este mês outro seminário sobre a «Animação Audiovisual».

«Cadernos da Nossa Prática» é um livro de textos de apoio que os Papa-Léguas vão editar brevemente e que constam das suas experiências, fundamentalmente com as crianças «o trabalho à base do corpo». O corpo ainda é proibido e é bom que se fale nisso».

Edite Martins de Carvalho



**CENTRO DE CONVÍVIO
E DESPORTIVO DE V. MILHAÇOS**

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Relatório e Contas 1984

Convocam-se todos os associados em pleno gozo dos seus direitos, conforme art. 2.º, ponto A, dos Estatutos, para uma Assembleia dia 13 de Fevereiro de 1985, pelas 21.00 horas na sede da colectividade art. 6.º, ponto 7-2.

Se no dia e hora indicados não houver «quorum», realiza-se meia hora mais tarde, no mesmo local com qualquer presença de associados com a mesma ordem de trabalhos.

ORDEM DE TRABALHOS:

- Informações
- Alteração de fundos art. 5.º ponto 1 e 2.
- Discussão e votação do Relatório e Contas

Pel' O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

(Ilegível)



Grande espectáculo no Maria Matos a favor da CRINABEL

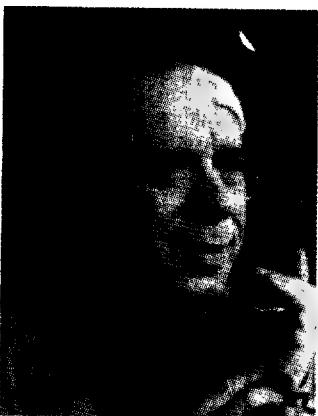
O Quinteto de Maria João, Raul Solnado, José Barata Moura, Simone de Oliveira, Nicolau Breyner, Fernando Tordo, Fernando Pereira, Maria do Céu

Guerra e Rita Ribeiro, serão alguns dos muitos artistas que vão actuar no espectáculo de variedades, dia 4, segunda-feira, pelas 21.30, no Teatro Maria Ma-

tos, para angariação de fundos para a Crinabel.

A Crinabel - escola para a educação de crianças inadaptadas, necessita de apoios para

manter a sua meritória obra e contará, por isso, com a participação gratuita dos artistas, que serão apresentados por Júlio Isidro e Júlio César.



Raul Solnado



Simone de Oliveira



Maria do Céu Guerra



Fernando Tordo

Boavida Amaro na Galeria Diário de Notícias

Boavida Amaro apresenta um conjunto de obras de pintura, da sua última fase, na Galeria «Diário de Notícias».

Artista representado em diversas colecções e em museus nacionais e estrangeiros Boavida Amaro que fez os cursos de gravura dirigidos por Alice Jorge e João Hogan e estudou serigrafia com o artista belga Dacres, tem realizado nos últimos vinte anos muitas exposições individuais e participado em inúmeras colectivas efectuadas entre nós e no estrangeiro, obtendo o maior êxito quer da crítica quer do público. Para Thomaz de Mello trata-se de um poeta da forma e da cor. Também partilha esta opinião José Carlos de Vasconcelos no texto que escreveu, expressamente, para o catálogo.

Com efeito, reconhece nos trabalhos de Boavida Amaro «o olhar do próprio pintor: azul, claro, transparente. E também: o olhar poético e onírico de quem busca na cor, sobretudo na cor, a harmonia do mundo. Ou do seu mundo. Digamos que mesmo as formas diluídas - perfis, silhuetas, sugestões - só através da cor e em função dela têm existência real».

Ainda a propósito de Boavida Amaro «homem simples cuja paixão é a pintura, ali numa cave esconso da lisboeta Avenida da Liberdade, enchendo as paredes brancas dos rosas-vegetais de quem veio do Ladoeiro, algures na Beira Baixa, e dos azuis-líquidos de quem tem o mar no horizonte, ou dentro de si e que também disto se faz o ofício do pintor». José Carlos de Vasconcelos acrescenta, noutro passo: «Poder-se-ia, ou dever-se-ia, talvez, mais do que nunca, a propósito dos trabalhos que integram esta nova exposição de Boavida Amaro, falar de um



certo caminho para a abstracção lírica sem de todo se excluir, citando Maria João Fernandes, a «recorrência a certos signos figurativos que os situam com maior evidência nos parâmetros de

uma biografia imaginada que passa pela evocação da infância». Como se poderia, ou deveria, dizer, que com estes seus últimos trabalhos o artista demonstra um equilíbrio e uma ma-

turidade só raramente atingidos, ou porventura mesmo nunca atingidos, ao longo da sua obra. A exposição foi inaugurada sexta-feira às 18 horas e está patente até ao próximo dia 15.

Na noite de quinta-feira

Sessão sobre «A Morte do Artista»

Vai realizar-se, na sede da «Concentração Musical 1 de Junho de 1914», no próximo dia 7 de Fevereiro, às 21.30, uma sessão sobre o livro policial «A Morte do Artista», de Artur Cortez (pseudónimo de António Modesto Navarro), cuja acção decorre em Lisboa e particularmente em Campo de Ourique e Rua D. Maria Pia, inclusive na

Imparcial, designação por que é conhecida a Concentração Musical 1 de Junho de 1914.

Na sessão participam o escritor José Manuel Mendes, que fará uma intervenção sobre o livro, Carlos Paredes e Luisa Maria Amado, que apresentarão um programa de música dedicada a Lisboa, e Carlos Mendes,

que interpretará canções dedicadas à República Popular de Angola, dado que o livro tem como tema o tráfico de diamantes de Luanda para Lisboa.

Esta sessão cultural e de convívio tem entrada livre. A morada da C. M. 1 de Junho de 1914 é na Rua D. Maria Pia, 411-1.º - Lisboa

UMA FARSA SOBRE A JUSTIÇA

estreia dia 8

Henriqueta Maya • António Assunção em

RÉUS E JULIUS

«Gil Vicente • António José da Silva

encenação de João Martins

O NOVO ESPECTÁCULO DA

Companhia de Teatro de Almada

Grupo de Campolide

sub M.C.U.M.A.

Teatro de Almada, Alameda da Universidade, Tel. 270215



A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA

ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. João de Deus 13B • R. de Macau 8-1 LISBOA

Hoje

RTP1



A RTP-1 apresenta esta noite o 1.º episódio da série «Uma História de Amor»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Notícias

18.20 Tempo dos Mais Novos

19.00 Teleregiões

19.20 Computadores

19.45 Boletim Meteorológico para a Agricultura

20.00 Telegiões

20.27 Boletim Meteorológico

20.30 «Chuva na Areia» - 21.º episódio.

21.05 «Uma História de Amor» - 1.º episódio. Principais intérpretes: Maggie Smith, James Villiers e Cyril Luckham.

22.10 Aplauso - Campeonato Europeu de Profissionais de Danças de Salão.

22.55 Último Jornal



Exibe-se na RTP-2 o 5.º episódio de «Guilherme de Orange»

RTP2

20.02 Desenhos Animados - «Batman» e «Musti».

20.30 RTP/Açores - Sol Maior com a Tuna das Angústias e Tuna da Praia do Almocharife. Um programa da responsabilidade do Centro de Produção dos Açores.

21.05 «Guilherme de Orange»

22.00 Jornal da Noite

22.25 «A Sucessora» - 21.º episódio.

Amanhã

RTP1

RTP2

13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «As Espantosas Aventuras de Morphe»; 19.00: Teleregiões; 19.20: Música da América; 20.00: Telegiões; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.10: Actual; 22.00: «Cagney e Lacey»; 22.50: Último Jornal.

20.00: Desenhos Animados; 20.30: Orquestra de Jovens da Comunidade Europeia; 22.00: Jornal da Noite; 22.30: «A Sucessora»

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1

«Uma História de Amor» (21.05)

RTP2

«Guilherme de Orange» (21.05)

CHUVA NA AREIA

Nunes apercebe-se que o alvo de atenção dos «mirones» é a sua filha Guida. Desesperado agreda-os com um pau. Guida não se dá conta do facto.

No seu gabinete, Costa, explica a Gomes porque não deve fazer as obras durante o Verão.

Pera e Mangas conversam, na taberna, sobre negócios e sobre o seu contacto que está em Espanha.

No Posto da Guarda Antunes denuncia Silva como sendo contrabandista. Depois, dirige-se à loja do Gomes informando-o que o assunto dos caixotes está arrumado.

Nunes entra na Pensão Ancora, gritando pela filha. Guida está na esplanada conversando com Gabriela sobre os respectivos namorados.

Assistência Técnica Grundig

NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Tel. 271 2871

Magazine

Descoberto o segundo maior abismo do mundo

Espeleólogos moscovitas descobriram o segundo maior abismo do mundo, em terra firme, ao efectuarem uma descida numa caverna «Snejnai», no Cáucaso ocidental, a uma profundidade de 1370 metros.

Os espeleólogos não viram luz durante 45 dias e não puderam prosseguir a descida devido a um estrangulamento das rochas. Por ele passava, contudo, uma corrente de ar, o que significa que a caverna continuava a descer.

No local mais profundo, eles encontraram, entre as pedras e a argila, um ser vivo: um verme, cuja presença a uma tal profundidade é, por enquanto, inexplicável.

A idade do monte Ararat

O célebre monte bíblico Ararat, ao qual teria acostado, segundo a lenda, a arca de Noé, tem 3,5 milhões de anos, concluíram os geólogos.

O monte não se formou de uma só vez. Ao longo de milhões de anos, foi crescendo sob a acção da lava que corria pelas suas vertentes. Dentro de vários milhões de anos, o belo e branco Ararat começará a desagregar-se.

Há cerca de 10 milhões de anos, o território do planalto arméniano era uma planície ondulada que se encontrava ao nível do mar, ou seja, mais baixo cerca de 2 mil metros.

A elevação do planalto fez-se a velocidades diferentes, tendo umas regiões «crescido» mais depressa que outras. Este processo ainda perdura, tendo-se formado neste território, no de-

curso das formações contemporâneas, cerca de 600 vulcões, a maioria deles já extintos.

O mais jovem vulcão do planalto arméniano, o Tondourek, cuja última erupção se verificou, segundo as crónicas, em 1442, expele ainda hoje gases quentes, vapores e, por vezes, areia e cinzas.



Barbas e Bigodes prejudicam a saúde

Experiências realizadas pelo Instituto de Higiene Geral da URSS mostram que o uso de bigodes e barbas prejudica a saúde.

Especialistas deste Instituto analisaram o ar inspirado pelo «bigodudo» e «barbudado» e compararam-no com o inspirado por outras pessoas que não seguiam esta moda.

No primeiro caso, descobriram-se várias dezenas de substâncias tóxicas como fenol, tolueno, amoníaco, acetona e ácido acético, entre outras. Mas, como, se os pelos quase não segregam substâncias tóxicas e,

quando o fazem, é em quantidades muito menores que a pele?

O mais provável, concluem os investigadores, é que as referidas pessoas expiram essas substâncias, que se depositam nos pelos, e depois as tornem a inspirar.

Tendo como ponto de partida a concentração máxima admitida de cada substância tóxica no ar, verificou-se que o índice de contaminação do ar inspirado pelos bigodudos era em média igual a 4,2 (no ar puro é inferior a um). No caso do uso de barba a contaminação é menor, situando-se em 1,9 mas, barba e bigodes juntos atingem os 7,2. Apesar de elevados, estes números não incluem a influência do tabaco. No caso dos fumadores, a nocividade aumenta cinco a oito vezes: 24,7 para quem usa bigode, 18,2 para o uso de barba e 49,3 para bigode e barba juntos.

Segundo os especialistas soviéticos, o fumo do tabaco contém mais de 200 substâncias tóxicas.

A única coisa que pode ser dita em defesa das barbas e dos bigodes é que podem contribuir para tornar o homem mais atraente, dar-lhe um certo charme. Mas, a tal preço, valerá a pena?

Cientistas pesam «buraco negro»

O «buraco negro» mais próximo da Terra, uma massa de matéria gigante situada na constelação de Centauro, foi descoberto e pesado por astrónomos da Universidade de Leninegrado. Este «buraco» ultrapassa um bilião de vezes a massa do Sol.

Os cientistas utilizaram um

novo método matemático de definição da massa dos astros longínquos, baseado no efeito da acção gravitante dos aglomerados de estrelas sobre as estrelas errantes.

Com o berço em zimbros os bebés crescerão fortes...

Desde épocas remotas que as tribos que povoavam a Ásia Central construíam o berço dos bebés em zimbros, pois acreditavam que, assim, eles cresceriam fortes. Investigações recentes comprovaram que esta árvore segrega substâncias que protegem o homem de micróbios mórbitos.

O óleo de zimbro é igualmente um bom meio para fazer cicatrizar pequenas feridas, para o tratamento de certas doenças de pele, queimaduras e gretas. Ele pode também ser aplicado como anestésico em caso de reumatismo, além de outras lesões dos ossos.

Na indústria alimentar, o óleo pode ser empregue como aditivo aromático e elemento curativo. Para o produzir, bastam os detritos produzidos pela indústria da madeira e sua transformação, não sendo necessárias quaisquer outras matérias-primas especiais.

Aquecedores de bolso

Vestuário e sapatos especiais munidos de um dispositivo de aquecimento estão a ser confeccionados para os trabalhadores do chamado Grande Norte soviético. O Instituto Tecnológico para a Indústria Leveira de Moscovo concebeu um novo tipo de aquecedores, muito pequenos, que podem ser metidos num

bolso.

O elemento que aquece é colocado em espiral na camada isolante.

Um fio em cobre, revestido de borracha, é ligado ao elemento, para o alimentar em corrente eléctrica. O fio é concebido de modo a não exercer cargas mecânicas sobre o elemento, quando se estende ou curva, o que é inevitável durante o trabalho. Uma pilha de 24 V alimenta o aquecedor.

O vento faz a Terra girar mais devagar

Geofísicos soviéticos descobriram que o vento pode fazer abrandar a rotação da Terra em torno do seu eixo. As alterações sazonais da circulação global da atmosfera fazem o planeta girar mais depressa no Inverno e no Verão e mais lentamente na Primavera e no Outono. É deste modo que um dia de Julho é um milionésimo mais curto que um dia de Abril ou de Novembro.

O ritmo anual irregular da revolução da Terra, descoberto há um quarto de século pelo serviço astronómico do tempo, não podia ser explicado, apesar de todas as tentativas dos teóricos, apenas pelas leis da mecânica celeste.

Ao compararem os dados astronómicos com as observações meteorológicas mundiais, os especialistas chegaram à conclusão de que este fenómeno é provocado pelos ventos ocidentais, que predominam na atmosfera. Por outros termos, a atmosfera gira mais depressa que a Terra.

No meio do Verão e do Inverno, quando enfraquecem os ciclones, a rotação da Terra acelera-se. Na Primavera e no Verão, os poderosos fluxos de ar exercem uma pressão tão impor-

tante sobre o relevo do planeta que desempenham o papel de um verdadeiro «travão».

A partir destes dados, os geofísicos pensam poder dar maior rigor às previsões a longo termo do tempo e do clima.

Vulcões alteram o clima

A erupção de qualquer dos 800 vulcões que se encontram activos no nosso planeta pode provocar alterações sensíveis no clima da Terra, pensam os cientistas, que chegaram a esta conclusão depois de analisar as fotografias especiais que representam a propagação da cinza vulcânica na atmosfera. Anteriormente, essa análise só era possível mediante observações visuais.

Alguns exemplos concretos ilustram a envergadura das cinzas expelidas pelos vulcões. Depois da erupção relativamente pouco importante do vulcão Beerenberg, na ilha de Jan Mayen (1976), o rasto de fumo tinha um comprimento de 350 km; as cinzas do vulcão El Chichon (México, 1982) fizeram uma revolução em torno da Terra em 21 dias, e provocaram uma baixa da visibilidade e da radiação solar directa, de que resultaram, segundo os especialistas, alguns cataclismos climáticos ocorridos entre 1982 e 1983, sentindo-se a sua influência até hoje.

Antes de chegarem à estratosfera, explicam os geofísicos, as cinzas transformam-se, a 18 ou 20 km de altitude, em aerossol vulcânico, composto de pequenas gotas de ácido sulfúrico de meio-micron. Elas não se desagregam durante vários anos e constituem um obstáculo à luz solar que chega até à superfície terrestre.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a caminhar do lado esquerdo da Faixa de rodagem, para ver de Frente os veículos



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 17.50: RDP/revistas; 18.00: A gaiata dos sete toles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Cozinha económica; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Ciclo João Sebastião Bach; 15.30: Música de piano na era romântica; 16.00: Música do século XX; 16.30: Solos de instrumentos; 16.45: Trechos de óperas; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.45: Música de todos os quadrantes; 17.55: Esta noite no Programa 2; 18.00: Um poema; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 18.55: Incidentes; 19.00: Música de Johannes Brahms; 19.30: Terra viva, planície azul; 20.00: Música de câmara; 20.40: Sintonia, em ré maior, k. 95, de Mozart; 20.54: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Tempo de Bailado; 22.01: O canto e os seus intérpretes; 23.00: Intercâmbio musical; 24.00: Música religiosa; 00.50: Pode ouvir no Programa 2, a partir das 8 horas; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé de vento; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Meio-tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memórias; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14347

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Pronome relativo. Tempo do verbo ser. Coragem.
- Prefixo de negação. Cloro (s.q.). Acrescentando uma vogal é fruto do abieiro.
- Ave semelhante à pomba. Existe.
- Despidas. Curso de água natural e abundante.
- Batráqueo ânuro. Senhor em inglês.
- Moderato. Caneca grande.
- Cana de Açúcar ou cana doce. Robustos.
- Palmeiras da Amazônia. Tanto.
- A classe sacerdotal. Viração.
- Naquele lugar. Nome científico do pato.
- Filtra. Peixe do género siluro.

VERTICAIS:

- Naipes das cartas de jogar. Mau hábito.
- Em o. Plantio de ameieiros.
- Indigente.
- Nome de planeta. Irmão de Moisés.
- Planta do pé.
- Convocam.
- Pronome pessoal. Creme.
- Enxugadas.
- Fantasia. Em o.
- Rio da Rússia. A Pérsia. Matemática.
- Fértil. Sufixo que designa abundância. Solitário.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14097

HORIZONTAIS:

- Cidade da China. Berilo (s.q.)
- Separar de. Aves pernaltas.
- Acedei-te. Senhora.
- Deus japonês. personificação da compaixão e da caridade. Pronome demonstrativo.
- Samário (s.q.). Mulher chinesa da classe baixa. Serra de Portugal.
- Preposição e artigo (inv). Rénio (s.q.). Empregam.
- Niquel (s.q.). Fileiras. Chefe etíope.
- Senhor. Seduzira (Fig).
- Vagueiam.
- Espécie de lanceiro nos exércitos austriacos, russo e alemão (pl). Centiare.
- Plantas. Mamíferos ruminantes.

VERTICAIS:

- Cidade dos Estados Unidos, capital do Mississippi. Na Turquia, corpo da guarda, patrulha.
- Levanta. Cinquenta e um em romano.
- Fronteira. Cidades.
- Crômio (s.q.). Aténia do Japão. Em a.
- Derrubamos.
- Sódio (s.q.). Em o. Clima.
- Cidade da Cítia.
- Que são do ar. Anda por (fig).
- Distarçaram.
- Bário (s.q.). Conquistara.
- Pertences Aparência. Uma das Espórades.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14346

HORIZONTAIS:

- Pagarão PÃO.
- Abar. Aíra.
- Ofir. Poi.
- Terá. Si.
- Bé. DDT. CC.
- Imat. Irão.
- Dor. Carías.
- Ora. Es.
- TSE. Aa. Por.
- Ba. Iníram.
- Alemânia. Ou.

VERTICAIS:

- PROIBIDO. Ba.
- Imortal.
- Gaiteiras.
- ABRE. Fim.
- Ra. Aca. Rã.
- Arca. Aín.
- O. Aah.
- APETITE. Ra.
- Moral. Ar. Co.
- Ni. Amoiras.
- Chança. Alos.

PROVÉRBO: Pão proibido, abre o apetite.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14096

HORIZONTAIS:

- Champlain.
- Horário. Apã.
- Araçá. Rever.
- Mamã. Onera.
- Osa. Assalto.
- Así. Tio.
- Irás. Miam.
- Moral. Ar. Co.
- Ni. Amoiras.
- Chança. Alos.
- Cassatas. Só.

VERTICAIS:

- Chamotin. CC.
- Horas. Ronha.
- Aramá. Árias.
- Maca. Asa. NS.
- Praias. Laça.
- Li. Sm. Mat.
- Acor. Ião.
- Enetarias.
- Navelin. Ri.
- Perto. Caos.
- Barão. Posso.

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	73\$60	79\$60
ALEMANHA FED (marco)	53\$90	55\$00
AUSTRIA (xelim)	7\$55	7\$75
BÉLGICA (franco)	2\$529	2\$729
BRASIL (cruzeiro)	\$034	\$064
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	129\$15	131\$15
(notas de 5 a 1000)	129\$65	131\$65
DINAMARCA (coroa)	15\$10	15\$50
ESPANHA (peseta)	\$925	\$945
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	171\$50	173\$50
(notas de 5 a 1000)	172\$00	174\$00
FINLÂNDIA (marka)	25\$75	26\$35
FRANÇA (franco)	17\$60	18\$30
HOLANDA (florim)	47\$65	48\$65
IRLÂNDIA (libra)	168\$45	172\$45
ITALIA (lira)	\$079	\$089
JAPÃO (iene)	\$642	\$677
NORUEGA (coroa)	18\$65	19\$15
REINO UNIDO (libra)	193\$50	197\$50
SUECIA (coroa)	18\$65	19\$45
SUIÇA (franco)	63\$65	64\$65
VENEZUELA (bolívar)	10\$70	11\$70

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas e título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 13 a
A LUTA DOS DESTEMIDOS

AVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

As 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- N. ac. men. 18 a
NOITES ESCALDANTES
2.ª Semana

AVIS 547154

Av. Duque de Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a
JOGOS EROTICOS
3.ª Semana

BERNA 776048

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a
IMAGEM QUEBRADA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Camp. Grande

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Turios
ROBIN DOS BOSQUES
13.ª Semana

CASTIL 530194

R. Castilho

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 18 a
NOITES DE NEW YORK
3.ª Semana

CINE BLOCO 55682

R. Pinheiro Chagas, 10

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a
CONAN, O DESTRUIDOR
As 24 - M. 16 a
FÚRIA DE VINGANÇA

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

As 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
SOS A 12 000 METROS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
FRANCES
As 24 - N. ac. men. 13 a
TIRO DE ESCAPE

CINESTUDIO LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

As 15.30 e 21.30 - M. 12 a
OS COMPADRES

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

As 15.30 e 21.30 - M. 12 a
OS COMANDOS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
OS TARADOS DO RIO LOUCO

2000 210055

Av. B. Voluntários, 113-4

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
A ESPADA DA VINGANÇA

ESTUDIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS
14.ª Semana

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

As 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

As 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a
A MULHER DE VERMELHO

SALA 2

As 15, 18, 21 e 23.45
- M. 12 a
PARIS TEXAS

IMPERIO 555134

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 15 a
O MARGINAL

LIDO 937593

P. D. João I, Amadora

As 14.30 - M. 16 a
A BATALHA DE BRONX

MONTECARLO 681117

Al. Pedro Álvares Cabral, 1

As 14.15, 17.30 e 21.30
- M. 16 a
OS COMANDOS DA NOITE
- Int. men. 13 a
- Segunda-feira, 1.00\$00

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 4, B

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
AMOR EM PERIGO

ODEON 326283

R. dos Condes, 12 a 20

As 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 16 a
ROLF, O MERCENÁRIO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

As 14, 17.30 e 21.30
- M. 6 a
MÚSICA NO CORAÇÃO



"METROPOLIS"

Nova versão colorida e musical do filme de
FRIEDRICH LANG por **GIORGIO MORODER**.
Em exibição no **ESTUDIO 444**.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a
CONAN E OS BARBAROS

QUARTETO 571478

R. Figueira, 11

SALA 1
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a
AOS NOSSOS AMORES
- Int. complementar
JUNQUEIRA
As 23.45 - M. 18 a
O FILME MAIS MALUCO DO MUNDO

SALA 2

As 15, 17, 19 e 21.30
- M. 17 a
A CORDA
As 23.30 - M. 18 a
DIFAMAÇÃO
SALA 3
As 14, 16.30, 19 e 21.15
- N. ac. men. 13 a
DÍAS DE CARCERE
As 23.45 - M. 18 a
SÃO FRANCISCO, CIDADE NUA

SALA 4

As 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a
O CHEFE DE ORQUESTRA
As 23.30 - M. 18 a
DESCULPE, ONDE FICA O FAR-WEST?

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a
INDIANA JONES E O TEMPLO PERDIDO
As 24 - N. ac. men. 13 a
CINCO DIAS UM VERÃO

ROMA TEL 727778

Av. de Roma, 14 M N

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a
OS TAXISTAS DO RITMO

ROXY 548561

Av. Almeida e Sá, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

SAO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
As 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a
O MARGINAL

SALA 2

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- M. 12 a
VIDAS EM JOGO
32.ª Semana

SALA 3

As 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS
8.ª Semana

SALA 4

As 14.30, 16.45, 19 e 21.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS
8.ª Semana

7.ª ARTE 730215

Av. República, 111 Entre Camp. e Centro, ao n.º 63

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

STAR 730215

Av. República, 111 Entre Camp. e Centro, ao n.º 63

As 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 6 a
OS CAÇA-FANTASMAS

TURIM 730215

Av. República, 111 Entre Camp. e Centro, ao n.º 63

As 15, 17.30 e 21.45
- M. 12 a
OS RICOS E OS POBRES
- c/ Eddie Murphy e Dan Aykroyd
Lugares marcados em todas as sessões
Preços reduzidos de 2.ª a 5.ª-feira

VOX 881808

Av. Fr. Miguel, 111 Entre Camp. e Centro, ao n.º 63

As 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a
O LUGAR DO MORTO
27.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
O MEDALHÃO DO MAL
Um filme de Lucio Fulci
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - "Imagem Quebrada", às 21.30 (16 anos)

ALFA-3 - "A Corrida Mais Louca do Mundo", às 21.45 (6 anos)
ALFA-CLUBE - "Ao Serviço de Sua Majestade", às 21.15 (16 anos)

TERMINAL - "Amor e Perigo", às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO - "A Criadinha Francesa", às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ZODÍACO - "Encontros Imediatos do 3.º Grau", às 21.45 (13 anos)
LONDRES - "Broadway Danny Rose", às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE - "Os Amigos de Alex", às 21.30 (16 anos)
TIVOLI - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)

MUNDIAL - "Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
ESTUDIO ACS - "48 Horas", às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - "A Janela Indiscreta", às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA - "Duelo de Punhos", às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - "Sexo no Relvado", sessões permanentes (18 anos)
RESTELO - "Em Busca da Esmeralda Perdida", às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - "O Lugar do Morto", às 21.30 (12 anos)
ESTORIL - Casino - "Ao Serviço de Sua Majestade", às 21.15 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Almada - "Indiana Jones e o Templo Perdido", às 21.30 (12 anos)
ALMADA - Incrível - "Ben e Charlie", às 21.30 (13 anos)
ALMADA - Academia - "Conan, o Destruidor", às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - "Indiana Jones e o Templo Perdido", às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - "Bad Boys", às 21.45 (16 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Estúdio Flores - "Outland, Atmosfera Zero", às 21.30 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS - Ciclo do Cinema Soviético, às 21.30 (13 anos)
RIVOLI - "A Fuga do Inferno", às 21.30 (16 anos)

COLISEU - "Homens em Fúria", às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - "Os Amigos de Alex", às 21.45 (16 anos)

PASSOS MANUEL - "A Estrada de Fogo", às 21.45 (12 anos)
CHAPLIN - "O Clarim da Revolta", às 21.30 (18 anos)

TERÇO - "Tootsie", às 21.30 (12 anos)
BATALHA - "Quatro Punhos Contra Rio", às 21.45 (18 anos)

BEBÉ - "O Elevador", às 21.45 (16 anos)
SÃO JOÃO - "A Mulher de Vermelho", às 21.30 (12 anos)

CHARLOT - "A Mulher de Vermelho", às 21.30 (12 anos)
ÁGUA - "Dragão Invencível Ataca", às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - "Fruta Madura", às 21.30 (18 anos)
NUNO ÁLVARES - "A Balada de Naryama", às 21.45 (12 anos)

FOCO - "A Estrada de Fogo", às 21.30 (12 anos)
VALE FORMOSO - "A Sereia", às 21.30 (6 anos)

PEDRO CEM - "Gente Gira", às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala A - "O Lugar do Morto", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE - Sala L - "O Estado das Coisas", às 21.45 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

BAIXA-DURÃO, R. Garrett, 92 (T. 324166) **CAMPO D'OURIQUE**: Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (T. 666206); **CHILE** - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **ESTEFÂNIA**: Morgado Lourenço, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ESTRELA**: Martins, C. da Estrela, 165-167 (T. 660823); **JOÃO XXI**: Onídia, Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **LUMIAR** - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARQUÊS DE POMBAL** - PICOAS: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVEIRA NORTE**: Central dos Olivais, R. Alfões Barri-laro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVA**: Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **SANTO AMARO**: Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **VALE DE SANTO ANTONIO**: Costa Ferreira, R. Fernão de Magalhães, 33 (T. 849448); **CODIVEL** - ODIVELAS: Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA**: Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220)

teatros

Lisboa

MARIA VITÓRIA - "Não Batam Mais no Zezinho", às 20.30 e 22.45 (16 anos)
TEATRO IBÉRICO - "A Celestina", às 21.30 (13 anos)
ABC - "E a Lata Continua", às 20.30 e 23.00 (16 anos)
D. MARIA II - "Figados de Tigre", às 21.30 (12 anos)
MARIA MATOS - "Vidas Intimas", às 21.45 (13 anos)

REFORÇO

AJUDA: Lidia Almeida, C. da Ajuda, 170 (T. 637316); **ALVALADE**: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS**: Valle, Av. Marquês de Tamar, 47 (T. 773043); **BENFICA** - IGREJA: Marques, E. de Benfca, 648 (T. 700096); **CAMPOLIDE**: Patrícia, C. dos Mestres, 30-A (T. 680627); **HOSPITAL DE SÃO JOSÉ** - DESTERRA: Simmar, R. de São Lázaro, 128 (T. 542829); **INFANTE SANTO** - PAMPULHA: Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); **PALÁCIO DE SÃO BENTO**: Micael, R. de São Bento, 380-382 (T. 662162); **PENHA DE FRANÇA**: Central da Penha, R. da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **PICHELEIRA**: Mar-luz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **VALE FORMOSO** - POÇO DO BISPO: Barros Gouveia, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **BRANDOO** - AMADORA: Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810306); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030) Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higiénica, Av. da Liberdade, 13 (T. 240020) Até às 19 horas; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028) Até às 19 horas; **LAVRADIO**: Pereira, R. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016) Até às 19 horas; **BARREIRO**: Pigarra, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771) Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Teixeira, B. de Moçambique, 84-A (T. 2040946) Até às 19 horas; **CORROIOS**: Lino, Até às 19 horas; **AMORA**: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emílio G. Mendes, 314 (T. 2212923) Até às 22 horas; **SEIXAL**: Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560) Até às 22 horas; **MONTIJO**: Higiénica, R. José J. Marques, 142 (T. 2310370) Até às 22 horas; **MOITA**: União Moitense,

farmácias

Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETUBAL**: Brasil, P. do Brasil, 15 (T. 24788) Permanente; **COSTA**: R. da Misericórdia, 48 (T. 2441616). Até às 22 horas; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 66 (T. 21677). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Almeida Nito, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235) Até às 19 horas; **TIRES**: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635) Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS**: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); **Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADE**: Mendes Junqueira, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSO-EIROS**: Amarel Sembiano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imani; **MADORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas;



DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Depósito Legal n.º 1426/82

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 368740

Serviço de correio (diária das 21h)

Porto: 321154 - Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: 40000

Endereço Telegráfico: DIBOA

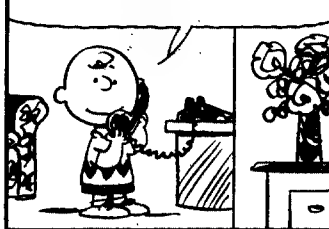
Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784

É VERDADE... A SALLY
CHEGA HOJE DO
CAMPO DE FÉRIAS.



VAI SER
DIVERTIDO VER
SE ELA ESTÁ
DIFERENTE...



TUDO O QUE ELAS
FAZEM É ESTAR SENTA-
DOS NOS SACOS DE
SENTAR, VER T.V. E
COMER COMIDA
ENLATADA...



CHEGUEI!



Jaime Gama em Riad

Sauditas querem estreitar relações com Portugal

Encontro com Arafat

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, foi recebido hoje em Riad pelo rei Fahd e manteve ainda um encontro com o ministro saudita do Petróleo, xeque Yamani. O ministro, que se encontra de visita a quatro países árabes, manteve ontem, na capital da Arábia Saudita, um encontro de três horas com o seu homólogo daquele país, Saud Al Faical, e avistou-se, à noite, com Yasser Arafat.

Durante o encontro entre os dois ministros foram analisadas, além das relações bilaterais, a situação no Médio Oriente, com especial incidência para a questão palestina, e a guerra Iraque-Irá.

As relações diplomáticas entre Portugal e a Arábia Saudita foram encetadas em 1980, tendo sido nomeado um embaixador português naquele país, o mesmo não acontecendo no sentido inverso.

A abertura, em 1986, de uma Embaixada na Arábia Saudita, em Portugal, prometida por Faical, foi considerada pela delegação portuguesa como «um acontecimento muito importante».

A Arábia Saudita é também o primeiro fornecedor de Portugal em petróleo, abastecendo o País em cerca de 25 por cento das

suas necessidades daquele produto.

Os dois ministros — de acordo com uma fonte da delegação do MNE — salientaram ainda a necessidade de «estreitar e mesmo solidificar os laços de amizade entre Portugal e a Arábia Saudita», tendo ainda feito referência aos aspectos históricos passados e a «influência recíproca da civilização árabe em Portugal e da presença dos portugueses nos países árabes, a partir do século XVI».

Jaime Gama, por sua vez, anunciou o envio, este ano, de uma exposição itinerante sobre a presença de Portugal no mundo islâmico a todos os países árabes, incluindo a Arábia Saudita.

Al Faical manifestou o seu regozijo por esta iniciativa e afirmou que os países árabes estão também a preparar uma exposição sobre a influência da civilização árabe no Mundo que poderá ir a Lisboa, afirmou a mesma fonte do MNE.

Sobre a situação no Médio Oriente, o ministro saudita solicitou a Portugal que transmitisse aos países europeus e aos seus aliados «a necessidade de fazerem Israel aceitar uma solução de paz para a questão da Palestina».

Encontro com Arafat

Jaime Gama e o presidente da OLP, Yasser Arafat estiveram

reunidos a noite passada e, entre outros temas, debateram a abertura de uma representação da OLP em Lisboa.

O encontro, que se realizou em Jaddah, só foi conhecido do próprio ministro português aquando de um jantar que lhe foi oferecido pelo seu homólogo saudita, Al Faical, que lhe disse que nessa mesma noite iria ser contactado por Arafat para um encontro.

A situação interna na OLP depois da reunião do Conselho Nacional Palestino em Amã, as recentes evoluções do problema palestino, a aproximação jordano-palestina e o projecto confederal, já apoiado pela Argélia, Marrocos, Arábia Saudita e Egipto foram temas que Arafat expôs a Jaime Gama.

Arafat apelou a Jaime Gama para que Portugal tenha um papel mais activo na solução do problema do Médio Oriente no quadro de consultas políticas europeias junto da CEE e que sensibilize mais de perto os Estados Unidos.

O presidente da OLP sublinhou também ter inteira confiança pessoal no elemento da OLP que vive em Lisboa e expressou o desejo de que a representação oficial daquela organização em Lisboa abra em breve.

Sauditas querem comprar mais em Portugal

Empresários sauditas manifestaram, entretanto, ao ministro português dos Negócios Estrangeiros o seu interesse em incrementar as relações comerciais com Portugal.

Durante um almoço em Riade, foi manifestado o interesse da Arábia Saudita em diversos produtos portugueses, nomeadamente no calçado, têxteis, concentrado de tomate e pasta de papel.

No último ano, as exportações portuguesas para a Arábia Saudita ascenderam a cerca de 2 milhões de contos, enquanto que as importações foram de 40 milhões de contos.

Portugal tem tido sistematicamente um saldo negativo comercial com a Arábia Saudita, dada a dependência do país em petróleo e o facto de aquele país árabe ser o primeiro fornecedor português de «crude», ou seja, o equivalente a 25 por cento das necessidades portuguesas de petróleo.

As exportações de Portugal para aquele mercado árabe têm sido constituídas, essencialmente, por madeiras, materiais de construção, maquinaria agrícola, concentrado de tomate e papel.

Comunistas preparam autárquicas

APU vai concorrer a mais de 3000 freguesias

«Obter a maioria em mais concelhos e freguesias e reforçar em geral as posições nos órgãos autárquicos» da APU, são os objectivos eleitorais definidos pelo PCP, na sequência do encontro de quadros e autarcas comunistas, concluído ontem em Lisboa.

No final dos trabalhos, Carlos Costa, membro da Comissão Política do CC do PCP, informou que a APU poderá concorrer em mais de 3100 freguesias nas eleições autárquicas previstas para fins do ano corrente. «Concorreremos — disse ainda — a todas as câmaras e assembleias municipais que correspondem a 98 por cento dos eleitores».

O encontro, que teve a participação de mais de duzentos quadros do PCP, serviu ainda para balanço da actividade da APU na gestão autárquica e para definição de objectivos para as próximas eleições locais. Foram, nomeadamente, analisadas as consequências de uma eventual coligação PS-PSD «extensível ou não ao CDS».

«Tal coligação, em geral condenada ao fracasso, representaria — disse Carlos Costa — o prolongamento nas autárquias do descalabro da política do actual Governo e dos seus antecessores».

Relativamente às anunciadas alterações às leis eleitorais, o dirigente do PCP considerou-as «expressão do medo» com que o PS e o PSD «encaram as eleições» e demonstraram, também, que o Governo «não hesita em, com uma total falta de escrúpulos, violar o alcance do princípio de representação proporcional constitucionalmente consa-

grado, tentando impor a burla eleitoral e limitações às liberdades e à igualdade de oportunidades das diferentes candidaturas».

«Recorde» de listas

Foi condenada a asfixia financeira da generalidade das autárquias por parte da política do Governo e a transferência de encargos sem os necessários recursos como tentativa de «transformar o poder local num apêndice dócil e servil dos Governos».

Quanto às listas a apresentar pela APU, Carlos Costa lembrou que em 1976 foram apresentadas 1117, em 1979 foram 2299 e em 1982 foram 2597. «O balanço realizado neste encontro — disse — indica que poderemos concorrer a mais de 3100 freguesias em 1985. O distrito em que serão apresentadas mais listas será o de Braga (de 280 para 400)».

JCP

A Juventude Comunista pronunciou-se também durante o fim-de-semana pela necessidade de inverter a política governativa «que está a levar o País para um desastre nacional».

A afirmação vem inserta em comunicado, após a primeira assembleia de debate da JCP, órgão criado pelo segundo congresso dos jovens comunistas.

As assembleias de debate pretendem fazer o aprofundamento das conclusões de cada congresso da JCP, assim como avaliar a actividade desenvolvida pelos jovens comunistas.

Nas eleições presidenciais

CDS apresentará candidato em oposição ao bloco central

Lucas Pires afirmou ontem, em Aveiro, que o CDS vai apoiar um candidato independente ou um candidato próprio às eleições presidenciais, como forma de «verdadeira oposição democrática ao bloco central».

O dirigente centrista, que falava no final de uma reunião de autarcas do seu partido, adiantou ainda, a propósito das próximas eleições locais, que o CDS vai concorrer com listas próprias, «embora esse objectivo comporte excepções que serão analisadas, caso a caso, pela Comissão Política».

Ainda durante a referida reunião, cujo objectivo foi preparar o próximo congresso do CDS que se realizará precisamente em Aveiro nos dias 22, 23 e 24, Lucas Pires fez um apelo a «todas as autoridades democráticas», desde o Presidente da República ao Governo, para a «imediata concertação sobre uma lei antiterrorista». A Lei de Segurança Interna — defendeu o presidente centrista — «deveria ser aprovada imediatamente e deveria prever uma indemnização às famílias das vítimas do

terrorismo». E isto porque, «é necessário criar um sentimento de segurança que hoje em dia falta completamente, já que a situação se está a adensar de modo grave, o que constitui uma grave ameaça à democracia».

Entretanto, uma lista afecta a Lucas Pires venceu na sexta-feira as eleições para a concealhia de Lisboa para delegados ao Congresso do CDS.

De acordo com uma fonte partidária citada pela NP, a vitória da lista apoiada pelo presidente da Comissão Política e liderada por Marques das Neves «só foi possível devido a uma manobra de bastidores». A mesma fonte: «A entrada da assembleia foi distribuída a todos os eleitores uma lista com 18 nomes aconselhando o voto nessas personalidades».

«Tratou-se de uma clara manipulação e se for esse o tom do congresso não será incorrecto dizer-se que a actual direcção do CDS está a optar por métodos antidemocráticos».

Abandono da Assembleia Municipal do Funchal

O CDS da Madeira decidiu

ontem abandonar imediatamente a Assembleia Municipal do Funchal onde dispõe de três vogais.

A decisão foi tomada na reunião do Conselho Regional dos democratas-cristãos madeirenses, considerando que a aprovação do novo regimento daquele órgão autárquico representa «mais um golpe político-partidário de silenciamento da oposição e de desrespeito pelos direitos dos vogais democraticamente eleitos pelos munícipes».

Os conselheiros democratas-cristãos madeirenses acrescentaram que a decisão se deve ainda ao facto da Assembleia Municipal do Funchal estar comprometida no seu funcionamento, «bloqueada na aceitação de contributos por parte da oposição, dominada pela mediocridade e cumplicidade da maioria social-democrata, impotente no cumprimento da sua missão fiscalizadora e deliberativa sobre a acção camarária».

O CDS/Madeira aconselhou os seus vogais na Assembleia Municipal do Funchal a deixarem

imediatamente de comparecer às sessões «por renúncia sucessiva, não impedindo porém, que assumam as suas funções os membros que o desejem, mas apenas a título pessoal e completamente desvinculados de representação partidária».

Quanto ao próximo congresso, o líder centrista da Madeira, Cabral Fernandes, defenderia a necessidade do partido refazer a sua unidade interna.

A propósito, recordou que as estruturas regionais do CDS «têm vindo a emitir opiniões concretas sobre a questão com vista a uma solução de unidade que abraque os bons militantes e dirigentes do CDS para que o partido se torne mais coeso e operacional».

Recordou «os esforços» que Lucas Pires tem feito «no sentido de procurar entendimento com muitos dirigentes que integraram a lista opositora no anterior Congresso, pelo que, como existem boas perspectivas nestas negociações, pensamos que será encontrada uma boa solução».

Uma análise antropológica na Gulbenkian

“A mulher em Portugal”

Um tema de grande importância está a ser desenvolvido por iniciativa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa no Auditório da Fundação Gulbenkian, entre hoje e quarta-feira próxima: «A mulher em Portugal».

Esta manhã, em mesa presidida pelo prof. Adérito Sedas Nunes, a primeira comunicação coube ao dr. Rui Feijó: «Illegítimos expostos e o estatuto socio-cultural da mulher na sociedade de 800».

Feijó procedeu a uma análise localizada entre dois polos geográficos: a sociedade alentejana e a sociedade minhota.

Naquela primeira sociedade, marcada por um código moral próprio do mediterrâneo, e citando José Cutileiro, as vertentes eram «a honra e a vergonha». Acentuou o palestrante que não é lícito falar de uma moral de ricos e de pobres, embora os primeiros usufruíssem de maior mobilidade. A chave para a compreensão do matrimónio, acentuou, tinha as suas bases no património. Quanto ao código

sexual da mulher era de carácter restritivo.

Por sua vez, na sociedade minhota, imperava uma atitude mais liberal para com as mães solteiras. Um nascimento ilegítimo era encarado de uma maneira diferente do que no sul.

Contra os filhos expostos, nota-se um repúdio maior no sul do País — e uma maior integração social no norte e noroeste. Isto é: as mães solteiras eram amadas bem aceites nessas zonas.

Seguiu-se uma exposição da antropóloga dra. Teresa Albina, intitulada «As mulheres de chaille colorido ou castanho». Teresa Albina expôs um estudo feito numa pequena aldeia de Bragança, Grança de nome: 314 habitantes, 93 fogos e infra-estruturas devidamente implantadas (luz, água, esgotos, etc.). A população vive da agricultura. Nunca uma mãe solteira foi expulsa da comunidade, notando-se, porém, que essas mulheres têm o seu comportamento social pelas mulheres casadas e pelas ditas de bem da terra.

SETE

ARTE
BRUTA:
PARA ALÉM
DOS MUROS
DO
MANICÓMIO

Pág. 2



Destaque:

**SARAH
KOFMAN**

Pág. 2

**STREETS
OF FIRE**

Pág. 3

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Págs. 4 e 5

**REPÓRTERES VÍTIMAS
DA REPORTAGEM**

Entrevista com um grande «caçador de actualidade»



AGÊNCIAS PESSOAIS NA PAGINA 8

SARAH KOFMAN

Fim da metafísica: Nietzsche, Derrida...

Quando interrogamos, na filosofia, as pretensões da teoria de distanciar-se e distinguir-se de uma função catártica própria do teatro, estamos também a pôr em questão o desejo subjacente a toda e qualquer vontade de comunicação que, ao negar a existência do terceiro ouvido, da escuta flutuante, pretende, no trajecto linear da boca à orelha, cercar e formar a comunidade ocultando o facto de que só «representantes» comunicam.

Fala-se do fim da metafísica como de algo de adquirido pela filosofia. E, sem mais interrogações, arrasta-se preguiçosamente um nietzscheísmo fácil, deixamo-nos escorregar segundo a corrente pseudo-polética ao mesmo tempo que convocamos (talvez) os pésocráticos; erigem-se sistemas retóricos, onde se cozinha uma amálgama a partir de uma «análise» quase cósmica de tudo o que penetra, forma e informa as ciências, sejam as chamadas humanas ou as puras (Novo humanismo?).

Alegremo-nos, portanto, quando filósofos nos lembram que não é tão fácil assim acabar com a questão da metafísica: trata-se de um trabalho sem fim, do trabalho da *aporia* (1), na *aporia*, no «entre-dois».

Uma tal reflexão, que se propõe deixar o identitário para encontrar o intermediário, só avança em viés, por atalhos e desvios. E pelo regresso, também, aos textos filosóficos e a uma leitura atenta, capaz de cercar, suspeitar, ficar à espreita, capaz de surpreender o momento de vacilação de uma teoria, ali onde o sujeito bascula, no momento *sublime* do filosófico.

Neste trabalho de longo alcance, constante, repetitivo e sempre novo, descobrimos sem levar o véu, sem despir, inscrevem-se os livros de Sarah Kofman.

Como o enfoque da «verdade», da verdade como questão e efeito, precisa do porte de máscara, a mulher—filósofo escolheu, entre outros, as máscaras de Nietzsche e de Derrida. A filosofia apresenta-se como um palco, um teatro onde os personagens avançam mascarados, e escondendo outras máscaras por detrás da máscara. De imediato, a distinção entre imaginação e realidade, fora e dentro, apaga-se, perde o seu sentido. Assim, para Nietzsche, todo o conceito é uma metáfora que se leva a sério e que é esquecida enquanto metáfora: «O conceito é como que o fiador da *mentira* e da *deslealdade* metafórica, e mantém a estabilidade destas ao mesmo tempo que assegura o esquecimento da génese do processo, como de toda a génese» (2, p. 55). E é talvez neste lugar da problemática que Nietzsche, debaixo do guarda-chuva (3) e Descartes, ao escrever «*larvatos pro deo*», quase se cruzam, como tão brilhantemente mostrou Jean-Luc Nancy (4). Derrida, cultivando o texto freudiano, põe em evidência a inserção, a inseminação, em todas as circunstâncias, do inconsciente e o seu carácter atópico, e demarca-se da psicanálise insistindo nos *indecidíveis* que trabalham no processo da escrita. Derrida ataca o falocentrismo, como Nietzsche, ao deixar múltiplas mulheres atravessarem a sua obra, deixava um papel preponderante a Baubo (5), ao seu ventre-rostro, a essa metáfora viva, ridente, metáfora da própria vida.

«A escritora de Derrida repete incansavelmente a morte do pai. As múltiplas decapitações dos logos, sob todas as suas formas, não podem deixar de se rebater no palco inconsciente de cada leitor» (6, p. 114). Através da escrita metafórica e da emergência dos *indecidíveis*, Nietzsche e Derrida convidam-nos a pôr a questão do que nos é mais familiar. Do próprio familiar. Derrida aparece como um filósofo «*unheimlich*» e quando, diferentemente de Nietzsche, ele deita um véu, ou deixa o familiar ser incomodado, fá-lo para escapar ao comum, à comunicação entendida como *comunhão*, ou ao ressonar do conceito que impõe a historicidade para esquecer que «chamamos genial aquilo de que não podemos contar a génese» (2, p. 73). «Trata-se, para Derrida como para Bataille, de escapar à seguinte *aporia*: quando se fala ou escreve, dá-se razão a Hegel. O meio estratégico, para iludir a filosofia, consiste em constituir uma sintaxe de indecidíveis, em recorrer ao jogo e ao simulacro para dobrar o discurso numa tal contorsão que ele escape à lógica comum» (6, p. 89).

Eis, sem dúvida, onde reside ainda o «perigo» nietzscheano. Quando se dá a ver o conceito enquanto recalçamento da metáfora ou metáfora recalçada, põe-se em questão o equilíbrio instável e frágil do contrato social. Corre-se, como diz Nietzsche, o «risco supremo», aquele que no entanto é necessário correr para nos apercebermos, na alegria, que o «acordo» entre os homens é factício e está preso por um fio: «Enquanto metafórica, a linguagem é supramamente injusta» apesar de só essa injustiça, como equilíbrio das diferenças, permita a justiça e a ordem social». (2, p. 59)

CHAKÉ MATOSSIAN

Notas:

- (1) S. Kofman, *Comment s'en sortir*, Galilée, 1983.
- (2) S. Kofman, *Nietzsche et la métaphore*, Galilée, 1983.
- (3) J. Derrida, *Eperons, les styles de Nietzsche*, Flammarion, 1978, pp. 103 a 123.
- (4) J.L. Nancy, *Ego Sum*, Aubier Flammarion, 1979.
- (5) S. Kofman, *Nietzsche et la scène philosophique*, UGE, 1979, pp. 294 a 299.
- (6) S. Kofman, *Lectures de Derrida*, Galilée, 1984.

PARA ALÉM DOS MUROS DO MANICÓMIO

Que lugar dá ao trabalho de Prinzhorn na sua perspectiva, a arte bruta, cujo museu dirige em Lausanne?

— Um lugar inaugural, primeiro porque Prinzhorn foi o primeiro a reproduzir e divulgar um importante conjunto de obras de grande unidade criadora, mas às quais só raramente se tinha dado uma atenção estética. Não há dúvida alguma de que a produção plástica das vítimas da detenção psiquiátrica deve ter sido extremamente rica, sobre tudo no princípio do século, quando os pacientes começaram a dispor de papel. Mas essa produção ficou a mercê dos psiquiatras e tributária do seu julgamento — muitas vezes muito conformista em matéria estética.

Ainda hoje o acesso aos «dossiers» e aos documentos das instituições dos manicómios é muito difícil — estou a par disso por ter querido fazer uma prospeção dos «escritos brutos» nessas instituições. Sente-se que, a pretexto de proteger o segredo médico, mesmo no que diz respeito a casos que datam do princípio do século, os médicos defendem sobre tudo um território no qual exercem um poder discricionário. Ora o livro de Prinzhorn contribuiu para dismantlar essa fortaleza. O facto de os «desenhos de loucos» terem sido objecto de reproduções a cores, talvez tenha levado os psiquiatras a conservar obras que antes disso teriam destruído.

— O comentário de Prinzhorn acerca disso está à altura das ilustrações?

— Decerto, e felicitamo-nos com esse concurso de circunstâncias que quis que um psiquiatra, de uma abertura de espírito excepcional, tenha sido colocado em situação de juntar e estudar um material tão considerável. No seu notável prefácio, Marielene Weber acentua o carácter anticonformista, anti-académico e anti-autoritário de Prinzhorn. Era este o seu estado de espírito quando tentava libertar as características da produção plástica dos doentes mentais. Tradicionalmente, e até estes últimos anos, quase todos os psiquiatras aplicaram aos trabalhos dos seus pacientes o processo médico que consiste em encarar a obra como um sintoma, e, mais precisamente, em pôr em relação as características de estilo com as diferentes do-

enças mentais homologadas. Há uma norma da imagem, correspondente à representação académica, como há uma norma funcional do corpo, correspondente à saúde. Os disfuncionamentos num e noutro registo são sintomas de doença que se trata precisamente de pôr em relação. Ora Prinzhorn trai este princípio normativo muito simplesmente porque se apaixona pelas obras que estuda. Abandona consequentemente a posição de objectivação psiquiátrica, recusa o discurso arrogante do saber médico sobre a loucura, implica-se a si próprio numa relação estética de reciprocidade.

— Seria ele um anti-psiquiatra avant-la-lettre?

— Não posso pronunciar-me sobre a sua prática psiquiátrica, mas, em todo o caso no domínio estético verifico que a sua ambição de estudar a expressão da loucura vai dar paradoxalmente à renúncia ao conceito de uma «arte dos loucos» como categoria separada. Prinzhorn observa nas obras que considera, uma intensificação de processos que artistas «normais» mais inventivos. Os únicos traços particulares seriam por um lado a ausência de *metier* e por outro a ruptura com a sociedade, a indiferença em se fazer reconhecer como artista.

— A obra de Prinzhorn fascinou vários artistas contemporâneos...

— É certo. Era o livro de cabeceira de Paul Klee. Max Ernst também ofereceu um exemplar a Éluard, que o fez circular entre os surrealistas. A obsessão de todos os artistas da vanguarda era libertar-se dos modelos culturais. Tinham procurado antes demais um recurso exótico na arte africana ou oceânica, depois descobriram com Prinzhorn que a verdadeira estranheza estava mais perto deles, para além dos muros do manicómio, mas, noutro sentido, mais longe deles, isto é, neste «interior longínquo» que os pacientes de Prinzhorn exploraram mais afortunadamente do que todos os artistas legítimos que neles se inspiraram.

(Entrevista conduzida por R.J.)

UM MUSEU DA «ARTE BRUTA»



HAUSER JOHANN.

«I can't stand so much meaning»
Julian Cope «Gratness and perfection»

Nas ruas de fogo o confronto final entre Tom Cody e Raven (o Corvo) faz-se à luz do dia. Como se fosse necessária a aurora para se resolver uma questão que é de honra, sim, mas essencialmente **de filme** que, sem esse desfecho batalhador, se tornaria pura deambulação (música, ritmo, um processo sem objectivo).

O dia é necessário porque a noite, a música, o ruído e a acção **baralham** a história, tiram-lhe sentido. Nas ruas de fogo é **difícil ler**.

Experimente-se ver o filme como uma narrativa simbólica: entre a noite e o dia, a condução e a clareza, a música e o silêncio, a música e o ruído, o fogo e a rua: entre o Bem e o Mal, finalmente — Raven é **Frankenstein** (a iluminação, a pose, os esgarres, jogam nesse efeito de semelhança); Cody, de olhos claros e barba rala, aparecido e desaparecido de súbito, **descarnado** afinal (espécie de máquina do Bem) é uma figura cristã; Ellen Aim (o objectivo, o propósito, como diz o seu nome) é **Elvis Presley** (há planos no filme em que Walter Hill acentua as semelhanças físicas entre a actriz e Elvis), a cantora **que é o rock**, disputada(o) entre princípios e forças opostas; Billy Fish é o dinheiro, o **exterior** da dicotomia BEM/MAL, ambíguo apesar de tudo (o **que paga**, como ele próprio diz, e intervém na «pureza» da história para, ao mesmo tempo, a abastardar e **permitir**; ele é a condição de existência de tudo o resto).

Mas este sentido que se dá a ler de um modo aparentemente tão fácil é sistematicamente contraditado pelo **efeito de video-clip** que Walter Hill impõe a todo o filme.

Este efeito assenta, antes de mais, na equivalência do **ruído**, da **música** e da **imagem** como operadores de sentido; não há uma hierarquia de importância, quer dizer, não se pode falar de «banda sonora» sem referir uma espécie de «banda de imagem» ou «banda de ruído». Nenhuma das «bandas» produz «mais sentido» que as outras. A maior parte das mudanças de plano são assinaladas por erupções de barulho mais ou menos realista (passagem do Metro, motores, engatilhar de armas, etc.) que o efeito Dolby transforma em ruídos **maquinais**, abstractos. Ou vice-versa: a maior parte dos ruídos são assinalados por mudanças de plano. Noutras ocasiões é o movimento dos personagens ou veículos que, por assim dizer, **arrasta** (por vezes literalmente) as imagens para fora de campo. A imagem é **som** (é uma imagem auditiva como nos video-clips), é o rock como imagem ou a imagem como rock. Equivalência que é levada tão longe que o filme parece ter a música como guião (como os video-clips, mais uma vez) — não só os planos e sequências relativos aos con-



Streets of fire

O ruído, a imagem, os sentimentos

certos, como os das cenas de acção, provam que a movimentação é música e marcada pelo seu ritmo; a «textura» da imagem, por sua vez, está bem longe da nitidez de «48 Hours» ou de «Warriors» (especialmente no que respeita a inscrição dos neons): em «Streets of Fire» é de um **borrão** que se trata, do aproveitamento de uma espécie de granulada da película que, numa ocasião singular, é explicitamente emparelhado com a imagem video (o plano da juke-box como «écran» onde aparece Ellen Aim a cantar). E, finalmente, a rapidez da montagem (que frisa o ponto de ruptura do sentido, especialmente nas primeiras cenas) reduz o filme a uma sucessão de «flashes» ruidosos e musicais típica dos video-clips. A sequência, colocada a meio do filme, em que Cody, Ellen Aim, McCoy e Fish atravessam uma rua colorida e cheia de gente (NOTA) é um video-

clip em estado «puro» que acompanha a canção de Ellen que, nesse preciso momento, aparece no receptor de TV.

Este efeito de **incandescência** do significante provoca uma quase impossibilidade de articulação narrativa e de sentido que, muitas vezes é explicitada: quando os personagens falam estabelece-se o silêncio absoluto e as falhas são violentamente interrompidas pela música ou o barulho. O desenrolar do genérico exhibe palavras que a imagem e o som arrastam para fora do «écran». O aparecimento das palavras impõe o silêncio e o congelar da imagem; ou mesmo fundos negros. As sequências são brutalmente cercionadas como se o **barulho** e o **fogo** quisessem impedir a narrativa de encontrar terreno firme.

Há uma espécie de **maquinaria oculta** no filme que, à revelia da narrativa, inspira ao desenrolar da imagem um ritmo «desu-

mano» ou, mais exactamente, **mecânico**. O estilo de representação dos actores — e o estereotipado por vezes aflitivo dos seus diálogos (justamente uma sucessão maquinal de lugares-comuns dos filmes de acção — **de peças dessa rodagem**) — remete para o jogo, o artificial, sem dúvida, mas também para um efeito de marionete ou de autómato que, no personagem Tom Cody é particularmente evidente; o herói é uma máquina, chamado, aliás, ao filme por uma máquina de escrever (!), nas engrenagens da qual a câmara se fica durante o genérico (!). O tema-máquina perpassa todo o filme: ruas semeadas de postes de sustentação do metro (décor-engrenagem), automóveis, motos, ruídos, a «Battery». Maquinismos e peças sobressalentes.

Mas o fogo corrói o metal e as engrenagens. Porque o rock é também o **sublime**: o concerto final expõe a viru-

lência do som contra os rostos de Tom e Ellen que assim se afirmam como **indivíduos**, sujeitos de sentimentos apesar da máquina ou por causa dela. No seu universo em todo o caso.

Esta sequência surge como o outro pólo do primeiro concerto do filme onde Raven está no lugar de Tom Cody fixando Ellen Aim: o sentimento encerra o filme entre olhares e actos.

Os incêndios de motos e carros o fogo que destrói a Battery, as nuvens de fumo que transformam as ruas em locais de irreidade espacial e cobrem o metal... tudo isso dá conta do rock como **mecanismo incendiário** do sujeito, do espaço, da sensação. Contra os grandes princípios mecânicos, a música e o seu espectáculo condensam os sentimentos em nódulos obtusos, resolvidos em riso, olhares ou lágrimas que atestam da obstinação do sujeito em se **distinguir**.

Num filme onde as épocas e locais não são referenciáveis (pode tratar-se dos anos 50 ou de uma era post-nuclear) ou são mesmo confundidos (anacronismos vários) e onde se circula um pouco sem destino (o tema da perseguição do pequeno grupo em «território inimigo» é caro a W. Hill, vejamos «Warriors» ou «Southern Comfort», onde o som é não só ensurdecedor como ofuscante, é nos sentimentos que se fixa o que há de **irreduzível** no rock a uma qualquer linearidade moral, ideológica ou sonora. Uma música de fogo feita para que possamos **arder**.

NOTA: Esta sequência remete explicitamente para «One From the Heart» de Copolla. Tal como a banda sonora, o fogo e o décor de fumo e irreidade lembram «Apocalypse Now» (onde também há um percurso iniciático ou de descida aos infernos).

P.V.G.

AGÊNCIAS & FOTÓGRAFOS

Os repórter da repor

Conversa com François Hers, um



John Griffiths, membro da Magnum: entre as maiores «testemunhas» da guerra do Vietname

François Hers nasceu em 1943. Interrompe os seus estudos de arquitectura para se consagrar à fotografia, primeiro como artista através de «provas excelentes e de acções». A partir de 1972 participa na fundação da agência Viva e adopta uma prática profissional de repórter para poder prosseguir o seu trabalho pessoal. O seu tema é o corpo humano e quando precisa de cadáveres, ele próprio o conta, vai propor a Paris-Match uma reportagem sobre a polícia. Em 1976 abandona este ganha-pão para preparar, por sua conta, um livro-manifesto de textos e fotos, **Recit**, publicado simultaneamente em França, nas edições Herscher e em Inglaterra na Thames and Hudson (1982). Diz-se agora fotógrafo de paisagens. Foi nomeado director técnico e artístico da missão fotográfica da DATAR, dirigida por Bernard Latarget.

HERVE GUIBERT

«A reportagem acabou no que diz respeito à fotografia, pensa François Hers. Ela teve um tal sucesso que se identificou com a própria ideia de fotografia, até tornar obsoletos os seus outros géneros, as fotografias de paisagens, as naturezas mortas, o retrato, o nu, as fotos de arquitectura. A intenção da reportagem, e foi assim que a pratiquei pessoalmente, é o estudo do comportamento humano. Até agora a fotografia sempre trabalhou por estudo mas a sua matéria é o corpo humano ou animal, visto que também se fazem reportagens sobre animais.

Kertesz começou antes, mas foi no início dos anos 30, há portanto cinquenta anos, que a reportagem surgiu como um novo género da fotografia. Recebeu enormes meios de produção, quase tantos como o cinema, e em algumas décadas os repórteres enriqueceram de um modo incrível, como mais nenhuma arte visual o teria feito, a nossa visão do comportamento humano. E creio que nada lhes escapou, do mais cruel ao mais sereno, em todas as latitudes, em todas as culturas, da mulher no lar, com o filho, à mais atroz das situações. Essa fotografia mostrou tudo. Já que o vocabulário visual do comportamento humano é limitado, ela deu-lhe a volta: um homem que ri, um homem que chora, um homem que faz gestos em todos os sentidos. Seria extremamente apaixonante poder reler toda a produção da reportagem no mundo naquilo que ela é, um estudo do comportamento humano e não um suporte de um discurso que não é próprio da imagem.

É esse o seu mal: a reportagem não foi tomada como meio artístico mas como suporte documental, o que é também, ipso facto, a fotografia, visto que ela regista tudo. E, na Imprensa, que era o seu principal capitalista, ele sempre foi o suporte de um propósito que não pertencia ao fotógrafo, que nunca foi escrito por ele. Ele fazia a imagem

cujo uso não podia determinar. Era sempre um adolescente. Não dominava o seu discurso. Em vez de fazer uma investigação do comportamento humano de maneira deliberada, como qualquer artista o faria, fê-lo de modo inconsciente, ingénuo, raramente se revoltando contra as utilizações mais abusivas feitas das suas imagens: enganos manifestos nas legendas ou nos textos que as acompanhavam.

Toca-se aqui nos dois pontos principais: falta de real autonomia e esgotamento. O estudo esgotou a sua matéria no quadro que lhe era fixado. É por isso que penso que a fotografia deu à reportagem tudo o que podia, a todo o preço, com risco da vida do fotógrafo.

Historicamente, esta falta de autonomia tornou-se insuportável para os fotógrafos mais conscientes, tanto mais que, ao mesmo tempo, a fotografia foi reconhecida como uma arte em parte inteira. Há um certo número de anos que se refaziam as mesmas imagens, se repetia o estudo dos mesmos comportamentos, e o tratamento plástico destes materiais cada vez se tornava mais maneirista e académico. Os repórteres, em vez de se perguntarem o que estavam a fazer, deram um salto em busca de uma perfeição ideal. E Cartier-Bresson seguiu este caminho e ilustrou perfeitamente essa contradição de um artista realista no seio de uma agência de Imprensa.

A situação era dramática para os fotógrafos nos anos 50, no momento em que Cartier-Bresson criou a Magnum. Na época de Brand, Kertesz, Brassai, e todos os grandes da reportagem da vanguarda tiveram de parar visto a prática artística da reportagem ter sido censurada. Brand pôs-se a fazer retratos de nu, Kertesz fotos de decoração para magazines americanos, Brassai os seus grafitos, Bernard Frank parou dizendo que não tinha mais nada a dizer, e Klein, que chegou mais tarde à

Portes vítimas rtagem

m veterano da caça à actualidade



Daniel Cohn-Bendit e a polícia: Maio de 68 «apãhado» por Gilles Caron

reportagem começou-a como uma revolta a seu modo. Porque no espírito de toda a gente, nos anos 50, em plena guerra fria, o fotógrafo tornara-se um missionário encarregado de partir para os quatro cantos do mundo a fim de reunir as grande famílias de homens. Essa exposição de 1955, *The Family of Man*, foi desastrosa para a prática da reportagem. A fotografia tornou-se uma prática moral. Sabe-se o que dá a introdução do discurso

moral numa prática artística. E a fotografia tornou-se toda ela uma prática profissional, visto não poder exercer-se como arte.

E é aí que se situa a resposta de Cartier-Bresson a essa situação dramática. A partir deste momento o essencial da criação fotográfica é feita fazendo batota: fingiam submeter-se às necessidades do mercado, prosseguindo na verdade uma obra pessoal.

Depois da guerra fria as universidades americanas foram autênticos centros de resistência intelectual, de onde saiu a maioria dos grandes fotógrafos americanos (Diane Arbus). Foi nelas que se apoiou e praticou a ideia de que o fotógrafo é um artista em parte inteira, que tem uma história e a consciência disso. Essa ideia voltou-nos dos Estados Unidos depois da guerra. Agora já não é possível a um fotógrafo jogar com as confusões. Os anos 70 foram em França os anos da clivagem. A fotografia vive actualmente em todos os planos o período de ruptura mais importante de toda a sua história. A maneira como ela realizará essa ruptura é determinante quanto à sua sobrevivência. É bom não esquecer que ela pode desaparecer como prática de criação. A fotografia foi, desde o seu início, uma prática marginal da arte, mesmo sendo uma das artes que mais contribuíram, com o cinema, para a idade moderna. Agora que ela abandona essa marginalidade e a sua adolescência, que se torna uma arte maior, que tem a consciência da sua história e dos seus meios, que adquiriu a sua autonomia, o que vai fazer como tal?

Creio que a sua verdadeira aposta, neste outono da idade moderna, é o jogo das suas próprias qualidades: um regresso em força dos géneros que a fundaram historicamente, isto é, todos os tipos de paisagens, urbanas, naturais e industriais, o retrato, o nu, a natureza morta. É aí que actualmente se encontram os fotógrafos mais

interessantes e isso é muito claro entre os jovens de vinte e cinco anos: para eles, a reportagem acabou. Quando a fotografia tenta reencontrar o diálogo com a natureza a fazê-lo de um modo que se baseie nas sensações, ela traz a emoção às artes plásticas. O fotógrafo tenta recriar uma nova representação do mundo no qual vive baseando-se em sensações. Entre as outras artes plásticas, a fotografia é a única a ter um tal domínio das emoções, que pode criar ou não criar. Ela responde assim a uma necessidade actual absoluta: tomar de novo posse do mundo, abandonar o papel de *voyeur* que é, no fundo de toda a sociedade perante aquilo que a cerca.

A prática destes géneros foi largamente inspirada pela arte conceitual e minimalista. A distância que ainda guardam alguns fotógrafos — nas fotos de paisagem, por exemplo: ironia sobre os preceitos da arte moderna, sobre os nossos valores e as nossas representações — já não se usa. Pode-se e deve-se ir mais longe. Uma das grandes apostas da fotografia moderna é tornar caducos todos os preceitos que até agora fundaram as artes plásticas contemporâneas: gestão dos resíduos industriais, irrisão sistemática, conceitos mais importantes do que a obra. O fotógrafo pode fazer propostas de outra natureza. Mas ele não tem que criar uma nova vanguarda porque esse encadeamento de produções industriais modernas, onde se renovam constantemente modelos para manter o desejo da arte

Jovens turcos

A Sygma, a Sipa e a Gamma não são as únicas a fornecer fotos a jornais e magazines. Regularmente surgem à luz do dia novas agências mais ou menos ambiciosas e especializadas.

Em 1980, Michel Puech lança a *Companhia* dos repórteres, comprando os arquivos da *Viva*, uma das agências mais interessantes dos anos 70. A fusão *Companhia-Viva* não foi fácil porque os dois grupos de repórteres tinham concepções diferentes da fotografia. Hoje, a agência ainda é deficitária, repartindo-se as suas actividades entre as vendas de arquivos, o magazine, a fotografia industrial e publicitária.

Em 1981, jovens fotógrafos criam *Collectif*, que, como o nome indica, é uma cooperativa de repórteres. Beneficiando com a renovação do pessoal político em Maio de 1981, a agência consegue um belo êxito na cobertura da actualidade política, económica e social.

Num sector em que os clichés são muitas vezes sem originalidade, *Collectif* inova, cuida das imagens, modifica os ângulos. Espera-se agora da agência, que suportou bem a saída de um dos seus principais repórteres, Jacques Torregano, que entrou para a agência *Sipa*, imagens do mundo inteiro e grandes reportagens sobre a actualidade internacional.

O grande acontecimento de 1984 foi a criação de *Black Star France*, filial de uma das mais antigas agências americanas. Foi a primeira vez que os americanos investiram em França, numa agência de fotomagazine. A volta de 4 milhões de francos no primeiro ano. Para realizar grandes temas da actualidade, *Black Star* tirou sete repórteres experimentados à agência *Sipa*.

Mais modesta é a criação pela agência corsa *Kyrnea* de um escritório parisiense, que tem à frente Pascal Frey, antigo vendedor de *Magnum*. A agência especializou-se em fotos do Mediterrâneo e, principalmente da Espanha e da Itália.

Restam, enfim, as agências de actualidade e ilustração como *Rapho* e *Rush*. Mas, sobretudo *Magnum* que continua a ser considerada a mais prestigiosa das agências do mundo. Um «pool» impressionante de fotógrafos. Um rigor e uma decisão sem falha na imagem. A reportagem a preto e branco realizada por Sebastião Salgado na Etiópia, onde fotografou os horrores da fome, é um modelo do género. Imagens que a Televisão nunca poderá conseguir.

Magnum não é uma agência grande como a *Sygma*. É uma grande agência.

MG
(«Le Monde»)

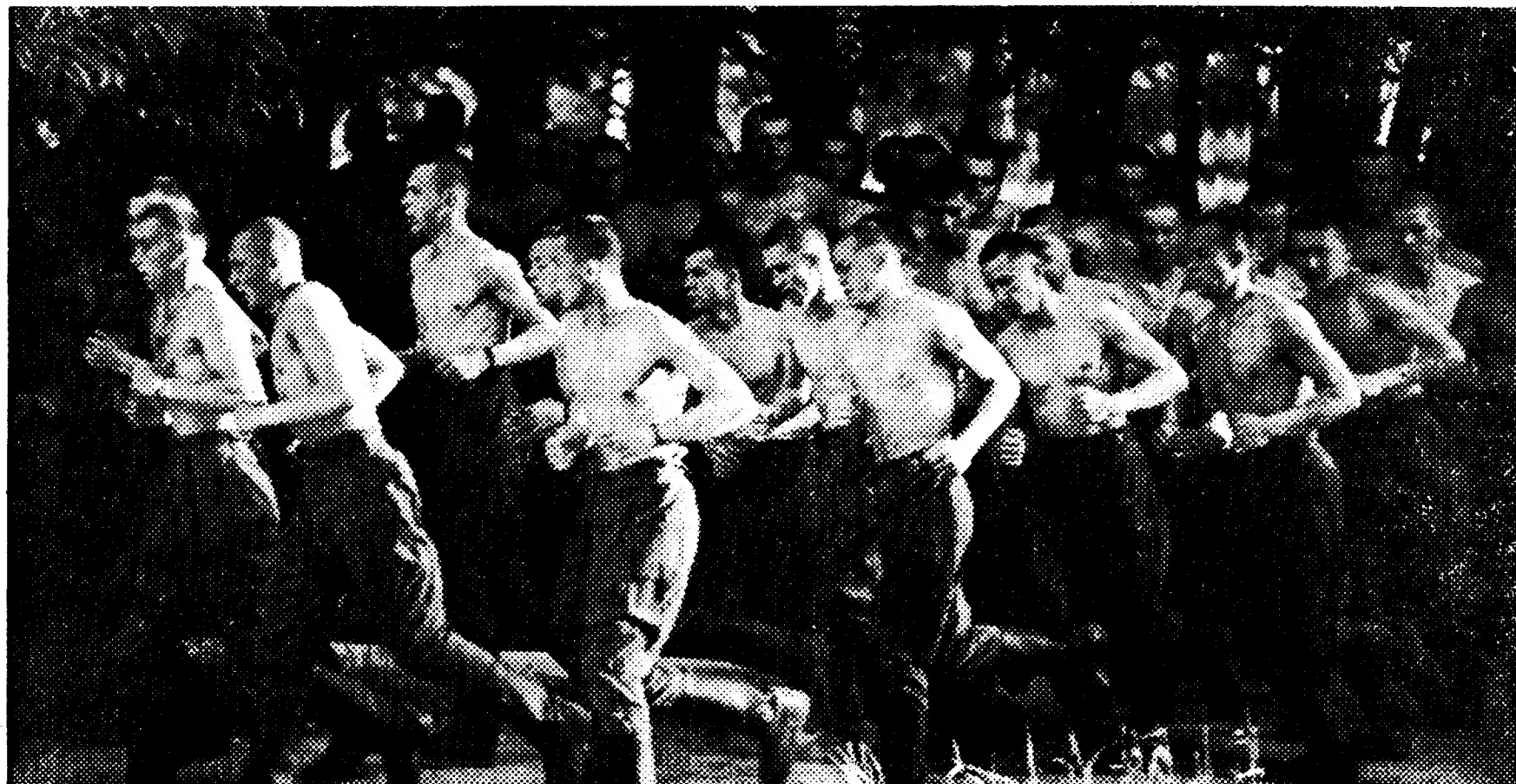
como o de um automóvel, só conduz ao vazio.

Se se quer conhecer o estado de uma civilização, basta olhar para o estado do seu território. E não se pode ver de modo mais claro as escolhas que, para além de todos os discursos ideológicos e clichés naturais, ela fez. Ver perfeitamente o que foi construído ou destruído, e ser levado a reconhecer o extraordinário vazio cultural que se criou. Esse vazio, mostra-o deliberadamente toda uma tendência da fotografia americana e europeia. Mas não penso que isso baste. Creio que é preciso preencher esse vazio, que nenhuma sociedade pode viver num tal vazio, sem grande perigo para ela. No início desta nova idade que sabemos inelutável, é preciso recriar novas

ordens, como ao Renascimento deve tê-lo feito. E Deus sabe se o Renascimento é uma idade moderna. De resto, encontra-se actualmente em muitos fotógrafos essa atracção pelo homem do Renascimento que ia procurar os seus modelos e a sua inspiração nos vestígios e nos monumentos do passado. Para, paradoxalmente, encontrar a sua idade moderna.

Devemos reinventar novas estruturas visuais. Estruturas que possam dar conta, sem a reduzir, da extraordinária complexidade da época actual. Sempre se podem subtrair partes inteiras, mas a fotografia talvez seja a única a poder fazer uma síntese de toda essa complexidade. No momento em que a pintura pergunta a si mesma o que deve mostrar, como fazê-lo e em que base essa nova representação, e antes que ela o consiga, a fotografia tem uma formidável cartada, encontra-se numa situação histórica excepcional. É, sem dúvida, uma das mais belas possibilidades que jamais teve. Conseguir-lo-á? Não sei. Mas se ela o não consegue, creio que vai desaparecer e que dela só subsistirão alguns muito raros marginais.

O facto de se desejar, de repente, tomar em conta o estado do território, já não de um modo tecnocrático ou ecológico mas de um modo verdadeiramente aprofundado como só a arte o pode fazer, provoca uma incrível expectativa. A paisagem social era o grande tema da literatura, depois a reportagem esgotou-o. Agora é a televisão e o cinema que se dão conta disso, infinitamente melhor do que a fotografia, visto poderem reduzir-lhe a complexidade sem o conduzir a clichés culturais simplistas. A fotografia é, de repente, tomada por aquilo que pode fazer de melhor, onde é mais forte que o cinema e a televisão: dando-nos a possibilidade de podermos contemplar de novo o mundo em que vivemos, e os meios de o reimaginar.»



Treino de jovens soviéticos (18 anos) na escola do Exército Vermelho de Ostrov em 1968: um SCOOP da Sipa

GRAFITUPESTRE GRAFITIPOP

PAULO VARELA GOMES

Admiror, paries, te no cedias ruínas
(inscrição numa parede de Pompeia)

Longo tempo depois da guerra nuclear, alguém percorrerá as ruínas do hemisfério norte e escavará no meio delas. Por via de Leroy-Gourham e da sua ironia em «As religiões da pré-história», podemos ser um pouco cínicos sobre esse futuro quase presente: debaixo da terra, o investigador pós-nuclear encontrará os corredores sem dúvida obstruídos e escuros do metro e, nas suas paredes e carruagens, uma vez removidas a poeira e a ferrugem e retiradas a pedra e o plástico fundido, encontrará os graffiti. Se tiver perdido todo o conhecimento desta civilização ocidental pós-industrial, olhará para ostraços, letras e figuras para lá ver coisas várias e disparatadas: vestígios de cultos, propósitos mágicos...

Enganar-se-á muito? É que há vários aspectos que aproximam os graffiti da pintura rupestre paleolítica: o local, em primeiro lugar. Os corredores do metro ou as paredes escondidas de prédios velhos são também lugar de cultos subterrâneos, secretos e semi-secretos; exibicionistas uns, mais discretos outros, de fuga à luz todos; há alguns anos, um canto mais escondido dos corredores da estação de Piccadilly em Londres era o cenário de reuniões silenciosas de junkies que se liquefaziam à espera do «chuto» que a generosa lei lhes facultava: e quem não tem uma irmã ou namorada que não tenha ainda tido que se afastar, no metro, de uma gabardina semiaberta?

Mas, para além do local, há uma série de correspondências formais mais interessantes: o graffiti da 1.ª fase (a que se baseava essencialmente em traços e letras e não cobria superfícies inteiras (1), aproxima a escrita do devaneio: anual tão involuntário como as marcas das patas das gaivotas na praia muito de manhã; e aproxima a forma de uma caligrafia incompleta no seu propósito: uma ideia devaneante, quase-íntima. Como muitas pinturas rupestres, o graffiti parece ser feito com o simples objectivo de fazer aparecer alguma coisa onde antes não havia nada: um

exercício de motricidade e deslumbramento da vista também semelhante às primeiras figurações infantis (2).

Um outro aspecto é o da relação com o suporte (3): os autores da pintura rupestre não pensavam a superfície como fundo distinto e por vezes sobrepunham as imagens; as irregularidades do campo de suporte transpareciam na pintura. As imagens paleolíticas «deviam lutar contra os acidentes e irregularidades (espécie de ruído de fundo) do campo que não era menos articulado que o signo e podia irromper neste» (4). Repare-se, a este propósito, na aparente indiferença do pintor de graffiti pelo suporte que escolhe; por vezes, especialmente nos graffiti da primeira fase, essa indiferença parece funcionar por defeito e a inscrição ou ilustração viaja sobre as irregularidades da superfície convocando-as a transparecer — escolha do local, súbitas interrupções, etc. — ou sendo vítima delas; noutros casos, da Fase Two, trata-se de uma arrogância (de um excesso) em que, como se vê em algumas sequências de Beat Street, o suporte é completamente ignorado como se não existisse senão enquanto tela ou parede lisa (o que levanta outras questões que abordarei adiante).

Existem todavia outros aspectos do graffiti contemporâneo na sua relação com o suporte que são caracterizadamente modernos: trata-se da maneira como suscitam o problema da concepção do espaço. A pintura antiga passou, na sua origem, pela descoberta do suporte enquanto superfície alusória e ilusória: figuração de espaço. As figuras começaram a ser concebidas para essa superfície e, como na evolução do desenho infantil, surgiram linhas que representam o céu, a terra e, com Brunelleschi, linhas imaginárias de uma imaginada profundidade perspectiva. De facto, não há espaço sem suporte. No graffiti contemporâneo surgem, neste campo, duas soluções (que muitas vezes se sobrepõem); por um lado, o fundo não é concebido como local de espacialidade ilusória mas apenas como «estante» de exposição de figuras um pouco como o papel onde aparecem letras impressas — mas esta é a solu-

ção «paleolítica»; por outro lado, contudo, a desconsideração do suporte deve ser entendida como a sua hiperconsideração, quer dizer, a concepção de um suporte total, de tudo como suporte. O que é o mesmo que dizer que se trata de uma espacialidade atopológica, sem orientação nem lugar, e onde se confunde constantemente a representação com a coisa (5) (herança da Pop? Lá irei daí a pouco); o graffiti contemporâneo é produto, também, da morte da concepção tradicional (dita euclidiana) da espacialidade.

Ainda uma questão de «modernidade»: a ausência de molduras; no graffiti como noutras manifestações da arte moderna chama-se desse modo a atenção para o carácter accidental e fragmentário do signo (evidentemente reforçado no caso do graffiti e por meios bem modernos — os da velocidade dos metros e os da luz (6) saltitante das estações onde o metro passa como um filme — e como num filme: lembrem-se «Warriors» e os fantasmagóricos comboios desertos e coloridos como arco-íris metálicos e nocturnos... ou as melhores sequências de «Saturday Night Fever»); além disso, a não existência de moldura (que me parece reaparecer travestida na Fase 2) contribui para a des-orientação da representação (confusão do alto e do baixo, etc.), isto é, para a erosão das espacialidades tradicionais.

«Gosto bastante dos últimos momentos de vida de qualquer coisa. Um objecto abandonado, um detrito, transportam consigo toda uma história: é o que me faz procurar objectos abandonados.»

(R. Rauschenberg) (7)

Os termos GRAFFITO ou SGRAFFITO (de estilete, em latim GRAPHIUM) começaram por aplicar-se às peças artísticas da Antiguidade baseadas em incisões lineares sobre suporte de metal e, depois, pedra (e também às inscrições nas paredes, nomeadamente em Pompeia e Herculano). O sgraffito tornou-se uma forma de decoração arquitectónica cujo exemplo mais famoso talvez seja o que se pode ver no n.º 2 pátio do

Palácio Medici-Riccardi em Florença.

Nesta concepção tradicional (a que correspondiam técnicas e formas específicas) o graffiti era um recurso de realce do objecto.

Mas depois chegou a idade das ruínas habitadas por seres humanos (as nossas). E o graffiti tornou-se algo de completamente diverso. Examinaria agora brevemente a sua relação com o objecto, com a banda desenhada e com a «Arte» (a «grande» arte...)

A primeira evidência é que o florescimento do graffiti só foi possível numa sociedade onde os territórios da lei se circunscreveram pouco a pouco a áreas longamente disputadas e onde o sentimento do efêmero dos edifícios e dos objectos é maior que em qualquer outro lado: nos Estados Unidos, é claro. Em nenhum outro local, salvo talvez em certas áreas de Londres, é possível refazer culturas e modos de vida num décor de progressivas ruínas ou alterar esse décor sem qualquer esperança ou vontade de perpetuação. O objecto está, deste modo, ao mesmo tempo presente e ausente; e é também por isso que a relação do graffiti com o objecto é de uma extrema e muito interessante ambiguidade. A arte POP exerceu essa ambiguidade do objecto transformado em imagem e da imagem transformada em objecto cortejando a confusão da representação com a coisa e, ao mesmo tempo, mantendo um «discurso irónico sobre a escassez da realidade» (8). Mas, do objecto, passou-se, com o graffiti, ao que se faz sobre o objecto, ao objecto como *écran*; a ruptura da relação utilitária que se dava já na Pop é agora reforçada pelo que, ao mesmo tempo, toma a realidade existente como coisa e a apaga como suporte (por aqui se aproxima o graffiti do vídeo).

A afirmação de Rauschenberg que citei dá conta do fascínio com a *narratividade* própria do objecto-ruína; uma narratividade minimal tanto pelo lugar que é concedido ao devaneio pela escassez da amarra material, como pela escolha do objecto, normalmente *quase* contemporâneo (residindo nesse «quase» o seu poder narrativo minimalizado) (9). Mas o graffiti é um pouco

anti-ruína, traçando com cores vibrantes a contemporaneidade. No máximo *afeiçoa-se* à ruína muito efêmera da cidade, envelhecendo depressa e nunca adquirindo «dignidade» nessa decrepitude. A contemporaneidade é, deste modo, uma passagem, um *momento* e aquilo que é *coberto* nos locais é também o que *narratiza* esses locais, os torna «dignos» de olhar e menção.

Todavia, talvez possamos ir um pouco mais longe recorrendo às «qualidades» que Heidegger atribui ao objecto: «Zuhandenheit», o objecto que está «à mão», alcançável, visível e utilizável e, portanto, *transparente*; «Vorhandenheit», o objecto que se torna presente e *opaco* porque não está quando é preciso, porque se faz ver por uma qualquer razão. A pop explorou a opacidade — a presença obtusa e disfuncionalizada — do objecto. O graffiti, porém, antifuncionalismo absoluto e quase pontuação arquitectónica pós-moderna, coloca sobre o objecto uma imagem ou uma inscrição. Ramon, em «Beat Street», ao pintar sobre a janela do metro torna-a opaca, sim, mas inexistente (o seu gesto é, aliás, tão determinado que chegamos a duvidar que a tenha sequer visto...). A passagem do graffiti à Fase 2 será talvez uma afirmação de vida contra a ruína, de presente contra a narração... mas é certamente também o desvanecimento da fragilidade em favor de uma ambição de Arte (com maiúscula). Rimbaud, em «Une Saison en Enfer», dizia que achava «irrisórias... as celebridades da pintura e da poesia modernas. Gostava das pinturas idiotas, escritos nas portas, décors, telas de saltimbancos, cartazes, iluminuras populares». O graffiti, hoje, sobe da rua ao Museu, lugar onde, por definição, todos os objectos se alinham em parada, fardados (até no sentido de maquilhados). O autor de graffiti de «Beat Street» entusiasma-se com a perspectiva de encontrar um metro de carruagens brancas como uma parede ou uma tela; exige a cobertura total das superfícies; indigna-se quando alguém vem sobre as suas pinturas apor novos signos (no caso dejectos, «spit») o que era a prática corrente dos graffiti

mais antigos.

É nesta tentativa ascensional um pouco ambígua que o graffiti encontra a banda desenhada. E, mais uma vez, ao contrário do que fazia Lichtenstein, por exemplo, o pintor de graffiti da Fase 2 elabora «cartazes» (10), isto é, figurações destinadas a produzir um sentido total e auto-suficiente. A referência à banda desenhada é escolhida pelas suas características de facilidade técnica, imediatez iconográfica, protuberância visível. A segmentação da BD (nos planos temporais, narrativo e figurais) é desprezada (11) em favor de totalidades e coberturas.

É que talvez as qualidades do graffiti mais ligadas a uma narratividade minimal, ao efêmero, e mais verdadeiramente urbanas só se possam encontrar, hoje, na maquilhagem e na escultura capilar.

GRAFFITICORPOS que passam...

Este texto foi escrito a propósito do único verdadeiro graffiti figurativo existente em Lisboa — o que foi realizado pelos Quatro Elementos Editores na Av. 5 de Outubro.

NOTAS

- (1) Cf. art.º de Alexandre Melo in «Expresso-Revista» de 29/9/84.
- (2) Cf. R. Arnheim, «Arte & Percepção Visual», Pioneira, S. Paulo 1980 (1954-74), pags. 157 e segs. e O. Gouveia Pereira e M. Grade in publicação da FL da Univ. de Coimbra, 1978.
- (3) Para toda esta questão, cf. Meyer Shapiro, «Champ et véhicule dans les signes iconiques», CRITIQUE, Ago/Set. de 1973.
- (4) Idem.
- (5) Cf. Paul Virilio, «L'espace Critique», Christian Bourgeois, Paris 1984.
- (6) Idem. Observe-se também que o graffiti é feito para ser visto por observadores que se movem ou ele próprio se move. A sofreguidão apropriadora de Museus e galerias explica-se, antes de mais, pelo desejo de os parar ou de forçar o observador à paragem monumentalizante.
- (7) Cit. in JP Keller, «Pop art et évidence du quotidien», L'Age d'Homme, Lausanne 1979.
- (8) Cf. Youssef Ishaghpour, «Le représentable» in TRAVERSES 29, Out. de 1983.
- (9) Cf. JP Keller, op. cit.
- (10) Interessante, deste ponto de vista, é o trabalho de Costa, pintor parisiense de graffiti, que, sobre cartazes publicitários, apõe figuras e inscrições irónicas e «monstruosas» (cf. nomeadamente o n.º de PHOTO-REVUE de Julho de 84).
- (11) O trabalho de Lichtenstein é bem o oposto disto. Cf. L. Allouway, «American Pop Art», Collier Books, NY 1979, pag. 16 e segs.

M U D A N Ç A

O CONVITE À DIFERENÇA

O que está em jogo numa opção desviante? O desvio pode ele próprio ser colocado como uma opção? Se uma multiplicidade se organiza, o que se passa então, e o que é que passa através de todo esse movimento? Aceitar um convite à diferença não é já ser caçado pelas malhas da conformidade? Finalmente, esse convite não é perverso como todos os convites?

PEDRO FRADE

Entre muitos outros, é vulgar hoje ouvir-se repetir toda uma série de discursos que, de uma forma ou de outra, se pretendem inserir num espaço intervalar do social, espaço de diferença entendido como **opção desviante** a assumir conscientemente. Um olhar atento deverá no entanto tentar explicitar e pôr em relevo certas questões, cruciais precisamente porque não muito evidentes. Pensar o desvio em termos absolutos equivale a redificar e erigir em sistema positivo práticas que apenas devem ser entendidas em termos negativos de demarcação em relação a uma norma ou a um sistema normativo, práticas em que a definição do que não se deve fazer prima em relação à definição do que deve ser feito. O desvio apenas pode consistir numa estratégia e num jogo tático que encontra a sua pertinência justamente na precariedade necessária das suas posições, das suas **poses**. Este é um dos grandes problemas que se colocam nas organizações que enunciam a pretensão de configurar uma qualquer opção desviante a exprimir em termos militantes: esse movimento de cristalização centralizadora releva já não de uma lógica defensiva ou reactiva, mas implica uma pretensão filosófica a uma certa universalidade pelo menos virtual.

E neste espaço assim aberto, dois reparos podem já ser feitos: primeiro, é que a legitimidade que se procura assim obter é fundada numa ficção, a saber que esse grupo detém a verdade sobre a prática ou conjuntos de práticas a que empresta corpo. Estamos portanto ao nível da captura do corpo pelo conceito: não é à toa que se exige na praxis militante uma clara definição dos agentes. Segundo, que é precisamente nesse passo organizativo que a minoria desviante se põe num lugar óptimo para ser ela própria desviada. O devir mesmo da diferença tende portanto à sua normalização.

Os trabalhos de Michel Foucault podem ser lidos como um percurso em que se lançam os fundamentos para uma reflexão sobre o problema do sujeito: após uma leitura atenta da sua obra transparece a inter-relação profunda entre as práticas de sujeição e os processos de subjectivação. Elas trabalham-se mutuamente. Quando, em «Vigiar e punir» (1) ele tenta construir uma analítica interpretativa do

sujeito enquanto objecto de «práticas divisoras» em que o sujeito é separado no interior de si mesmo ou separado dos outros, no quadro de uma gestão utilitária dos corpos, ou ainda quando enceta o estudo dos processos pelos quais um ser humano se torna sujeito (de uma sexualidade, mas também a uma sexualidade), todo o seu trabalho mostra que o próprio problema da existência de sujeitos é impensável fora do quadro muito vasto das relações de poder e saber que constituem as condições necessárias e suficientes, o «a priori» histórico da sua emergência.

Falar destas teses de Foucault é então chamar a sua intuição primeira de um biopoder ou, como dizem Dreyfus e Rabinow (2) de um bio-tecno-poder. A intuição fundamental de que o poder é uma tecnologia, ou melhor que os diversos poderes correspondem a diversas tecnologias e que o poder, longe de ser uma propriedade, é antes o seu próprio exercício, estão aqui no cerne do problema.

Ora falar de uma microfísica do poder é para Foucault postular que «pode haver um saber do corpo que não é exactamente a ciência do seu funcionamento, e um domínio das suas forças que é mais do que a capacidade de as vencer: este saber e este domínio constituem o que se pode chamar a 'tecnologia política do corpo'». (3). A tal ponto que a ficção burguesa do Estado de Direito só foi possível através do seu correlato necessário: a máquina abstracta do panoptismo, a metamáquina do poder de uma visibilidade que induz uma docilidade extrema naquele que, sempre em posição de ser vigiado, não tem meios de saber se o é efectivamente. Primeiro pelas disciplinas, depois pela vigilância disciplinar generalizada, tornaram-se possíveis as ficções humanistas do «homem livre», ficções humanistas essas que pretendem mascarar justamente como o homem (se é que o homem existe) é trabalhado já não em relação ao Direito enquanto instância de lei que se põe como transcendência em relação à prática, mas na e pela própria tecnologia do poder no seu exercício maquínico. O desenvolvimento tecnológico do poder, a própria performatividade do seu exercício são as provas mais evidentes do estatuto simulacral da liberdade e do direito.

No seu texto sobre o exercício do poder Michel Foucault enuncia a distinção fundamental entre poder e violência: o poder apenas se pode exercer sobre indivíduos «livres», e precisamente na medida em que eles são «livres». (4) O que significa que ele apenas se pode exercer num **gesto suspensivo**, retido na iminência da sua transformação em violência ou constrangimento físico. Distinção subtil que faz com que pensem imediatamente em Elias Canetti e no seu feliz exemplo do gato e do rato: o rato, uma vez apanhado, está sob o **regime de força** do gato. Mas quando este o liberta na intenção de brincar com a presa antes de a matar e aquele aproveita para se subtrair a este regime, está todavia no poder do predador fazê-lo regressar. **O raio de poder** do gato consiste exactamente nesta interzona espacial que se estende entre uma zona de independência e uma zona de constrangimento físico. (5)

Talvez possamos agora compreender algo mais não em relação às «pequenas diferenças, sinuosas, que nunca estão onde as procuram e que aparecem por todo o lado apenas para alguns, mas sobre os pretensos e pretensiosos discursos de «libertação da diferença que se fazem ouvir cada vez mais obsessivamente por todo o lado: é preciso reconhecer que **há um convite à diferença, mas a uma certa diferença**, arrefecida, que se processa através de uma encenação espectacular que visa **revelar** (no sentido fotográfico do termo) o espectro latente das minorias provocando um movimento identitário que no limite reverte a própria prática e o discurso minoritário ao torná-los em **modas**, isto é, em **modelos**. A amplificação mediática da diferença tende a torná-la diferença.

É claro que uma das importantes questões aqui contidas e que convém não escamotear é a do indivíduo, questão que hoje assume uma nova pertinência através das teorizações do novo individualismo, carregado de valores hedonistas: ainda mais uma dos «libertadores», profissão de fé da ingenuidade (ou da perversidade). O indivíduo, se isso existe, é em função de uma determinada génese histórica, que se liga necessariamente à linearidade perspectiva do arquivo, de uma gestão documental que lhe fixa uma identidade, um lugar, movimentos e usos possíveis e permitidos. O indivíduo só pode existir como corpo saturado de inscrições. Foucault fala de uma «inversão da visibilidade»: o indivíduo tende a tornar-se cada vez mais visível, e o poder cada vez mais anónimo. (6) A nova ordem da visibilidade é da ordem da higiene constatativa pela objectivação maximal do sujeito; os imperativos são de exaustividade: cobrir não só a superfície

como também o interior do sujeito, mas também antecipar os seus movimentos, apossá-lo nos seus percursos. Em suma, «governá-lo». É então pelo menos curioso que o convite à assunção da diferença apareça com um vigor especialmente forte nos estados em que mais a sério se leva a questão da informatização do arquivo. Informatização dos ficheiros, criação de bancos de dados nacionais que deverão receber informações dos hospitais, das escolas, das empresas, dos bancos, dos municípios, das finanças, das polícias, toda uma rede que se constitui como teia de saber em que a própria individualidade joga como encarceramento. A nova identidade estatística já não é fragmentada segundo a silhueta das diversas instituições que operavam anteriormente levantamentos parciais de saber sobre o sujeito: ela funda-se, pelo contrário, numa colagem institucional de perfis, que tende para um **estatuto hiper-real do arquivo**. O arquivo tende, com efeito, a tornar-se **hiper-real** do que o próprio sujeito.

A copresença do arquivo e da diferença neste texto, que não está longe de espantar os desatentos, reenvia fundamentalmente para uma capacidade de incorporação como meio de gestão útil da diferença, incorporação essa que introjecta a própria organização marginal da diferença no processo de produção do poder. A diferença, depois de neutralizada pela sua transformação em modelo, fornece ainda um **ponto estável** a partir do qual é possível uma objectivação ainda mais exaustiva dos sujeitos nela envolvidos. A tecnologia de gestão dos desvios separa-os e classifica-os no mesmo movimento em que os perverte, tornando-os alvos do saber sociológico, antropológico e psicológico enquanto razão instrumental, e objectivos postos a nu para a intervenção económica do poder. Eis porque o ênfase no convite à diferença poderia muito bem constituir um dos últimos avatares da sanção normalizadora...

Notas

(1) *Surveiller et punir*, Michel Foucault, NRF Gallimard, Paris 1975.

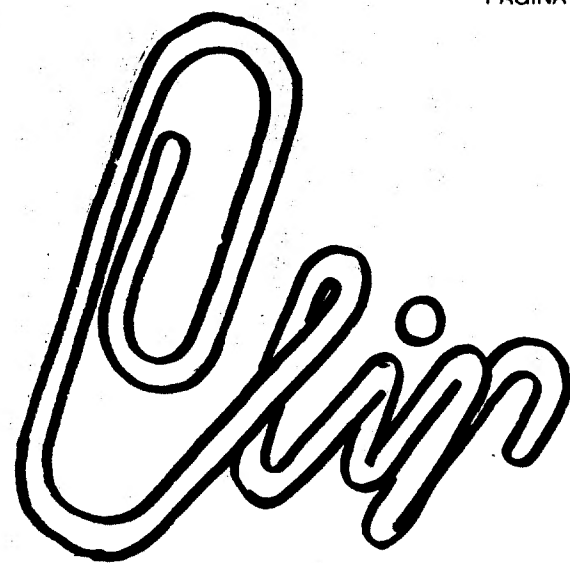
(2) *Michel Foucault-Un parcours philosophique*, Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, NRF Gallimard, Paris 1984.

(3) Michel Foucault, op. cit., p. 31.

(4) Reporta-se aos dois textos fundamentais de Michel Foucault publicados no livro de Dreyfus e Rabinow citado supra, «La question du sujet» e «Le pouvoir, comment s'exerce-t-il?».

(5) Elias Canetti, *Masse et Puissance*, NRF Gallimard, Paris.

(6) Ver «*Surveiller et punir*» e «*Michel Foucault-Un parcours philosophique*».



• Decorria a Segunda Guerra Mundial quando Olivier Messiaen, preso num campo de concentração, compôs uma das maiores e mais lindas obras do século e que foi também a sua última contribuição para o mundo da música. Chama-se *Quarteto para o Fim do Tempo* e é amanhã interpretada na Gulbenkian, às 18 e 30, pelo The Nash Ensemble of London, uma formação de câmara que integra trio de cordas, clarinete, flauta e piano. A não perder. Também na Gulbenkian na quinta e na sexta-feira, às 21 e 30, a apresentação do novo programa do Ballet da fundação: *Regresso a Uma Terra Estranha*, de Jiri Kilián Janáček; *Nuages*, também de Killian e Debussy; *Pulcinella*, de Milko Sparenblek e Stravinsky e *Terra do Norte de Olga Roriz* com músicas tradicionais portuguesas recolhidas por Michel Giacometti.

• Enquanto no Apolo 70 continua em exibição o filme «Janela Indiscreta» de Hitchcock, o Quarteto lança «A Corda» do mesmo realizador. Duas «fitas» que valem por mil. Entretanto, o ciclo de ficção científica que já se tinha despedido da Gulbenkian, entrou nos seus últimos dias na Cinemateca. Hoje, às 21 e 30, pode ver «A Boy and His Dog» de L. Q. Jones e «Eraserhead» de David Lynch, o realizador do «Homem Elefante». Amanhã, às 18 e 30, é a vez dos franceses Jacques Rivette e Luc Besson com «Le Pont du Nord» e «Le Dernier Combat». Na quarta-feira, às 21 e 30, o adeus com «2010» de Peter Hyames. Acaba a ficção científica, mas começa no Porto, na sexta-feira o grande momento do cinema do fantástico, ou seja, a quinta edição do *FantasPortoi*. «1984» de Michael Radford é o filme de estreia às 21 e 30, sendo precedido por criações inspiradas em «Alice no País das Maravilhas» e cujo conjunto recebeu o nome «A Moda do Fantástico». À tarde, às 15 e 15 e 19 e 15, o início de dois ciclos realizados no âmbito do Festival e dedicados a Karol Zenman com «A Invenção Diabólica» e a «Viagem à Pré-História», e a Jacques Tourneur, com «Cat People».

• O Lumiar já tinha o Museu do Traje, mas a partir de hoje vai ter o Museu do Teatro, onde muito se poderá ver da história da «arte de representar». Fora do museu, não perca de vista a nova peça da Cornucópia, «O Parque», de Botho Strauss, de terça a sábado às 21 horas e domingo às 17 horas, «Celestina» de Fernando de Rojas, reposto pelo Teatro Ibérico, de terças a sábado às 21 e 30, à Comuna, onde no Café-Teatro pode ver «Pó de Palco», de Abel Neves, Carlos Paulo, Herberto, Jorge de Sena, José Pedro Gomes, Luís de Campos, Manuel Alegre e Karl Valentin.



Gilberto Gonçalves e Eunice Muñoz em «O Parque»

doces crónicas

O NUNES A SEMANA PASSADA VINHA MUITO CONTENTE POIS TINHA CHEGADO A CONCLUSÃO DE QUE QUANTO À CULTURA, POR CÁ TUDO BEM!



DIZIA ELE:

TÍTULO: POR CÁ TUDO BEM!

"A VERDADEIRA CULTURA (A DOS AVIÕES MILITARES, TANQUES, CANHÕES...) CONTINUA COM GRANDE DESENVOLVIMENTO!"



OS GOVERNOS TÊM VINDO SUCESSIVAMENTE A DESENVOLVER NOTÁVEIS ESFORÇOS NO SENTIDO DE DESENVOLVEREM E INCREMENTAREM AS NOSSAS TRADIÇÕES CULTURAIS: SHOPPING CENTERS, SNACK BARS, TELENUEVAS, TOPO-GIGIOS, ETC.



OS GRANDES ARTISTAS E INTELLECTUAIS PORTUGUESES TÊM VINDO A SER CONSECUTIVAMENTE HOMENAGeadOS E CONDECORADOS (VEJAM-SE OS CASOS DO GENERAL X, DO MAJOR Y OU AINDA DO ALMIRANTE Z)!



EM CONTRAPARTIDA AS INSTITUIÇÕES DE CARÁCTER BÉLICO (TEATROS, JORNAIS, BIBLIOTECAS, CINEMAS, ETC.), SÃO REDUZIDAS À SUA IMPORTÂNCIA EM TEMPO DE PAZ!



A ESTE FACTO, SOMAM-SE ALGUMAS MEDIDAS DE CARÁCTER ECONÓMICO: OS PREÇOS DE CERTOS ARTEFACTOS ANIQUILANTES (LIVROS, DISCOS, APARELHAGENS MUSICAIS E FOTOGRAFICAS...) TÊM SIDO CUIDADOSA MAS CONTINUAMENTE AUMENTADOS, ENQUANTO OS ARTIGOS DE CARÁCTER CULTURAL (BALAS, PISTOLAS, GRANADAS, BAZOOKAS...) TÊM-SE MANTIDO AO ALCANCE DE QUALQUER BOLSA!



E QUANDO TERMINOU, SUSPIROU FUNDO E OLHANDO À SUA VOLTA DISSE:

"ISSO É PENA ISSO AÍ DO OBJECTOR DE CONSCIÊNCIA!"



"MAS ELES QUEREM ACABAR COM A CULTURA, OU QUÊ?" — DISSE O NUNES A CONCLUIR A IDEIA!



Um jornal para crianças que não é infantil

«Gosto deste jornal porque explica tudo de uma maneira melhor do que os diários para adultos» — comentou Mathieu Zimmermann, 11 anos, de Estrasburgo. «Sei ler os artigos, não preciso de pedir constantemente aos meus pais para me explicarem algo» — acrescentou.

Como Mathieu pensam muitas crianças da Alsácia, entre os 6 e os 16 anos, que desde há quase meio ano lêem «Le Journal des Enfants», um periódico editado pelo diário «L'Alsace», de Mulhouse, especialmente para crianças. Nunca antes foi publicado algo semelhante na França.

O semanário, publicado a várias cores, não se diferencia, à primeira vista, de um jornal normal quanto aos temas: os soviéticos no Afeganistão, pensamentos por ocasião do ano novo, as superpotências em Genebra. Só ao lê-lo é que se notam as diferenças.

Sob o título «os indianos elegem» o jornal escreveu: «A semana passada, os indianos elegeram pessoas para que fossem seus chefes. Para isso, cerca de 380 milhões de pessoas depositaram boletins numa urna, o que significa que votaram.»

O mesmo artigo explicou que os indianos integram a «maior democracia do mundo» e que democracia é um termo que provém do grego significando «governo do povo».

Ao lado de um artigo sobre o marechal Sergei Sokolov, o novo chefe das Forças Armadas soviéticas, o jornal

publicou um outra notícia dizendo que a União Soviética «fica em parte na Ásia e em parte na Europa. É o maior país do Mundo e a sua capital é Moscovo».

«Não é um jornal infantil, mas um jornal para crianças» — frisou Beatrice Dufour, que, juntamente com um repórter da televisão de Estrasburgo, teve a ideia de arranjar notícias próprias para menores.

Jurista de profissão, Beatrice Dufour escolhe as notícias dos diários e escreve todos os artigos para o semanário, que tem quatro páginas.

«Pretende explicar os complicados acontecimentos da forma mais simples possível» — disse: «O mais importante e verdadeiramente novo é que só utilizo o idioma falado.»

A única página «infantil», no sentido tradicional, é a última.

Ali se publicam desenhos enviados pelas crianças, assim como jogos e programas escolhidos pela televisão francesa.

«Gostaria que publicassem mais jogos e os números premiados das lotarias, para saber primeiro do que o meu pai» — afirmou Mathieu.

Segundo um primeiro balanço, o jornal teve um grande acolhimento. Na primeira fase da experiência, foram distribuídos gratuitamente dez mil exemplares como suplemento de «L'Alsace».

sete

MENSAGENS PESSOAIS

Renault 5 TL vende-se

Um só dono. Particular. Dezembro de 1980. 440 contos. Telef. 793387 depois das 20 h.

Estofador

Faço novo e restauro todo o tipo de maples, Henrique Gouveia. Telf. 539776 Lisboa.

Decoradora

Faço e coloco, todo tipo de cortinados, reposteiros sanefas, calhas, etc. Luísa de Abreu Telef. 539776 Lisboa.

Duplicador e ampliador de fotografia

Vende-se: duplicador Rex-Rotary, automático e manual, revisto e em muito bom estado; ampliador de fotografia Opemus-5 com muito pouco uso. Contactar telefone: 7141676 das 20 às 22 horas.

Vende-se MG 1300 MK II

Ano de 1971 — faróis de iodo, tranca direcção na chave de ignição, alarme, pneus novos, estofado de novo, pintura assim-assim é um só carburador. Particular a particular.

Contactar Eduardo Oeiras pelo telefone: 384675 das 8 às 13 ou das 15 às 18 horas.

Windsurf e Surf

Reparações em pranchas de Windsurf e Surf. Vendo prancha (Windsurf) marca Wayer. Bom estado. Contactar José R. Brandão. T: 634106.

Topografia

Vendo várias tabelas taqueométricas, livros cimento armado e técnicos da Biblioteca da Instrução Profissional. Transferidores em gradus, 3 peças de papel vegetal 1,10 x 20, 90 gr.

Contactar telefone 664508 das 20 às 21 horas.

Vende-se microcomputador

Microcomputador + teclado + extensão de memória + transformador + cabos de ligação + manual de instruções vende-se tudo. Caso esteja interessado responda para : José António Virgolino — Rua João de Deus, 31, 3.º Esq. — 2400 Leiria.

Poesia e juventude

Procuram-se jovens de qualquer idade, amadores de poesia, poetas, declamadores, músicos, cantores ou simplesmente animadores culturais ou ainda com gosto por organização, que queiram reunir-se em cooperativa cultural. Resposta com especificação a: PROJECTO -CONVITE, Apartado 1332, 1009 LISBOA CODEX.

Ficheiro de efemérides

Vendo pela melhor oferta ficheiro de efemérides com cerca de 30 000 fichas abrangendo todos os assuntos. Para ver e tratar contactar através do telefone 9210407 depois das 20 horas até às 23.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.